

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



TRABALHO DE PROJECTO

“Viver” a Leitura: A Dinamização da Leitura na Biblioteca Qe

Vera Lúcia Simões Lopes

CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE
EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de Especialização em Formação de Adultos

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



TRABALHO DE PROJECTO

“Viver” a Leitura: A Dinamização da Leitura na Biblioteca Qe

Vera Lúcia Simões Lopes

Trabalho de Projecto Orientado pela Prof. Doutora

Natália Alves

CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE
EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de Especialização em Formação de Adultos

2011

RESUMO

O acto de ler significa, a prática de fazer as palavras fazerem sentido, de compreender e de relacionar as vivências que a compreensão das palavras proporciona e, deste modo, com o passar dos tempos o Homem foi percebendo o valor que a leitura tem para o seu desenvolvimento pessoal e social.

O presente Trabalho de Projecto de Intervenção tem como principal finalidade a o desenvolvimento de um projecto de dinamização da leitura para indivíduos com atraso de desenvolvimento intelectual. O principal intuito da finalidade apresentada, relaciona-se com a importante necessidade de o público-alvo compreender a importância da leitura no processo de desenvolvimento pessoal. O projecto terá por base a realidade da Associação Qe Sintra.

Com o desenvolvimento deste Projecto de Intervenção espera-se que os alunos da Associação Qe desenvolvam o gosto e o nível de compreensão da leitura, promovendo o desenvolvimento pessoal e educativo para que a cada dia os alunos da presente Instituição consigam transforma-se em cidadãos críticos e criativos para conseguirem uma integração plena na sociedade do conhecimento.

Palavras-Chave: Biblioteca; Deficiência Mental; Leitura e Dinamização da Leitura.

ABSTRACT

The act of reading means, the practice of making words make sense, to understand and relate their experiences that provides understanding of words and thus with the passing of time man began to realize the value that has to read your personal and social development.

This Work Intervention Project whose main purpose is to develop a dynamic project of reading for individuals with intellectual developmental delay. The main purpose of the other presented, relates to the important need for the audience to understand the importance of reading in the process of personal development. The project will be based on the reality of the Association Qe Sintra.

With the development of Intervention Project expected that students develop the Association Qe taste and level of reading comprehension, promoting personal development and education so that each day the students of this institution can be transformed into critical citizens creative to achieve full integration in the knowledge society.

Keywords: Library; Mental Retardation; Reading and Stimulation of Reading.

AGRADECIMENTOS

A elaboração do presente projecto de intervenção, não poderia ter sido realizada sem o apoio de pessoas fundamentais no que diz respeito ao apoio académico e pessoal.

Agradeço à Direcção e Técnicos da Associação Qe pela disponibilidade que sempre tiveram para abraçarem e disponibilizarem os meios necessários para a elaboração do projecto e, pelo tempo, que me disponibilizaram para que conseguisse conciliar a vida profissional e o desenvolvimento académico.

Um especial obrigado à Dr.^a Ana Galhardo Simões e à Dr.^a Sara Anahory por sempre me ajudarem na minha realização académica, disponibilidade e orientação na elaboração do projecto.

Agradeço ao Dr. Miguel Mata por me ter aberto as portas para o mundo da leitura, transmissão de conhecimentos e por confiar nas minhas capacidades profissionais na presente área.

À Professora Dr.^a Natália Alves pela sua disponibilidade e apoio nas minhas dificuldades, o seu contributo científico e potencializar o desenvolvimento de uma visão reflexiva sobre a realidade envolvente.

Agradeço a todos os professores do Mestrado de Formação de Adultos, pelos contributos científicos cruciais para o desenvolvimento do trabalho de projecto e do meu crescimento académico.

Muito obrigada a todos os meus colegas de Mestrado, que contribuíram para o meu desenvolvimento académico e pessoal, pois o desenvolvimento de trabalhos de grupo trouxe experiências de aprendizagem significativas.

Gostaria de agradecer muito à minha família, porque sem ela não conseguiria alcançar os objectivos que delineeï para a minha vida profissional e académica. Obrigada pela vossa compreensão, disponibilidade e apoio constante nos momentos menos positivos.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
Capítulo I: Enquadramento Geral do Projecto	9
1. Necessidade da Intervenção	9
2. Definição e Enquadramento Teórico da Problemática	11
2.1. A Deficiência Mental e a Educação	11
2.2. A Leitura	12
2.2.1. Contextualização Histórica da Leitura (desde a antiguidade Greco Romana)	12
2.2.2. Literatura Infantil e Juvenil	14
2.3. A Biblioteca Escolar	16
2.3.1. Contextualização Histórica das Bibliotecas Escolar	16
2.3.2. A Organização da Biblioteca Escolar	18
2.4. A Dinamização da Leitura	20
3. Caracterização da Associação Qe	23
3.1. Contextualização Histórica da Associação Qe	23
3.2. Objectivos da Instituição	24
3.3. As Valências	24
3.4. Admissão	24
3.5. O Gentle Teaching	25
3.6. Programa de Integração Transitório e Programa de Desenvolvimento Individual	27
3.7. Descrição da Ocupação do Tempo dos Alunos	28
3.8. Os Ateliês	29
3.9. Os Simuladores Profissionais	30
3.9.1. Simulador Profissional: Hotelaria e Restauração	30
3.9.2. Simulador Profissional: Floricultura e Jardinagem	31
3.10. Organização dos Recursos Humanos	33
4. Identificação e Caracterização do Grupo-Alvo	35
5. Identificação das Condições para o Êxito do Projecto	37
6. Definição do Âmbito Temporal	38

7. Resultados Esperados	38
Capítulo II – Projecto	39
1. Apresentação do Diagnóstico	39
1.1. Dinâmicas no Ateliê de Leitura e Escrita	40
1.2. A Leitura e a Associação Qe	43
2. Identificação e Definição dos Problemas	47
3. Finalidades do Projecto	49
4. Objectivos Gerais do Projecto	49
5. Objectivos Específicos	50
6. Estratégias de intervenção	50
Capítulo III – Plano de Actividades	52
1. Actividades do Projecto	52
2. Identificação e Calendarização das Actividades a Desenvolver	67
Capítulo IV – Plano de Avaliação do Projecto	68
Capítulo V – Orçamento Global do Projecto	70
REFLEXÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

“Temos primeiro de tomar consciência dos nossos próprios valores e adoptar uma postura solidária, em todos os nossos esforços em prol da pessoa”.

(Mcgee, Menolascino, Hobs e Menousek, 2007)

A Sociedade do Conhecimento exige competências diferenciadas e habilidades e uma das primordiais é a *Literacia*. A necessidade de desenvolvimento da Literacia encontra-se disseminada em múltiplas publicações sobre esta temática, bem como, nas preocupações dos decisores políticos, que utilizam todos os meios de que dispõem, para que exista um aumento dos desempenhos dos indivíduos no que diz respeito a esta competência.

O ganho de hábitos de leitura e o prazer em ler é algo difícil de incutir e pode revelar-se um objectivo bastante difícil de atingir. Assim, a presença das bibliotecas escolares revela-se de extrema importância. Saber ler, compreender e interpretar são fases de um longo e demorado processo que nem sempre se revela acessível a todos.

As bibliotecas escolares são fundamentais na intervenção ao nível das faixas etárias mais jovens, permitindo o contacto com o livro e a leitura, num contexto informal.

A inexistência de uma Biblioteca Escolar na Associação Qe Sintra – Uma Nova Linguagem para a Deficiência (Associação Qe), para pessoas com deficiência mental, onde me encontro a trabalhar foi a constatação que deu origem ao presente projecto. O projecto tem na sua base a temática a Dinamização da Leitura na Biblioteca Escolar.

Com este projecto pretende-se atingir os seguintes objectivos: organizar uma pequena Biblioteca para que os alunos e Técnicos possam auferir de todos os serviços para o desenvolvimento da sua literacia; elaborar e aplicar actividades de dinamização da leitura; desenvolver o sentido crítico da realidade envolvente; auxiliar a aprendizagem da leitura e da escrita e possibilitar o desenvolvimento das práticas sociais da leitura e da escrita.

O Projecto de Intervenção encontra-se organizado em 5 partes, além da Introdução, Reflexão Final e da Bibliografia utilizada: O Capítulo I destina-se ao *Enquadramento* Geral do Projecto, onde se justificam as Necessidades de Intervenção e

se procede à construção do quadro teórico de suporte, em torno das seguintes temáticas: A Deficiência Mental e a Educação; A Leitura (Contextualização Histórica da Leitura e Literatura Infantil e Juvenil); A Biblioteca Escolar (Contextualização Histórica das Bibliotecas Escolares e A Organização da Biblioteca) e a Dinamização da Leitura; e a Caracterização da Instituição. No capítulo II é realizada a apresentação do Diagnóstico com a análise interpretativa da entrevista realizada à Directora Técnico-Pedagógica da Associação Qe e a análise das observações não participantes realizadas no Atelier de Leitura e Escrita. Integra ainda a este capítulo a identificação e definição do problema. No Capítulo III apresenta-se o Plano de Actividades, com a Identificação e Calendarização das Actividades a realizar e as Actividades do Projecto. No Capítulo IV é apresentado o plano de avaliação do projecto e no Capítulo V o Orçamento Global do Projecto. O relatório termina com uma Reflexão sobre todo o trabalho desenvolvido.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO GERAL DO PROJECTO

1. Necessidade da Intervenção

A fase inicial de um projecto pode ser realizada de várias formas. A forma mais tradicional é a identificação dos problemas como fase de um projecto de intervenção. A definição de problemas chama-se frequentemente, na literatura anglo-saxónica, análise de necessidades. A análise de necessidades é marcada com a identificação dos níveis de não-correspondência entre o que ocorre na realidade e o que deveria ocorrer (Guerra, 2002).

O estudo realizado por Ana Benevente em 1995 defendeu que o conceito de literacia pretende dar conta das capacidades, de cada indivíduo, quanto à utilização e interpretação de informação escrita. Remete, portanto, para as práticas diárias, para o uso quotidiano, para as competências, e não só para os níveis de qualificação escolares (Ávila, 2005).

Através desta definição procura-se colocar o enfoque no uso das competências referidas em detrimento da posse de determinadas credenciais escolares, por se considerar que não é possível estabelecer uma correspondência simples e absoluta entre os níveis de instrução formal de uma população e o seu perfil de literacia. A literacia é, desta forma, entendida de um modo não estático, ou seja, considera-se que as competências de uma população neste domínio tendem a alterar-se, quer por via da evolução (positiva ou negativa) das capacidades individuais, quer por via da transformação permanente das exigências da própria sociedade. Simultaneamente, pretende-se com este conceito ultrapassar categorizações dicotómicas, como a que opõe alfabetizados a analfabetos, por serem redutoras da diversidade de situações sociais existentes.

Deste modo, a análise das competências de leitura e escrita das populações tem vindo a constituir-se como um importante objecto de estudo das ciências sociais ao longo das duas últimas décadas. Este novo objecto de estudo encerra, por um lado, novas problemáticas e conceptualizações, e por outro, o recurso a metodologias específicas que permitem a avaliação directa das competências atrás mencionadas.

Na população portuguesa com deficiência (cognitiva ou não), no ano de 2001, cerca de 37% ou não sabia ler nem escrever ou, sabendo, não possuía qualquer grau de ensino. Esta proporção era mais elevada do que se verificava para a população residente total (26,4%). Repartindo por sexo, pode verificar-se que o conjunto das mulheres com deficiência registava proporções bastante superiores comparativamente aos homens, à semelhança do que ocorre na população residente, fenómeno que está provavelmente relacionado com o envelhecimento da população, especialmente na população com deficiência (Gonçalves, 2003).

Segundo Gonçalves (2003) a taxa de analfabetismo é mais elevada na população com deficiência, sendo mais significativa nas mulheres: 17,9% nos homens e 28,8% nas mulheres (a taxa de analfabetismo na população residente é de 6,3%). Esta situação pode não significar uma escolaridade baixa, em termos genéricos, mas reflexo sobretudo dos efeitos da estrutura da população.

Tomando em consideração a importância da leitura para os indivíduos quer ao nível do seu desenvolvimento pessoal quer social e, visto que a população com deficiência tem níveis baixos de competências no área da leitura, decidi realizar um projecto de intervenção no campo da “Dinamização da Leitura na Biblioteca Escolar”, da Associação Qe. Com o decorrer dos tempos percebeu-se que é fundamental fazer com que as Instituições que trabalham no campo das Necessidades Educativas Especiais tomem a leitura como área prioritária. O facto de não existir uma Biblioteca Escolar na Associação Qe, tornou-se para mim uma área fundamental a desenvolver. Deste modo, propus à Direcção da Instituição o desenvolvimento de um projecto na área da dinamização da leitura, que se encontra assente no diagnóstico de necessidades da Associação Qe.

2. Definição e Enquadramento Teórico da Problemática

2.1. A Deficiência Mental e a Educação

“O tratamento dado às pessoas com deficiência mental reporta-se à antiguidade. (...) O papiro de Tebes datado de 1552 a.C. faz referência à deficiência mental, discutindo o tratamento das pessoas com habilidades intelectuais limitadas. (...).” (Shimazaki, E., 2006: p.49).

Posteriormente à revolução francesa ocorreu uma mudança, pelo menos teórica, no que respeita à deficiência. Surgiu, assim, o aparecimento das primeiras intenções de tratamento específico e de processo educativo, surgindo, deste modo, as primeiras instituições que não conjugavam a saúde com o processo de aprendizagem (Shimazaki, E., 2006).

Luria (1986 in Shimazaki, E., 2006) afirma que Vygotsky considerava que o século XIX foi o momento representativo de inúmeros avanços para os “deficientes”, sendo que várias Instituições Escolares foram criadas, ainda sob o título de abrigo, a assistência e terapia. Somente a partir de meados do século XX a conquista e reconhecimento dos direitos dos “deficientes” puderam ser identificados (Shimazaki, E., 2006).

Os documentos que registam tentativas de ensinar a leitura, a escrita e a oralidade às pessoas com deficiência mental são relativamente recentes (Shimazaki, E., 2006).

“A literatura mostra que existem registos de duas maneiras de ensinar-se pessoas com deficiência mental. A primeira refere-se aquelas intervenções reducionistas com aportes em treinar e na prática rotineira para o ensino de habilidades, feitas de forma isolada e descontextualizada. Ensina-se o alfabeto os sons e os fonemas isolados e a descodificação de palavras isoladas. Outra alternativa de ensino é aquela que se preocupa com a construção de formas integradas com as áreas do conhecimento humano, contextualizado. Essa maneira de ensinar inclui a combinação do ensino da oralidade, leitura e escrita, fazendo uso de textos, experiências linguísticas e acesso a outras linguagens e comunicações orientadas.” (Shimazaki, E., 2006: p. 51).

Maria Montessori desenvolveu em Itália, o trabalho na área da alfabetização para pessoas com deficiência mental, em que defendia que estas pessoas tão especiais, deveriam ser trabalhadas mais ao nível pedagógico do que ao nível médico, desta forma,

Montessori utilizou no ensino da leitura e da escrita para pessoas com deficiência mental, pequenos textos, frases e cartões de palavras. Esta investigadora ensinou a ler e a escrever ao mesmo tempo, pois acreditava que uma habilidade reforçava e dava suporte à outra (Shimazaki, E., 2006).

O problema da aprendizagem da leitura e da escrita para pessoas com deficiência mental, geralmente, tem sido exposto como uma questão de métodos e técnicas. Desta forma, verifica-se que de acordo com Soares (2003 in Shimazaki, E., 2006: p. 58) “(...) não basta saber ler e escrever, é necessário saber fazer uso das práticas sociais da leitura e da escrita, num processo de compreensão, onde o individuo seja capaz de produzir sentido para a linguagem e, assim, chegar às suas próprias descobertas, análises e sínteses.”.

2.2. A Leitura

2.2.1. Contextualização Histórica da Leitura (desde a antiguidade Greco-Romana)

No período de Sócrates (469-399 a. C.), os textos escritos não eram algo corrente, embora no século V a. C. já existisse em Atenas um número considerável de livros que se compravam e vendiam. Portanto, até ao século IV a. c. não se conhecia a prática da leitura privada. Deste modo, a leitura não era um exercício muito apreciado, nem mesmo pelos distintos filósofos gregos (Linuesa, 2004).

Em Roma, surgiram os primeiros textos literários, sendo a sua principal função de ensinar correctamente a língua oral, porém, procurava-se também que tais escritos tivessem fundamentos que pudessem, por sua vez, dar formação sobre a ética e a história. Deste modo, verifica-se que os livros neste período já tinham objectivos semelhantes aos da actualidade ou seja: permitiam adquirir alguns conhecimentos através de um texto e utilizar a escrita para reflectir sobre a língua. Contudo, é muito improvável que a sua aprendizagem estivesse relacionada com o conhecimento de autores e, menos, de textos literários: uma função muito relevante nos dias de hoje (Linuesa, 2004).

Na Idade Média, a leitura e a escrita estiveram sempre muito ligadas à Igreja. A transmissão do saber começou a efectuar-se através de textos, se bem que para a maioria

da população o acesso aos livros fosse indirecto, ou seja, ocorria através da leitura interpretada por outras pessoas, especialmente por membros do clero (Linuesa, 2004).

Com o aparecimento de Universidades na Europa, a leitura para aprender e para conhecer autores, atinge um ponto sem retorno, com os modos de ler a sofrerem alterações, bem como, os espaços onde tal prática se realizava. O estudo converteu-se numa das formas fundamentais de usar a leitura, aspecto que se perpetuou como uma das suas funções principais, ainda que tenha sido sempre algo minoritário (baixas taxas de analfabetismo ao longo dos séculos). As funções da leitura atrás salientadas consolidaram-se com força desde o aparecimento da imprensa, para que contribuiu, sem dúvida, o facto de que se editava nas línguas nacionais, as línguas do povo. Ambos os assuntos estiveram bastante relacionados com a expansão da Reforma Luterana, apesar de que tais inovações se produziram numa sociedade pouco alfabetizada (Gilmon 1998 cit in Linuesa, 2004).

Na Época Moderna, ocorreram transformações tanto quantitativas (número de leitores) como qualitativas (modelos de leitura). Embora, segundo Wittmann (1998), não se tenha tratado de nenhuma revolução leitora, ocorreu a passagem de uma leitura repetitiva e em profundidade de um conjunto de textos limitados, de cariz predominantemente religioso, para uma leitura consumista de textos variados e novos com finalidades de entretenimento. Além deste fenómeno, procura-se, através da leitura, uma certa identidade e autonomia pessoal, uma busca de auto-conhecimento e de racionalidade (Linuesa, 2004).

No século XIX, teve lugar na Europa um processo massivo de alfabetização, embora manifestando desigualdades entre países e também entre o meio rural e o urbano. Os novos leitores que surgiram nesta época, pertenciam à classe do proletariado, elegendo fundamentalmente jornais e ficção como suporte de leitura. Segundo Lyons (1998 cit. in Linuesa, 2004 p. 37) a década final do século XIX constituiu a “idade de ouro” do livro no Ocidente, dado que nessa época surgiu a primeira geração que acedeu massivamente à alfabetização, e a última a ter o livro como um meio de comunicação e informação que ainda não contava com a rivalidade de outros meios alternativos.” (Linuesa, 2004).

O género de evasão reforçou-se com o aparecimento de um novo grupo de leitores: o público infantil, que muito embora lesse fundamentalmente por motivos escolares, também se mostrou interessado na leitura de ficção. Os contos de tradição oral encontraram versões adequadas aos novos tempos, surgindo assim os contos de

fadas escritos. Um fenómeno paralelo à leitura foi a escolarização, bastante desigual consoantes países, visto que em alguns, sobretudo nos países nórdicos, aprendia-se a ler fora da escola, nas paróquias ou no âmbito familiar, para ler a Bíblia, enquanto noutros como é caso de Espanha e Portugal, a leitura encontrava inevitavelmente ligada à escola (Linuesa, 2004).

Durante os séculos XIX e XX existiu uma consolidação das funções da leitura, ou seja, ler para aprender, por diversão e/ou comunicar. Funções que continuam em vigor e adquiram novas dimensões. De facto, vive-se numa sociedade onde o escrito é um meio de comunicação e informação omnipresente. Embora nos anos 70 do século XX a imagem começasse a adquirir uma dimensão grandiosa, o que levou algumas sensibilidades mais radicais a evocar o fim da cultura escrita, nos anos 80 a revolução informativa permitiu que, novamente, a escrita aumentasse o seu protagonismo; ainda que, certamente, ler e escrever tenham adquirido diversas dimensões, até agora desconhecidas (Linuesa, 2004).

Existiram diferentes tipos de leitores com diversas necessidades, porém não restam dúvidas quando ao facto de que na sociedade da informação a escrita será uma tecnologia fundamental (Linuesa, 2004).

2.2.2. Literatura Infanto-Juvenil

A questão da existência de uma realidade, a que se chama “literatura infanto-juvenil”, tem suscitado alguma discussão, cujas posições se encontram entre a dúvida quanto ao facto de se poder considerar este tipo de literatura como verdadeiro objecto literário e a recusa da referência do destinatário explícito (Bastos,1999).

No campo da literatura para crianças e jovens, diferentes autores têm-se debruçado sobre esta questão. Trazendo para o debate contributos diferenciados, as suas posições distinguem-se, quanto à amplitude que atribuem ao conceito de literatura e o que origina a inclusão ou exclusão de domínios da escrita para crianças e jovens (Bastos,1999).

De acordo com Marc Soriano (1975: p. 185 cit in Bastos, 199: p. 22) “ a literatura para a juventude é uma comunicação histórica (...) entre um locutor ou um escritor adulto (emissor) e um destinatário, a criança (receptor) que, por definição, de algum modo, no decurso do período considerado, não dispõe senão de forma parcial da

experiência do real e das estruturas linguísticas, intelectuais, afectivas e outras que caracterizam a idade adulta”.

A escritora Henriette Bichonier (1991 cit in Bastos, 1999) fala sobre a importância da questão da qualidade da literatura que não foi debatida por Soriano. Esta autora, defende que a literatura para crianças recobre duas realidades contraditórias, ou seja, o mundo da literatura e o das crianças. Deste modo, por literatura entende-se escrita livre e inspirada, onde é suposto que o autor siga o seu próprio propósito sem se deixar desviar por qualquer compromisso. Enquanto ao escrever para crianças, a estratégia é forçosamente muito diferente, uma vez que nos dirigimos a um público preciso. Acrescentar crianças ao contexto da literatura requer um maior cuidado por parte de quem escreve, de certa maneira, está-se a evocar um género literário, adequado a um público.

No sentido também de precisar o campo da literatura infanto-juvenil, Judith Hilman (1995: pp. 2-3 cit in Bastos, 1999) avança com dois componentes essenciais para esta definição: o conteúdo e a qualidade. Para o conteúdo consideram-se: experiências típicas da infância, escritas na perspectiva da criança; caracteres infantis ou similares; intrigas simples e directas, centradas na acção; um sentimento de optimismo e inocência (o final feliz é a norma) e uma tendência para combinar a realidade e a fantasia. Quanto ao parâmetro qualidade, este deve estar presente, seja qual for a audiência, apresenta como características do literário o seu poder para satisfazer, explicar, convidar, concluindo que “a literatura oferece-nos palavras para descrever e explorar os nossos pensamentos, sonhos e histórias”.

Na literatura infanto-juvenil encontramos (esta classificação não tem nenhuma escala de valores), uma literatura com o tal valor literário e escrita com um destinatário expresso, a criança ou o jovem. Ao lado do vasto conjunto de obras (abarca textos no domínio da narrativa, da lírica e do dramático) que se encontram fortemente ligadas entre o texto e o seu destinatário, ainda existe a chamada a literatura “anexada”. Neste domínio podemos situar quer a literatura tradicional de transmissão oral, quer aquelas obras que se poderiam designar de “fronteira”, ou seja, não tendo sido escritas a pensar no destinatário criança, onde por circunstâncias várias conduziram a que hoje sejam sobretudo consideradas como literatura para crianças (Bastos, 1999).

2.3. A Biblioteca Escolar

2.3.1. Contextualização Histórica das Bibliotecas Escolares

As Bibliotecas Escolares como colecções organizadas e com a função de apoio à actividade escolar, remontam à Grécia clássica. Foi aqui que se criaram escolas destinadas ao estudo, ao diálogo e intercâmbio de ideias, como a de Isócrates, perto do local onde mais tarde Aristóteles originou o seu Liceu, a Academia de Platão ou a escola de medicina de Hipócrates que instituiu a primeira biblioteca de carácter científico do mundo grego (Espinosa, 2004). Nas Universidades da Idade Média encontravam-se espaços que disponibilizavam livros, embora limitando a consulta a especialistas e estudantes. Foi neste período que as ordens religiosas e os Colégios Universitários tiveram um papel muito importante, pois tinham as suas próprias Bibliotecas Escolares. Com a Época Renascentista redescobriu-se os manuscritos antigos e, com a introdução da imprensa, o livro torna-se possível a um público mais alargado (Duarte, 2006).

No século XVII surgiram as sociedades científicas e eruditas, que possibilitaram a expansão das Bibliotecas públicas, tendo uma maior expressão em países como a Inglaterra, a Itália e a França. Contudo, o objectivo da biblioteca persistiu na conservação e transmissão do património cultural da humanidade, guardando manuscritos e armazenando livros, que só alguns tinham o privilégio de consultar. Só no século XVIII surgem as vastas colecções bibliográficas. Na Europa, são originadas as primeiras grandes Bibliotecas Municipais (Garraio, 1994 cit in Duarte 2006).

Em 1862 o primeiro ministro de França promulga um Decreto Lei que agrega as Bibliotecas Escolar às escolas primárias públicas nas quais o professor exercerá gratuitamente as funções de bibliotecário escolar (Hebrard, 2004 cit in Duarte, 2006). Nesta altura é também decretada uma medida com teor semelhante em Portugal. Embora existisse a intenção de diferenciar a leitura pública da leitura escolar. No Decreto Lei de 1870, contemplava-se a hipótese da biblioteca funcionar como sede provisória nas escolas e sob a responsabilidade de um professor que receberia, uma remuneração específica, ou seja, o professor primário era também um bibliotecário que orientava a leitura (Magalhães, 2003 cit in Duarte, 2006).

Segundo Ana Lopez (Duarte, 2006), podem-se diferenciar, em traços gerais, dois modelos de Bibliotecas Escolares: o de *tendência tradicionalista*, instituições públicas para a transmissão dos factos culturais, centrando a sua função no livro e na leitura e o

de *tendência sistemática*, instituição pública dinâmica evolutiva e interactiva com o seu ambiente, centrando a sua função na informação. No primeiro grupo a autora inclui países como a Alemanha e Portugal, cujo modelo que se destaca é o da biblioteca pública que substitui a Biblioteca Escolar. No segundo tem como membros a Dinamarca e Suécia que se ajustam ao modelo que a UNESCO tem por base.

De acordo com Whotenark (1970 cit in Duarte, 2006) a crise da educação que decorreu na década de 60, levou a que existisse uma necessidade de repensar o papel das Bibliotecas Escolares, pois atribuiu-se uma relevância cada vez maior à informação, no contexto de uma nova concepção de aprendizagem. É neste cenário de pós-guerra que se observa uma tendência generalizada de criação de mediatecas escolares a partir das bibliotecas (Canário, Barroso, Oliveira & Pessoa, 1994 cit in Duarte 2006).

O conceito de documentação desenvolve-se ao longo século XX e está associado ao desenvolvimento de uma diversificação das técnicas documentais. As Bibliotecas Escolares tradicionais vêm-se obrigadas a repensar o seu papel neste campo da evolução e transformação, surgindo os centros de recursos (Canário, 1994 cit in Duarte 2006).

Em 1976, um documento publicado pela UNESCO que tem como base a reconversão das Bibliotecas Escolares em centros multimédia¹, transmite a importância deste órgão nas escolas, por um lado para contribuir para uma melhoria da qualidade do ensino, por outro para facilitar a auto-aprendizagem e a educação permanente (UNESCO, 1976 cit in Duarte, 2006).

Deste modo, o livro deixa de ser a exclusiva fonte de informação na Biblioteca Escolar, os suportes de informação diversificam-se, as linguagens e a primazia do documento impresso é posta em causa, originando uma mudança nos circuitos tradicionais de informação, tendo reflexos no plano cultural e social (Canário et al, 1994 cit in Duarte, 2006). Todavia, esta realidade só adquiriu uma maior projecção no campo das teorias de aprendizagem baseadas em recursos educativos variados quando “a penetração dos audiovisuais foi suficiente para vencer alguma inércia das práticas tradicionais”.

Na actualidade o panorama internacional das Bibliotecas Escolares é muito heterogéneo e as decisões políticas de pouco servem se não gerarem medidas. Castán (2002 cit in Duarte, 2006) alerta para a necessidade de se invocarem os casos de sucesso de forma fundamentada, ou seja, que se confirme se estão em causa as Bibliotecas

¹ Guide pour la transformation de bibliothèque-centre en centres multimédia

Escolares sonhadas ou se realmente existem. Contudo, o mesmo autor defende que os “modelos” das Bibliotecas Escolares não devem ser importados sem que se tenha em atenção as diversidades sócio-educativas e a confirmação de que nesses países as Bibliotecas Escolares funcionam como se supõe, apesar de reconhecer a validade dos intercâmbios. No caso português não existe um “modelo de sucesso”, pronto a ser aplicado, pelo que se torna necessário reflectir acerca daquilo que mais se adequa à nossa realidade. Seria de enorme utilidade construir essa reflexão em volta de experiências positivas de países que nos são próximos e, em simultâneo, evitando alguns dos erros que os mesmos cometeram (Duarte, 2006).

2.3.2. A Organização da Biblioteca Escolar

Como já foi mencionado anteriormente, a importância de uma Biblioteca Escolar é enorme, pois ao lado dos professores na sala de aula, a Biblioteca Escolar pode constituir-se como o grande motor no fomento da leitura e de actividades com ela relacionadas. Este facto, evidencia-se, devido à sua proximidade face ao aluno, por se tratar de um espaço familiar, podendo criar, se o trabalho desenvolvido for consistente e sistemático, um importante foco de promoção do livro (Bastos, 1999).

De acordo com o Ministério da Educação (ME, 2010) a organização de uma biblioteca escolar do 1º ciclo é composta por 12 passos essenciais, sendo eles: Encontrar um rosto: a gestão da Biblioteca Escolar deve ser realizada conjuntamente pelo professor da Biblioteca Escolar da escola sede e por um dos professores da escola do 1º Ciclo a designar, o docente responsável pela Biblioteca Escolar deve ter o apoio de outros recursos, tais como: outros docentes, animadores, auxiliares de acção educativa ou outros membros da comunidade educativa, em regime de voluntariado. No início de cada ano a escola tem de integrar no seu Plano de Actividades Anual um programa de actividades da Biblioteca Escolar. Entender o sentido: é de extrema importância que todos os professores conheçam as zonas funcionais da biblioteca, se todos perceberem como os documentos se encontram organizados torna-se muito mais facilitado a orientação dos alunos nas pesquisas e nas sugestões de leitura. Descobrir um caminho: é necessário a criação de um Guia do Utilizador para que todos conheçam as regras de utilização da Biblioteca Escolar. É importante também definir um horário e responsabilidades quanto ao uso e arrumação do espaço. A requisição de recursos tem muita importância o fomento da leitura e, por isso, é necessário que os docentes

incentivem os seus alunos. Uma teia de ideias: os professores podem começar por seleccionar os conteúdos curriculares que mais favorecem a mobilização de saberes culturais e científicos, recorrendo à Biblioteca Escolar e aos seus recursos numa perspectiva de inovação na aprendizagem. Ideias para crescer: O percurso formativo e de aprendizagem dos alunos deve fazer-se recorrendo aos recursos da biblioteca escolar, no contexto da sala de aula ou na Biblioteca Escolar, desenvolvendo uma progressiva autonomia na utilização da Biblioteca Escolar. Ideias para crescer: cada professor pode promover, intencionalmente, na sala de aula e fora dela, actividades dirigidas à pesquisa, selecção, organização e interpretação de informação, prevendo a utilização de fontes de informação diversas e das tecnologias da informação e comunicação. Tecer Leituras: cada professor deve deixar os leitores em formação escolher sozinhos as suas leituras e encontrar-se como leitores, deste modo, o professor deve realizar actividades de leitura na Biblioteca Escolar, valorizando assim este espaço junto dos seus alunos. Novas viagens: os professores devem proporcionar aos seus alunos a utilização periódica da Biblioteca Escolar como espaço de fruição e da leitura pelo simples prazer de ler, bem como, explorar com os seus alunos a leitura em ambientes digitais. Deixar-se envolver: A Biblioteca Escolar deve dispor de uma colecção variada e adequada aos gostos e interesses dos utilizadores, pelo que os docentes se devem manter atentos a este respeito. Aprender a aprender: os professores devem planificar o Apoio ao Estudo com o recurso à Biblioteca Escolar possibilitando que os seus alunos desenvolvam hábitos de trabalho e aprendam a organizar a sua própria aprendizagem, numa crescente autonomia em relação às tarefas escolares. Olhar em volta: a selecção dos documentos a comprar deve ser feita de forma colaborativa com a equipa da escola sede. Os fundos documentais devem servir as diferentes escolas no agrupamento, através da circulação de fundos documentais e empréstimo a prazo. Abrir portas: A Biblioteca Escolar pode ser o local de valorização e divulgação dos trabalhos realizados pelos alunos, podendo-se pedir a colaboração das famílias e da comunidade na organização e financiamento de eventos de carácter lúdico ou cultural, bem como, encontrar-se parcerias junto da Biblioteca Municipal, ou de outras instituições para o desenvolvimento destas actividades.

A organização de uma Biblioteca Escolar tem de conciliar diferentes elementos importantes para criar um espaço de bem-estar para o jovem leitor, sendo eles: a organização e gestão do espaço, o apoio ao currículo escolar, a leitura e a literacia e criar projectos e parcerias. Só desta forma e conciliando dinamicamente estes elementos

é que a Biblioteca Escolar será um espaço apelativo e criará oportunidade para fomentar o gosto pela leitura.

2.4. A Dinamização da Leitura

Quando se pensa no significado de Dinamização da Leitura quase que se consegue visualizar de imediato vários significados, certamente diferentes daqueles que fazem lembrar uma biblioteca ausente, desprovida de cor, de dinâmica e interacção com o livro. Na verdade, o conceito de Dinamização da Leitura, segundo Carmen Olivares (1984 cit in Costa 2007: p. 2), “(...) pode ser definido como um acto consciente realizado para produzir uma aproximação afectiva e intelectual a um livro concreto, para que este produza uma estima genérica face aos livros.”.

Deste modo, a leitura é diferente de Dinamização da Leitura. Com efeito, ler é um acto individual, livre e silencioso e a dinamização da leitura é um acto colectivo, orientado e festivo. As actividades de Dinamização da Leitura não criam, por si mesmas leitores, mas podem fazer com que sejam ultrapassados medos, e podem mostrar que a leitura é mais do que os livros de estudo da escola e que o conteúdo dos livros pode ser muito divertido. Por outro lado, as actividades de dinamização, enquanto actos isolados, não têm, em si mesmas, grande interesse; devem sim constituir uma “atitude” permanente e integrada no quotidiano escolar (Peonza, 1997).

A Dinamização da Leitura tem assim quatro grandes objectivos, segundo Juan J. L. Fernández (2006 cit. in Costa 2007: p. 3): possibilitar que a criança não leitora – ou pouco leitora – descubra o livro; ajudar a passar da leitura passiva para a leitura activa; desenvolver na criança o prazer de ler e ajudar a descobrir a diversidade de livros.

Verifica-se que a Dinamização da Leitura se foca essencialmente na promoção a leitura, ou seja, na execução de um conjunto de acções sucessivas e sistemáticas, de diversa natureza, encaminhadas para despertar ou fortalecer o interesse pelos materiais de leitura e pela sua utilização quotidiana, não só como instrumentos informativos ou educativos, mas também como fontes de entretenimento e prazer (Andricaín, 1993 cit in Costa 2007).

As actividades de Dinamização da Leitura têm de ser criativas: não há receitas, apenas sugestões e intuições. O Dinamizador deve criar em torno dos livros um clima de acolhimento e de confiança, deve conhecer as crianças ou adolescentes, saber o que gostam de ler e comentar as leituras que fazem; deve também ser o primeiro a dar o

exemplo, ou seja, é bom que as crianças o vejam com um livro na mão. A esta atitude de fundo, que deve ser simples e quotidiano, é importante associar também o desafio e o mistério: Este livro é para crianças mais velhas... Esta é a história mais misteriosa que eu já li! Este é um livro de amor e de aventuras, etc (Peonza, 1997).

Os projectos de *Dinamização da Leitura* são projectos de desenvolvimento pessoal e social, fundamentais para o crescimento pleno do ser humano do século XXI. Quando se concebem projectos de Dinamização da Leitura concebesse toda uma estrutura complexa mas eficaz que, segundo Kepa Osoro (2005 cit in Costa, 2007), exige determinadas atitudes e qualidades por parte do animador: Paciência: a criação de hábitos de leitura não é fruto produzido da noite para o dia; Prudência: o importante não é ensinar as crianças a devorarem muitos livros e a escreverem muitos textos, mas a lerem e a escreverem com prazer; Persistência: ao longo do processo de formação de leitores existirão momentos de euforia, mas também momentos de crise, pelo que o animador não se deve dar por vencido nesta nobre causa; Confiança: autoconfiança e convencimento de que os hábitos de leitura podem adquirir-se em qualquer idade e em qualquer contexto sociocultural por muito adverso que pareça; Rigor: é preciso trabalhar em equipa, experimentar, investigar, avaliar, e proceder à autocrítica das próprias atitudes e métodos; Criador de ambientes: não só de ambientes físicos, mas sobretudo de atmosferas afectivas, sensuais e sedutoras; Planificação: devem ser fixados objectivos concretos, acções, estratégias, livros utilizados, etc. mas de forma alguma deve ser criado um modelo tão rígido que a criança, o jovem, o adulto ou o idoso se sintam dirigidos, presos, adestrados; Criatividade: fantasia, imaginação, espírito renovador e crítico; Respeito: mostrar respeito pelos interesses, nível de maturação e competência leitora de todos e de cada um dos leitores, entendidos como seres únicos e irrepetíveis; Coerência: agir em conformidade com aquilo que se diz e que se aconselha aos outros; Modéstia: o autêntico protagonismo deve ser exclusivo dos destinatários dos projectos de animação da leitura e não do animador; Sensibilidade: é necessário um sexto sentido, uma capacidade especial para captar as necessidades e inclinações de cada leitor e para aceitar que também o animador está envolvido numa constante dinâmica de aprendizagem; Profissionalismo: preocupação em estar a par das novidades em termos de literatura, materiais e suportes para a leitura; Psicologia: conhecer os rasgos psicológicos, interesses, inquietudes, preocupações e experiências de leitura das pessoas para quem se concebe projectos de dinamização, bem como, os seus diferentes contextos socioculturais e Persuasão: Especialista em marketing, em sedução para

ganhar a confiança e implicar nos projectos de dinamização da leitura os distintos agentes da educação para a leitura: professores, pais, bibliotecários, animadores, autores, etc.

Desta forma, pode-se concluir que é enorme o valor da *Dinamização da Leitura* quando se trata de gerar processos promotores do acto de ler, e sobretudo, de o fazer com prazer.

Este projecto irá ser aplicado em jovens e adultos com deficiência mental que possuem dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita. O público-alvo deste projecto possui uma capacidade de compreensão que corresponde à idade mental de um público infanto-juvenil, sendo deste modo, importante ter em atenção que toda a base do projecto seja focalizada nas dificuldades que estes indivíduos enfrentam e que os materiais pedagógicos utilizados estejam de acordo com as suas necessidades.

A organização da Biblioteca Escolar a que me proponho seguirá estes pressupostos, contudo, não será linear já que a Associação Qe não é uma escola de ensino público, por isso, algumas das directrizes emanadas pelo Ministério da Educação não serão efectivadas, como por exemplo: colaboração com a escola sede.

Seguidamente passar-se-á à fase de descrição da instituição onde será desenvolvido o projecto de intervenção.

3. Caracterização da Associação Qe

A Associação Qe encontra-se situada no Concelho de Sintra e na Freguesia de São Pedro de Penaferrim e tem como principal objectivo o desenvolvimento pessoal e social de pessoas com deficiência mental com idades iguais e superiores a 16 anos².

3.1. Contextualização Histórica da Associação Qe

A Associação Qe teve a sua origem nas mãos de oito promotores. Durante diversos meses a equipa de promotores trabalhou voluntariamente na construção de uma organização que vai de encontro às necessidades existentes no nosso país, no que diz respeito à qualidade de oferta do ensino especial, bem como, das condições do espaço físico envolvente, tendo um espaço aberto, com campos relvados, salas de trabalho organizadas e material pedagógico apropriado às necessidades do público-alvo e uma área residencial confortável e acolhedora. A Associação nasce com um pólo pedagógico e um pólo residencial, num complexo privado instalado numa área de 15 mil metros quadrados. Feito o investimento inicial por parte de um conjunto de accionistas (que participaram o projecto em 80%, cabendo aos promotores os restantes 20%), foi apresentado um Bussiness Plan sustentado num conjunto de premissas de viabilidade. Desta forma, foram precisos três anos para desenvolver a infra-estrutura, o modelo de gestão e o modelo pedagógico da Instituição. O conceito, esse começou a ser pensado muitos anos antes, e foi crescendo e desenvolvendo-se com experiências e conhecimentos adquiridos em visitas a uma série de Instituições de Reabilitação na Europa, de que vieram a resultar algumas parcerias. Por fim, esta Instituição foi inaugurada em Janeiro de 2006, sendo a primeira empresa privada em Portugal a actuar na área da deficiência mental, ao nível da reabilitação.

Em Julho de 2009, foi criada a Associação Qe, uma Nova Linguagem para a Incapacidade, associação sem fins lucrativos, já com vista à obtenção do estatuto de Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), que foi atribuído em 23 de Dezembro de 2009.

² No Anexo XI encontra-se o Regulamento Interno da Associação para que se possa ter uma visão mais aprofundada do funcionamento da Instituição.

3.2. Objectivos da Instituição

A Associação Qe tem como principais objectivos a atingir: estimular o desenvolvimento pessoal através de meios que promovam as suas capacidades; incentivar acontecimentos e experiências, capazes de criar e reforçar a rede social; aplicar o Programa de Desenvolvimento Individual mais adequado; desenvolver actividades de investigação; Promover a integração profissional do aluno e desenvolver a formação dos pais.

3.3. As Valências

A Associação Qe possui as valências de regime permanente ou temporário, em que pessoas com deficiência mental (com mais de 16 anos) frequentam o centro de desenvolvimento da Associação Qe, bem como, o regime ocasional, para pessoas com deficiência mental, com mais de 10 anos.

A Associação Qe é uma Instituição sem fins lucrativos, que se financia através de mensalidades pagas pelos alunos, participações da Segurança Social, através de protocolos estabelecidos, quotas pagas pelos seus Associados e doações por parte de membros beneméritos.

3.4. Admissão

Os destinatários são pessoas com deficiência mental de idade igual ou superior a 16 anos, que tenham realizado a avaliação inicial, utilizada pela Associação Qe e cujo perfil de competências se enquadre com os objectivos propostos.

As candidaturas podem ser efectuadas ao longo de todo o ano. É necessária a marcação de uma entrevista prévia e a realização de uma pré-avaliação do cliente. A pré-avaliação consiste apenas em permanecer durante uma manhã ou uma tarde na Associação Qe para que a equipa técnica possa encaminhar ou não o aluno para a realização da avaliação inicial.

A realização da avaliação inicial, tem a duração de 3 dias em regime residencial e o seu principal objectivo consiste na definição do perfil de competências individual de cada cliente. Depois da avaliação, é elaborado um relatório e discutido com os

representantes legais a pertinência ou não da frequência da Associação Qe por parte do aluno.

3.5. O Gentle Teaching

A Associação Qe baseia a sua acção pedagógica no modelo Gentle Teaching. O Gentle Teaching foi desenvolvido por John Mcgee durante a década de 80, assentando numa postura fundada na libertação mútua e na humanização de todas as pessoas. Deste modo, o processo pedagógico rejeita práticas frias e cruéis, foca-se no ensino do valor inerente à presença humana e no ensino das interacções e da recompensa. Possibilitar a qualidade de vida às pessoas com deficiência mental transcende os cuidadores individualmente (são os professores e técnicos que interagem com estas as pessoas), requerendo mudanças nas perspectivas sociais. O primeiro objectivo é, então, criar ambientes que reforcem a interdependência da pessoa, dentro da comunidade e da vida em família (Mcgee, Menolascino, Hobs e Menousek, 2007).

A vinculação é vista como um propósito a atingir no processo de interdependência, deste modo, vinculação consiste pelo laço afectivo que uma pessoa estabelece com outra, que dura no tempo, que promove a aproximação e a procura de contacto (Mcgee, Menolascino, Hobs e Menousek, 2007).

Os cuidadores têm a responsabilidade de ensinar interacções mutuamente valorizantes, sem recorrer a punições ou castigos. A vivência destes relacionamentos humanos transforma tanto alunos, como professores (processo de transformação mútua). Assim sendo, deve-se reflectir como se pode criar reforçar e ensinar estes vínculos emocionais, ou seja, o foco não deve ser colocado na eliminação de um comportamento ou na necessidade de obediência, mas sim num ensino continuado, caloroso e afectuoso (Mcgee, Menolascino, Hobs e Menousek, 2007).

A formação dos vínculos é o primeiro objectivo do Gentle Teaching, uma vez que os comportamentos não existem separados da pessoa. Eles são uma parte das interacções humanas. Os comportamentos de uns são, directamente, influenciados pelos valores, acções e reacções dos outros. Pode-se desta forma concluir que o foco principal desta metodologia é o desenvolvimento da solidariedade, reciprocidade e interdependência (Mcgee, Menolascino, Hobs e Menousek, 2007).

A postura do cuidador é muitas vezes pouco definida e inquestionada e facilmente muda quando confrontados com violência, por isso, tem de se examinar os

nossos valores e descobrir de que forma as nossas acções enquanto cuidadores poderão desencadear comportamentos adversos nos alunos. A postura afecta tanto os conteúdos como os objectivos das nossas interacções (inclui as nossas estratégias de intervenção e orientação teórica), tendo que se ter noção que muitas vezes são os cuidadores que despoletam certas acções dos alunos (Mcgee, Menolascino, Hobs e Menousek, 2007).

Segundo o autor, esta perspectiva assenta no sistema de valores democrático, pelo qual os cuidadores se devem reger, implicando uma postura solidária, exigindo uma pedagogia focada na mudança mútua, tendo como base a equidade (Mcgee, Menolascino, Hobs e Menousek, 2007).

Nesta perspectiva o ensino tem de ser de recompensa, isto é, o cuidador deverá estimular de forma positiva e criar um ambiente de conforto para estimular as diversas aprendizagens dos alunos, nunca vendo o erro como um aspecto negativo, considerando este, uma aprendizagem. O apoio unilateral converte-se em aceitação, e no sentimento de que a participação produz recompensa. Logo que a recompensa passe a ter um significado humanizante, a pessoa começa a procura-la, o que leva à reciprocidade. Com o tempo, esta partilha torna-se num processo interactivo natural, cuja última etapa implica a partilha de valores, em que o professor e aluno se consciencializam que a presença de ambos é recompensadora (Mcgee, Menolascino, Hobs e Menousek, 2007).

O ensino da recompensa tem sete fases: (a) **Apoio intenso ao desenvolvimento:** criar a relação, sem vitimizar, criando actividades que sejam acessíveis ao aluno, para que possam ocorrer interacções e participação; (b) **Aceitação:** o aluno aceita e tolera a presença do cuidador e começa a participar. Deve-se ensinar um leque de interacções sociais apropriadas, de modo a que possa expressar essa partilha; (c) **Compreender a participação e a recompensa:** valorização mútua, em que o aluno começa a antecipar o aparecimento da recompensa e o cuidador encoraja-o a expressar-se criativamente; (d) **A procura:** o cuidador reduz as orientações e a quantidade de apoio necessária à participação, deste modo, a frequência de comportamentos perturbadores diminui quando a participação aumenta; (e) **A partilha de valores:** o cuidador tem de ser capaz de gerir uma multiplicidade de variáveis. Frequentemente fracassa-se quando se é confrontado com comportamentos incomodativos, caindo-se na tentação de se eliminar e mudar o foco do nosso trabalho; (f) **Partilha não contingente de valores:** semelhante à evolução da amizade. É útil aumentar a partilha de valores durante actividades menos estruturadas e (g) **Diversificar e expandir a partilha de valores:** o continuum interaccional deve orientar-se na estruturação de um processo de ensino de recompensa,

considerando-se tipo de partilha e adequação ao aluno (Mcgee, Menolascino, Hobs e Menousek, 2007).

Quando o cuidador é confrontado com a violência a sua postura, inconscientemente, muda para autoritarismo. É importante para o cuidador dar um passo atrás e analisar os seus próprios comportamentos, pois são as suas interacções que no momento definem os seus valores. É nos momentos mais difíceis que temos que ser professores de recompensa! A educação é um acto de igualdade, ambos aprendem (Mcgee, Menolascino, Hobs e Menousek, 2007).

As principais estratégias do ensino da recompensa são: ignorar, redireccionar e recompensar. Sendo estas estratégias colocadas em prática num processo dinâmico: **Ignorar** (dar pouco valor a comportamentos não adaptados, de modo, com o propósito de diminuir estes e remover o seu poder, tendo-se em atenção que a maioria destes comportamentos tem uma função comunicativa; **Redireccionar** (guiar o aluno em direcção a interacções recompensadoras, que possam substituir comportamentos negativos. Devem ter início e fins claros, com orientações específicas e consistentes) e **Recompensar** (as recompensas interaccionais frequentes e intensas, são inicialmente necessárias para realçar e enfatizar o valor de presença e da participação humana, mas que ao longo do tempo tem de ir diminuindo a sua intensidade) (Mcgee, Menolascino, Hobs e Menousek, 2007)

As técnicas que suportam estas estratégias estão inseridas em dois grandes grupos, por um lado, **Reduzir respostas indesejáveis**: Ensino pró-activo e não re-activo, Gestão do ambiente envolvente, Ensinar em silêncio, Dar pistas precisas e suaves, Usar a tarefa como veículo e Manter um foco interaccional e, por outro, **Desvanecimento do suporte**: Desvanecer ou ignorar e direccionar, Desvanecer a presença do cuidador e Desvanecer o suporte da recompensa (Mcgee, Menolascino, Hobs e Menousek, 2007).

3.6. Programa de Integração Transitório e Programa de Desenvolvimento Individual

Quando um aluno entra na Associação Qe, depois de ter realizado a avaliação inicial, integra-se num Programa de Integração Transitório que tem a duração de três meses, no qual o aluno tem um plano de intervenção temporário, que dá a possibilidade de aferir a validade das conclusões obtidas pela avaliação inicial e os níveis de apetência

e motivação dos alunos nas diversas actividades. É o período durante o qual se prepara a elaboração do Programa de Desenvolvimento Individual com informações ao nível das competências, apetências e motivação. Trata-se de um período de exploração e adaptação a novas actividades, novas rotinas, novas relações, ou seja, a todo um estilo e ritmo de vida diferentes. Durante esta fase de adaptação, não são esperadas grandes evoluções, mas sim um conjunto diversificado de informações que permita uma elaboração cabal e adequada do seu Programa de Desenvolvimento Individual. Todas as actividades realizadas pelos alunos, nesta etapa, são avaliadas no mínimo uma vez e no máximo quatro vezes.

Quando um aluno termina a fase de Programa de Integração Transitório, entra noutro programa que se encontra adequado a si próprio, sendo ele o Programa de Desenvolvimento Individual. Este programa define um processo para a promoção e autonomia de cada aluno, tendo em conta o seu perfil de competências, a sua motivação e o seu projecto de vida. Dos três currículos de desenvolvimento possível (pessoal, social e profissional), os alunos são integrados no nível que melhor se adequa às suas necessidades educativas mais prementes, definidas na avaliação inicial explorada durante a implementação do Programa de Integração Transitório.

Cada currículo é composto por objectivos específicos, que são revistos anualmente e semestralmente, em que cada objectivo específico está associado aos vários requisitos da avaliação inicial do Programa de Integração Transitório. Desta forma, as actividades que os alunos desenvolvem encontram-se de acordo com os objectivos específicos que se pretendam atingir em cada semestre. Assim, o Programa de Desenvolvimento Individual é composto por: objectivos gerais pelo período de um ano; objectivos específicos definidos pelo período de seis meses; mapa de actividades para cada semestre e calendarização semestral das avaliações das actividades e requisitos que as compõem.

3.7. Descrição da Ocupação do Tempo dos Alunos

O Plano de Actividades do alunos da Associação Qe é composto por cinco momentos distintos: entre as 9 horas e as 12 horas os alunos encontram-se a desenvolver as actividades que compõem o seu Plano de Desenvolvimento Individual (cada actividade tem a duração de 1 a 2 horas); entre as 12 horas e as 13 horas decorre o almoço; entre as 13 horas e as 16 horas sucedem-se as actividades da parte da tarde;

entre as 16 horas e as 16 horas e 30 minutos decorrem os lanches e por fim entre as 16 horas e 30 minutos e as 17 horas e 30 minutos efectua-se a saída dos alunos.

As actividades delineadas no Programa de Desenvolvimento Individual, tal como o nome indica, são definidas de acordo com as necessidades individuais de cada aluno, ou seja, com o seu plano individual.

Todas estas actividades possuem um fim educativo, devido ao facto de: fomentarem o trabalho em equipa, proporcionam a aprendizagem da ocupação do tempo, estimulam a cooperação em equipa, não pensando só em si próprios, permitem a estimulação da memória a longo prazo e possibilitam uma melhor compreensão da vivência em grupo, a aquisição de conhecimentos teóricos, bem como a aprendizagem de regras e práticas profissionais.

3.8. Os Ateliês

Os Ateliês desta Instituição têm como principais objectivos: ajudar a pessoa a descobrir-se e descobrir os outros; valorizar as emoções como núcleo essencial humano e incentivar a pessoa a pensar e a sentir, desenvolvendo a capacidade de se exprimir sem bloqueios.

Desta forma, os Ateliês (salas de actividades) desta Instituição são:

- **Ateliê Arte e Descoberta:** as actividades desenvolvidas neste espaço têm como função, que os alunos trabalhem a expressão plástica, a cerâmica, o vidro e têxtil;
- **Ateliê OlhArte:** outrora, tendo este como função, que os alunos trabalhassem o campo da fotografia e imagem, nos dias que correm é utilizado como sala do apoio individualizado, para alunos menos autónomos;
- **Ateliê ComunicArte:** desenvolve-se neste espaço actividade que têm como função, que os alunos trabalhem os campos da comunicação, estimulação cognitiva, leitura e escrita e da informática.
- **Espaço Movimento:** nesta sala trabalham-se três áreas, sendo elas: linguagem corporal (teatro, relaxamento e dança); linguagem musical e linguagem física (psicomotricidade, actividades desportivas e fisioterapias);

- **Sala de Formação:** esta sala tem como função apoiar nas actividades técnico pedagógicas, o desenvolvimento de competências dos funcionários da Instituição e projectos de mudança, assim desenvolvendo a linguagem criativa (projectos).

Além destas actividades que os alunos desenvolvem estes ainda participam em actividades terapêuticas externas, tais como: natação, hipoterapia, trampolins e dança.

3.9. Os Simuladores Profissionais

A Associação Qe possui simuladores profissionais que se encontram na base de desenvolvimento dos diferentes programas do Currículo Profissional. Com vista à inserção social e profissional, os alunos têm a possibilidade de frequentar os simuladores profissionais existentes nesta Instituição nomeadamente: Hotelaria e Restauração; Floricultura e Jardinagem.

Os alunos que podem integrar os simuladores profissionais têm de ter já realizado um trabalho diverso no desenvolvimento da sua autonomia pessoal e social, principalmente no que diz respeito ao campo cognitivo (capacidade de leitura e cálculo).

3.9.1. Simulador Profissional: Hotelaria e Restauração

Os principais objectivos que este simulador pretende que o aluno alcance são: cumprir todas as normas, atitudes e procedimentos do código de boas práticas; preparar e confeccionar todo o tipo de alimentos; preparar a linha self (relacionada com a área de atendimento ao público e de lavagem de loiças), higienizar alimentos, equipamentos da cozinha; fazer a recepção e armazenamento de todos os produtos e conhecer as regras de gestão e manutenção de armazém e processo de reposição de produtos em loja.

Os módulos que são ensinados neste simulador são: Higiene Pessoal, Preparação de Self e Bar, Higiene das Instalações e equipamentos, Higiene Alimentar, Recepção e Preparação de Matérias-Primas, Armazém de Produtos, Preparação e Confeccção, Armazém e Remoção de Lixos, Circuitos de Mercadorias e Gestão de Armazém, Operacionalização da Loja e Técnicas de Reposição.

Os alunos têm 101 horas teóricas, 1165 horas práticas e 518 horas no posto de trabalho, perfazendo desta um total 1784 horas de simulador profissional.

Os métodos pedagógicos que são utilizados neste simulador dividem-se em teóricos e práticos. O método pedagógico teórico é o manual técnico, por sua vez os métodos práticos são: a prática simulada e a prática em contexto real.

No que diz respeito à avaliação, é avaliada a qualidade da formação e dos impactos da formação. Desta forma, a avaliação possui duas fases:

1. Na Associação Qe: cabe ao formador (responsável pelo simulador) todas as semanas atribuir uma classificação (de 1 a 4) aos alunos, de acordo com o seu desempenho e comportamento, bem como, através de fichas de avaliação (duas fichas por semestre), avaliar os alunos quanto a aquisição de competências específicas (quantitativamente) e, no que respeita à sua evolução, comportamento individual e social (qualitativamente).
2. No posto de trabalho: o Técnico responsável pela área profissional da Instituição, desloca-se regularmente aos locais onde os alunos se encontram a trabalhar, com o intuito de dialogar e reflectir com os profissionais responsáveis pelos alunos, recolher informação sobre o que os alunos realizam, como se encontra a decorrer o seu desenvolvimento, bem como, observar os alunos (sem que estes se apercebam) a desempenharem as suas funções.

O parceiro profissional neste simulador é a Viúva Malheiro (Restauração) e o Jumbo (Pastelaria), onde a sua função se encontra relacionada com receber os alunos num dos seus postos de trabalho e apoiar-los em todas as suas necessidades, ou seja, desde as suas dificuldades no desenvolvimento das tarefas, às suas dificuldades de integração social. Os alunos começam por frequentar o posto de trabalho durante uma manhã ou uma tarde e no final do seu percurso formativo encontram-se no local de trabalho os cinco dias semanais (8 horas diárias), sendo remunerados.

3.9.2. Simulador Profissional: Floricultura e Jardinagem

Os principais objectivos que este simulador pretende que o aluno alcance são: conhecer os diferentes tipos de jardins, idade, estilo e período de manutenção necessário; conhecer e executar trabalhos de manutenção em relvados, prados, arbustos, herbáceas e árvores; conhecer e executar a montagem de diferentes tipos de sistemas de rega existentes e sua manutenção; conhecer e executar cuidados básicos e de treino de animais e conhecer e executar produção hortícola no sistema de agricultura biológica.

Os módulos que são ensinados neste simulador são: Manutenção de Jardins, Tipos, Podas e Cortes, Fertilizações, Sistemas de Regra, Doença e Pragas, Segurança e Higiene no Trabalho, Conceitos e Regras Básicas em Agricultura Biológica, Produção e Comercialização em Agricultura Biológica e Criação e Prestação de Cuidados em Animais.

Os alunos têm 126 horas teóricas, 1205 horas práticas e 433 horas no posto de trabalho, perfazendo desta um total 1764 horas de simulador profissional.

Os métodos pedagógicos que são utilizados neste simulador dividem-se em teóricos e práticos. O método pedagógico teórico é expressivo e indutivo, por sua vez os métodos práticos são: a prática simulada e a prática em contexto real.

No que diz respeito à avaliação, é avaliada a qualidade da formação e dos impactos da formação. Desta forma, a avaliação possui duas fases:

1. Na Associação Qe: cabe ao formador (responsável pelo simulador) todas as semanas atribuir uma classificação (de 1 a 4) aos alunos, de acordo com o seu desempenho e comportamento, bem como, através de fichas de avaliação (duas fichas por semestre), avaliar os alunos quanto a aquisição de competências específicas (quantitativamente) e, no que respeita à sua evolução, comportamento individual e social (qualitativamente).
2. No posto de trabalho: o Técnico responsável pela área profissional da Instituição, desloca-se regularmente aos locais onde os alunos se encontram a trabalhar, com o intuito de dialogar e reflectir com os profissionais responsáveis pelos alunos, recolher informação sobre o que os alunos realizam, como se encontra a decorrer o seu desenvolvimento, bem como, observar os alunos (sem que estes se apercebam) a desempenharem as suas funções.

O parceiro profissional neste simulador é o Jardins do Paço/Agrobio, onde a sua função se encontra relacionada com receber os alunos num dos seus postos de trabalho e apoiar-los em todas as suas necessidades, ou seja, desde as suas dificuldades no desenvolvimento das tarefas, às suas dificuldades de integração social. Os alunos começam por frequentar o posto de trabalho durante uma manhã ou uma tarde e no final do seu percurso formativo encontram-se no local de trabalho os cinco dias semanais (8 horas diárias), sendo remunerados.

3.10. Organização dos Recursos Humanos

Através da observação do organograma da Instituição Qe Sintra, que se encontra no Anexo X, verifica-se que esta possui uma estrutura muito bem delineada, tendo como órgão superior a Direcção Executiva (esta encontra-se dependente dos Accionistas desta Instituição). As suas funções são planear, coordenar e controlar as actividades de prestação de serviços, as actividades comerciais e de marketing e as actividades de logística, administrativa e financeira da Instituição e definir os meios humanos, materiais e financeiros em função das exigências.

Seguidamente à Direcção Geral, no que diz respeito ao nível hierárquico, encontra-se a Directora Pedagógica, que tem sobre a sua alçada todas as pessoas que trabalham no Pólo Pedagógico. A Directora Pedagógica (possui Licenciatura em Sociologia) tem como principais funções: planear, coordenar e controlar as actividades de admissão, avaliar, integrar, programar e monitorizar os alunos. Esta ainda colabora na definição das actividades comerciais e de marketing e na organização dos trabalhadores da instituição e na definição dos meios materiais e financeiro.

Na linha hierárquica abaixo da Directora Pedagógica encontram-se: a Coordenadora do Pólo Pedagógico (possui Licenciatura em Sociologia), a Coordenadora de Avaliação (possui Licenciatura em Neuropsicologia), a Coordenadora Administrativa – Financeira (possui Licenciatura em Gestão) e a Coordenadora da Bolsa Social e Comunicação & Imagem.

A Coordenadora do Pólo Pedagógico tem como funções: planear, organizar, dirigir, coordenar e controlar as actividades técnico pedagógicas e de formação.

A Coordenadora da Avaliação possui como tarefas: organizar, dirigir, coordenar e monitorizar todas as actividades de avaliação. Elabora o relatório de avaliação de todos os alunos e plano de integração provisório.

A Coordenadora Administrativa – Financeira tem como principais funções: planear, coordenar, executar e controlar as actividades administrativas e financeiras, de acordo com as políticas, estratégias e objectivos superiormente definidos, de forma a garantir o bom funcionamento do estabelecimento e a satisfação dos alunos.

No Pólo Pedagógico encontram-se ainda as Monitoras de Ateliê e as Monitoras de Simulador Profissional.

Os Monitores das actividades são oito elementos, sendo eles: duas Monitoras do ComunicArte, uma Monitora de Restauração; uma Monitora de Jardinagem, uma

Monitora Espaço Movimento, uma Monitora de Apoio Individualizado, uma Monitora de Arte e Descoberta e um Monitor de Relaxamento e Movimento Corporal.

As Monitoras de actividades têm como missões: Participar na avaliação inicial de todos os alunos; Estabelecer o programa de actividades do Ateliê; Estabelecer diferentes actividades de acordo com o currículo em que os alunos estão inseridos; Definir as actividades a desenvolver, tendo em conta as competências/objectivos definidos no Programa de Integração Transitório e no Programa de Desenvolvimento Individual de cada aluno e fazer a programação mensal das actividades. Todas estas tarefas são discutidas com a Coordenadora do Pólo Pedagógico.

A Coordenadora Administrativo-Financeira tem a seu cargo a Recepcionista e o Técnico de Manutenção/Motorista.

A recepcionista tem como tarefas: atender e encaminhar todos os agentes, atender o telefone, abrir o complexo à hora determinada, registar dados informáticos, recepcionar, registar e distribuir as correspondências e apoiar o trabalho administrativo.

O Técnico de Manutenção/Motorista tem como funções: planejar e controlar o plano de manutenção preventiva de acordo com os planos de manutenção dos diversos intervenientes, executar a manutenção dos equipamentos, analisar mensalmente os custos de manutenção e propor alternativas com vista à sua racionalização, elaborar dossiers técnicos de cada equipamento, registar todas as operações e analisar os seus custos e mensalmente indicar à direcção quais as medidas a tomar, com o auxílio de uma empresa certificada: controlar e analisar as águas, ao controlo do ar, nomeadamente aos aparelhos de ar condicionado, ao controlo dos óleos alimentares e ao controlo das temperaturas dos armários de refrigeração e congelação dos alimentos, transportar os alunos de e para o complexo, deslocar-se para o exterior e assegurar os serviços necessitados pela área administrativo-financeira e assegurar a boa gestão e funcionamento do economato ajudando na recepção de materiais e sua posterior entrega dentro do complexo.

Não se considerou relevante realizar a descrição dos monitores de residência, pois não existiu contacto directo com estes no decorrer da elaboração do projecto.

Através do organograma, bem como, de tudo o que foi mencionado sobre as funções de cada órgão da Instituição verifica-se que a estrutura desta organização é uma Estrutura Burocrática Mecanicista, pois segundo Alves (2003, p.23), esta estrutura é “caracterizada pela existência de diversos níveis hierárquicos formalizados, abundância de normas e regras administrativas tendencialmente uniformes” e “estas burocracias

funcionam como máquinas bem integradas e bem reguladas onde tudo está estandardizado: as responsabilidades, as qualificações, os circuitos de comunicação, os processos de trabalho e a linha hierárquica onde se define a estrutura de poder” (Bilhim, 1996, p. 145).

4. Identificação e Caracterização do Grupo-Alvo

A Associação Qe, na actualidade conta com um total de 43 alunos, possuindo 21 alunos do sexo masculino (49%) e 22 alunos do sexo feminino (51%). A Informação sobre os alunos encontra-se sistematizada na tabela representada no Anexo VII.

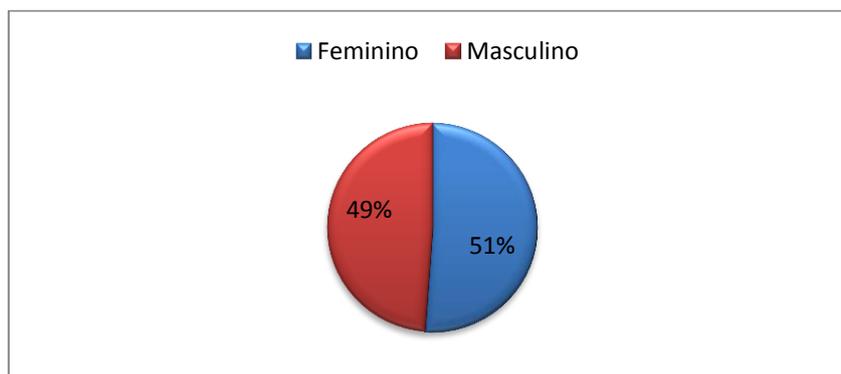


Figura 1: Percentagem de Alunos por Género

No que diz respeito às idades dos alunos da Associação Qe, estes possuem idades compreendidas entre os 16 e os 49 anos, sendo o grupo etário dos 16 aos 30 anos o que abrange um maior número de alunos.

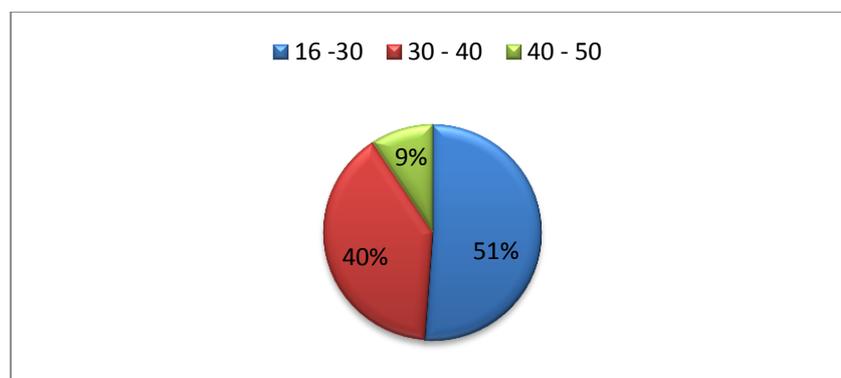


Figura 2: Percentagem de Alunos por Idade

Através de conversas informais com os monitores e da tabela que se encontra no Anexo VII, verifica-se que a Instituição possui 19% de alunos a saber ler, sendo que o número de elementos do sexo feminino (11,9%) é superior ao dos elementos do sexo masculino (7,1%), no que diz respeito aos alunos que sabem ler com ajuda verifica-se uma tendência inversa pois existem 16,7% alunos do sexo masculino a saber ler com ajuda, enquanto que entre os alunos do sexo feminino só existem 4,8%. Por fim, os alunos que não sabem ler são os que se encontram em grande maioria, estando representados numa percentagem de 59,5%, onde existem mais elementos do sexo feminino sem saber ler (35,7%) do que elementos do sexo masculino (23,8%).

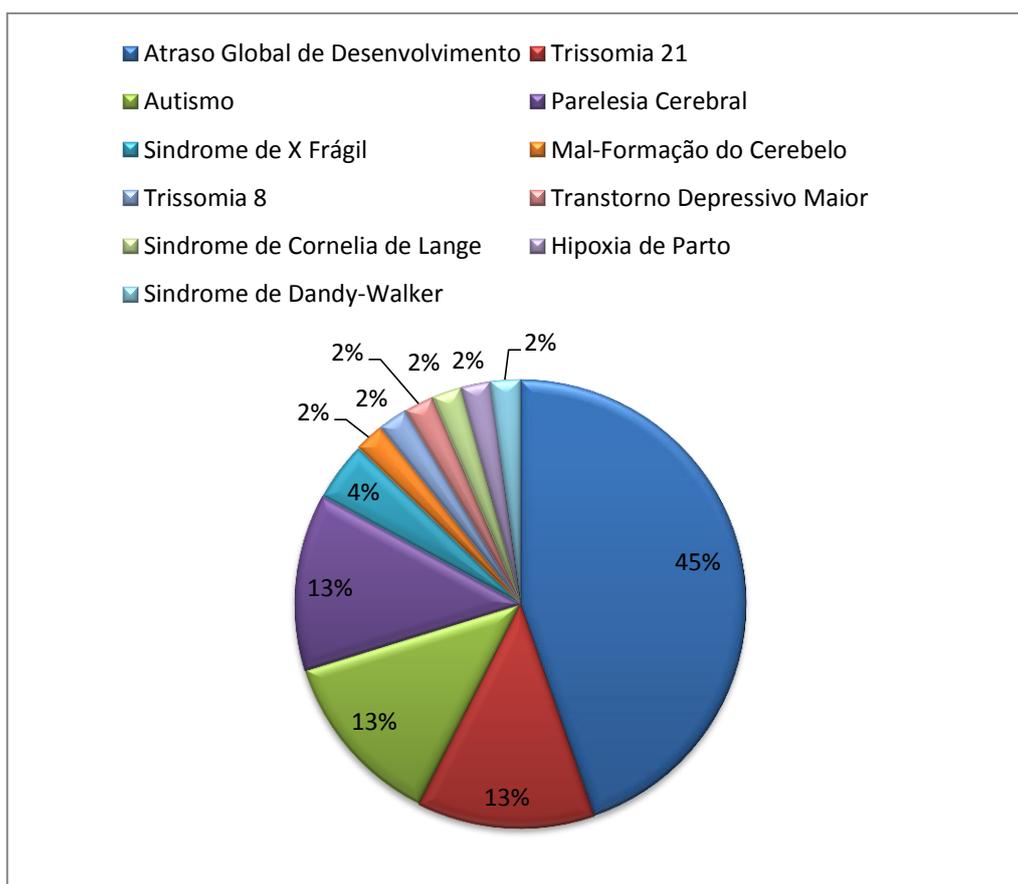


Figura 3: Percentagem de Alunos por Tipo de Deficiência Mental

No que se relaciona com os tipos de deficiência mental que existem nos alunos da Associação Qe, pode-se verificar no gráfico da Figura 2 que existe uma taxa de 45% de alunos com Atraso de Desenvolvimento Global, que a taxa de alunos com Autismo é igual à dos alunos com Trissomia 21 (13%), a percentagem de alunos com Síndrome de X Frágil é de 4% e, por fim, com uma taxa de 2% encontram-se os alunos com Mal-

Formação no Cerebelo, Trissomia 8, Transtorno Depressivo Maior, Síndrome de Cornélia de Lange e Síndrome de Dandy-Walker.

Sexo	Sabe Ler	Sabe Ler com Ajuda	Não Sabe Ler
Masculino	7,1%	16,7%	23,8%
Feminino	11,9%	4,8%	35,7%
Total	19%	21,5%	59,5%

Quadro 1: Os Alunos quanto ao seu Conhecimento no Campo da Leitura por Sexo

No que diz respeito ao Nível de Escolaridade dos alunos é muito irregular, pois só uma aluna completou com grandes dificuldades o 12º ano, três alunos completaram o 9º ano numa Escola de Ensino Especial e os restantes alunos frequentaram Escolas de Ensino Regular e de Ensino Especial, mas sem a certificação de conhecimentos. Os alunos que completaram o 12º ano e o 9º ano de escolaridade sabem ler enquanto que os restantes alunos estão divididos nas três áreas (sabe ler, sabe ler com ajuda, não sabe ler).

5. Identificação das Condições para o Êxito do Projecto

Ao iniciar a elaboração deste projecto efectuei várias reuniões com a Directora Pedagógica e com a Coordenadora Pedagógica da Associação Qe, com vista a perceber qual seria o êxito do projecto. Nestas reuniões as responsáveis pelo Pólo Pedagógico revelaram-se bastante interessadas na elaboração e concretização do projecto, contudo, expuseram desde de cedo a falta de verbas que a Associação possuía, bem como, o facto de este projecto ser um pouco moroso e implicar uma grande disponibilidade por parte de uma Técnica, que temporariamente não será possível, devido ao rácio de alunos por Técnico nas actividades diárias ser elevado.

Embora, não tenham colocado a possibilidade da inviabilidade do projecto, consideram a sua concretização uma situação a decidir-se consoante a evolução da Associação.

As duas responsáveis mostraram interesse na concretização de algumas das actividades propostas no projecto, pois vão de encontro aos objectivos do ateliê de Leitura e Escrita da Associação.

Por último, uma das condições que poderá levar ao êxito deste projecto, é o facto de este ter sido elaborado de acordo com a identificação de um problema da Associação Qe.

6. Definição do Âmbito Temporal

O âmbito temporal deste projecto será variável, pois como sou Técnica nesta Associação exerço outras funções para além daquelas que pretendo executar neste projecto. Contudo, espero que este projecto possua a duração de um ano, tendo o seu início em Janeiro de 2012 e término em Dezembro 2012. Para uma melhor compreensão do tempo de execução do projecto no Capítulo III irá ser apresentado o plano de actividades.

7. Resultados Esperados

Com este projecto os resultados que se esperam alcançar, num âmbito geral, serão: organizar uma biblioteca escolar que possua um espaço aberto e dinâmico, proporcionando o desenvolvimento do gosto pela leitura e possibilitar que o público-alvo deste projecto compreenda o quanto a leitura é importante no processo de desenvolvimento pessoal, bem como, criar um espaço de trabalho e lazer, que proporciona ao público-alvo actividades que lhes permitam realizar um percurso mais criativo e diversificado no ensino da leitura e escrita.

Capítulo II – Projecto

1. Apresentação do Diagnóstico

“A complexidade do conhecimento do real é um facto conhecido, mas a metodologia de projecto tem como pressuposto que qualquer objectivo de intervenção é construído com base no conhecimento da realidade, sob pena de não ser adequado ou realista. No entanto, e dado que “a realidade não fala por si”, o conhecimento das dinâmicas sobre as quais se pretende intervir é um problema complexo que exige conhecimentos teóricos e metodológicos com alguma profundidade.” (Guerra, 2002: p. 129).

Deste modo, o que se encontra em causa quando se fala de diagnóstico é o conhecimento científico dos fenómenos sociais e a capacidade de delinear intervenções que atinjam as causas dos fenómenos e não as suas manifestações aparentes (Guerra, 2002).

Para possibilitar um diagnóstico fundamentado na realidade da Associação Qe houve a necessidade de se utilizar diferentes técnicas de recolha e análise dos dados. Deste modo, como técnicas de recolha de dados utilizou-se a entrevista semi-estruturada como meio para recolher informação junto da Coordenadora Técnico-Pedagógica da Associação Qe (Anexo I), a observação participante nas rotinas da Associação Qe, a observação não participante na actividade de Leitura e Escrita (Anexo VI), e a pesquisa arquivística.

De acordo com Albano Estrela a finalidade das entrevistas semi-estruturadas consiste na recolha de dados de opinião que permitam não só fornecer pistas para a caracterização do processo em estudo, como também conhecer, sob alguns aspectos, os intervenientes do processo.” (1994: p. 142). Assim sendo, a entrevista semi-estruturada que se realizou à Coordenadora Técnico-Pedagógica teve como principal finalidade recolher dados sobre a importância que à Associação dá à leitura, perceber quais as dificuldades que as pessoas com deficiência mental possuem na área da Leitura, perceber quais os processos e meios utilizados no ensino da leitura, perceber qual a posição da Associação no que respeita à relação entre ambiente familiar e o desenvolvimento do gosto pela leitura e, por último, compreender se os alunos desta instituição possuem aptidões na área da leitura para sobreviverem na “Sociedade do Conhecimento”.

Albano Estrela defende que observação participante ocorre quando o observador participa na vida das pessoas que está a observar. “Independentemente das técnicas específicas utilizadas e dos campos em que trabalha, o observador participante deverá desempenhar um papel bem definido, na organização social que observa. Este papel poderá ser percebido diferentemente pelo grupo, conforme a função de observação seja ou não conhecida. Se a função de observação for do conhecimento do grupo, o estatuto que é conferido ao observador é muito diferente daquele que lhe é atribuído quando essa função for desconhecida, isto é, quando se considera o observador apenas como um participante.” (Estrela, 1994: p. 32). Neste sentido, a presente investigação utilizou a técnica de Observação Participante com o principal objectivo de compreender as rotinas e dinâmicas da Associação Qe.

Segundo Santos e Redyson (2008) a observação não participante ocorre quando o pesquisador se mantém na posição de observador e expectador sem se envolver com o objecto da observação.

A pesquisa arquivística, segundo Afonso (2005), consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados com finalidades específicas, em geral, diferentes dos objectivos do projecto de intervenção.

A seguir a recolher-se os dados, estes tiveram de ser analisados e interpretados com base em técnicas de análise de conteúdos e análise documental. Nas Ciências Sociais a técnica de análise de dados mais utilizada é a análise de conteúdo que segundo Bardin é “(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Tais procedimentos são criteriosos, com muitos aspectos observáveis, mas que colaboram bastante no desvendar dos conteúdos dos seus documentos (2002, p.38 cit in Goldemberg e Otutumi, 2008).

Seguidamente, apresenta-se a análise de dados recolhidos através da técnica de entrevista e da observação não participante.

1.1. Dinâmicas no Ateliê de Leitura e Escrita

Para compreender de uma forma mais aprofundada o Ateliê de Leitura e Escrita foi necessário realizar algumas observações não participantes para que pudesse compreender qual a realidade dos alunos da Associação em relação à leitura e a importância que estes atribuíam a esta área do saber.

Desta forma, as observações foram realizadas em diferentes sessões de Leitura e Escrita para que pudesse observar o maior número de alunos e perceber as diferentes dificuldades que os diversos alunos sentiam na área da leitura.

As sessões que observei foram realizadas na Biblioteca. A primeira sessão foi marcada pela realização de um ditado pelos alunos, enquanto as sessões posteriores foram marcadas pela leitura de textos e a sua interpretação.

Todas as sessões se iniciaram com uma fase de apresentação, onde a Técnica explicava aos alunos o que se iria realizar, escutando o que estes pensavam das tarefas propostas. Seguidamente, dava-se início à execução da tarefa. A grande maioria dos alunos demonstrava motivação para a sua realização, como por exemplo, na sessão de 2 de Dezembro, os alunos bateram palmas depois da leitura da história, mostrando que estavam a gostar da tarefa, bem como, na sessão de 21 de Fevereiro todos os alunos participaram muito, cada um de sua forma. Os alunos A10 e A32, sempre muito empenhados na leitura e a aluna A18 na resposta acertada às questões que lhe iam sendo colocadas. Quando os alunos terminavam a realização da tarefa todos arrumavam os materiais utilizados e falavam um pouco sobre o que tinham considerado da sessão. No término da actividade, a Técnica desejava sempre um bom dia de trabalho, para que estes se sentissem motivados para as actividades seguintes.

Ao longo de todas as sessões, a Técnica utilizou uma linguagem simples e de fácil compreensão, para que os alunos pudessem perceber a informação que estava a ser transmitida. Segundo a Técnica é essencial minimizar todas as situações que tragam constrangimentos às aprendizagens dos alunos. Um dos principais é a linguagem, pois se a Técnica utilizasse uma linguagem complexa os alunos não iriam compreender o que lhe estava a ser proposto. Assim sendo, a forma como a mensagem é transmitida aos alunos deve ser clara e simples para que estes possam compreender as tarefas e o que se pretende realizar em cada uma delas.

Durante as sessões que se basearam na leitura de livros, os alunos tiveram uma participação activa na escolha do livro que seria lido, pois eram os alunos que iam à estante da Biblioteca seleccionar o livro. Esta situação é deveras importante porque os alunos sentiam que podiam escolher um livro que era do seu agrado e, por isso, levando a que se encontrassem mais atentos no decorrer da leitura e na sua participação quando se encontravam a debater o conteúdo lido.

Em todas as sessões observadas verifiquei que a Técnica teve sempre uma preocupação com as dificuldades que os alunos sentiam, estando sempre a seu lado para

colmatar as suas dúvidas. Todos os alunos observados mostraram ter bastantes dúvidas no campo da leitura e da escrita, contudo um grupo de alunos pela sua avançada idade, bem como, por demonstrarem ter mais dificuldades cognitivas que impediam a aquisição de técnicas de escrita e de leitura, participavam em sessões direccionadas para a leitura de contos, pois estes possibilitam o desenvolvimento do pensamento crítico e da criatividade. Desta forma, permitindo-lhes ganhar uma maior capacidade de interpretação do que os envolve e trazendo-lhes a possibilidade de aquisição de competências diferentes no campo da criatividade, onde estes poderão aplicar as suas reflexões em diferentes actividades do seu quotidiano.

O espaço da Biblioteca onde a actividade se realizada é um espaço muito desorganizado e pequeno, pois as estantes que nela existem estão muito desorganizadas e desarrumadas, bem como, o espaço em si não é apelativo, sendo utilizado para todas as situações que digam respeito à área comercial e logística, em vez de ser utilizada para a sua principal função a leitura (a única situação em que é utilizada para este fim é na actividade de Leitura e Escrita). Este espaço é repleto de estímulos que fazem os alunos estarem desconcentrados, pois é rodeado de vidros, não sendo propício à sua concentração, porque basta passar um funcionário ou aluno no corredor para estes se distraírem. Outra situação para a distracção dos alunos na realização das tarefas é o facto de na Biblioteca existirem os cacifos dos alunos, onde é muito frequente os Técnicos terem de interromper a sessão para irem buscar pertences dos alunos não autónomos aos seus cacifos.

O ambiente do ateliê é dinâmico, pois existe uma boa participação dos alunos nas actividades e um grande gosto por desenvolverem os seus conhecimentos ao nível da leitura e da escrita. Também se denota uma boa relação entre a Técnica e os alunos, pois as atitudes foram de carinho e de compreensão, existindo um ambiente de conforto propício ao progresso das aprendizagens.

Ao longo das observações, compreendi que os alunos considerados menos autónomos são os que mais participavam e os que mais tinham determinação em aprender. Os alunos mais autónomos como vivem em plena adolescência acabam por estar numa fase de rejeição da pessoa que detém a autoridade e, por vezes, não valorizavam os esforços realizados pela Técnica para que estes se desenvolvessem.

A observação das sessões foi essencial para verificar que a Técnica aplicou diferenciadas competências fundamentais para que os alunos se sentissem mais motivados para a participação, sendo elas: incentivadora, ou seja, motivando os alunos a

trabalharem e mostrarem o que sabiam e sentiam; liderança, comandava a sessão levando os alunos a fazer o que era pretendido, mas sempre com o intuito do bem-estar destes; comunicadora; dinâmica, pois propiciava a ligação entre as diferentes partes da sessão como se fossem só uma e auxiliadora do alunos, tentando que os alunos resolvessem as suas dificuldades e proporcionando o bem-estar destes.

As principais dificuldades da Técnica estavam relacionadas com a participação dos alunos, pois nem sempre foi fácil incentivar os alunos a estarem concentrados e motivados, embora com atitudes de carinho e de compreensão conseguisse atingir o seu objectivo.

Considero que as observações me proporcionaram uma maior compreensão sobre o relacionamento entre alunos e a Técnica e o modo como eram utilizados os recursos existentes na Biblioteca e a falta de organização em que se encontra o presente espaço.

1.2. A Leitura e a Associação Qe

Para que pudesse caracterizar a Associação Qe quanto à importância dada à Leitura foi necessário realizar uma entrevista à Coordenadora Técnico-Pedagógica. Esta entrevista teve como principal objectivo o auxílio da identificação e definição da problemática da Instituição. Nos Anexos II, III, IV e V, pode-se observar detalhadamente o protocolo e a análise de conteúdos da entrevista efectuada.

A importância da Leitura de acordo com os fundamentos da Associação Qe relaciona-se com a autonomia dos seus alunos, sendo a leitura vista como um parâmetro integrante do domínio do desenvolvimento cognitivo. Deste modo, segundo a entrevistada, “(...) quer ao nível da avaliação inicial, quer em termos da intervenção (através de Programas de Intervenção Individual) o nosso modelo pedagógico e o perfil de competências abrangem esta área. (...)”. As competências de leitura e escrita são encaradas como aquisições funcionais e, por este facto, nem todos os alunos trabalham este objectivo nos seus Programas de Desenvolvimento.

No que respeita aos métodos utilizados para o ensino da leitura, a Instituição baseia-se no Método Global, embora este também seja complementado com algumas técnicas utilizadas no ensino tradicional da leitura, “(...) onde se valoriza a leitura acompanhada, a utilização de fichas de desenvolvimento de conhecimentos escritos, à leitura de histórias como fomento da valorização do livro e da criatividade, jogos

didácticos, bem como, é colocada à disposição dos alunos: livros, revistas e materiais audiovisuais para que estes possam estar em contacto com a palavra escrita e com a criatividade.”. De acordo com Melo (2011) o Método Global foi desenvolvido por Yolanda Krueel e baseia-se no conhecimento de 28 palavras e não das letras, como tradicionalmente se ensinava. Essas palavras serão apresentadas aos alunos através de uma história que se irá contando ao longo do ano. De cada parcela do texto sairão uma ou mais palavras que os alunos irão memorizar globalmente e que aprenderão a distinguir e depois a analisar. Com sucessivos exercícios de decomposição dessas palavras e com a ajuda de processos ideográficos, eles associarão o desenho à palavra e vice-versa. Este método será mais atraente para os alunos quanto mais eles descobrirem o que lhe é proposto e tiverem interesse em trabalhar, descobrindo palavras, recortando desenhos, colando-os no espaço em branco. Depois do contacto inicial tudo se tornará mais fácil e, em pouco tempo, os alunos começarão a ler primeiro palavras e depois pequenas frases. Só no final, surgirá o alfabeto, já depois dos alunos saberem ler. Um método de leitura não constitui por si só toda a actividade no âmbito da leitura e escrita; outros trabalhos o podem e devem enriquecer, designadamente o texto livre, a correspondência escolar, a leitura de contos infantis, a pesquisa e a exploração do meio envolvente.

Desta forma, foi criada uma actividade com o objectivo específico de ensino da leitura designando-se por “Atelier de Leitura e Escrita”, embora existam outros ateliês que acabem por trabalhar componentes da leitura como por exemplo, a Estimulação Cognitiva e os Computadores, bem como, o Teatro, muito direccionado para a leitura de contos.

Do ponto de vista da entrevistada, a motivação e a relação com os Técnicos são elementos preponderantes na aprendizagem e, deste modo, são a base da intervenção na instituição. Sendo assim, é necessário uma intervenção direccionada e muito individualizada porque cada aluno é um aluno e tem as suas especificidades. Esta tarefa de ensino da leitura não é uma tarefa fácil, mas torna-se muito prazerosa pois segundo esta “(...) alguns destes alunos nunca foram estimulados no campo da leitura e, deste modo, quando chegam à Qe existe um longo caminho para percorrer. Não esquecendo que os nossos alunos já são jovens-adultos, o que significa que as suas estruturas psicológicas já estão maturadas ou quase maturadas e, desta forma, a aquisição de novos conhecimentos nem sempre é fácil. Contudo, quando os alunos alcançam êxitos é muito prazeroso, porque tiveram de percorrer um caminho árduo e com muitas dificuldades

tanto para o aluno como para o técnico que tem de estar sempre num processo de motivação do aluno.”.

Na Associação Qe só aproximadamente 35% dos alunos sabe ler. As principais dificuldades apresentadas pelos alunos encontram-se relacionadas com: défices cognitivos, problemas emocionais, fraca motivação e fraco investimento em idades mais precoces. O grau de dificuldade é muito diferenciado entre os alunos, pois segundo a entrevistada “(...) onde existem mais dificuldades no campo da leitura é nos alunos menos autónomos, onde alguns não sabem ler, outros conhecem algumas letras e esforçam-se muito, mas não conseguem passar desse estágio de aprendizagem da leitura, mas a partir da leitura de contos conseguiram adquirir um maior gosto pelo livro e por saberem interpretar textos. Depois temos alunos não autónomos que tiveram algum estímulo escolar em idade precoce que permitiu que conseguissem ler e escrever palavras pequenas e com sílabas que resultam unicamente da junção de duas letras, bem como, conseguem associar o som das letras nas palavras. No que diz respeito aos alunos autónomos quase todos sabem ler embora se dividam em dois grupos, um grupo de alunos que tiveram desde pequenos estímulo escolar na aprendizagem da leitura e escrita e outro grupo que devido a problemas pessoais (principalmente familiares) não tiveram os mesmo estímulo escolar e, deste modo, sabem ler mas com bastante dificuldade.”.

Os alunos que sabem ler já o sabiam quando chegaram à Associação Qe, pois como são jovens adultos já tiveram um passado escolar. Quando os alunos chegam à Associação Qe e não sabem ler, pois nunca fizeram nenhum trabalho anterior ao nível da leitura e escrita, é muito difícil iniciar essas aprendizagens quando existem défices cognitivos numa idade mais avançada.

No que respeita à escrita, a maioria dos alunos não sabe escrever. De entre os que sabem existem graus e capacidades muito diversificados. As dificuldades que os alunos sentem no campo da escrita estão relacionadas com dificuldades do foro cognitivo, destacando-se défices de atenção, concentração e memória e dificuldades do foro emocional, ligadas à motivação, auto-estima e confiança. Os motivos para que os alunos não saibam escrever encontram-se extremamente relacionados com as dificuldades sentidas, bem como, com a falta de estimulação em idades mais favoráveis à aquisição de leitura e escrita.

A Temática do envolvimento da família na aprendizagem da leitura é um aspecto fundamental para a Associação Qe, pois a instituição considera que o

envolvimento da família nas aprendizagens dos alunos é muito importante para uma maior motivação dos alunos na aquisição de novos conhecimentos. Contudo, os ambientes socioculturais dos alunos são muito diferenciados e, por isso, nem sempre é igual a valorização que os pais demonstram quanto à aprendizagem da leitura. Assim sendo, de acordo com a entrevistada “Numa grande maioria dos alunos o seu ambiente familiar não esteve aliado à leitura de livros e ao estímulo da aprendizagem por parte dos alunos, pois não se acreditava nas suas capacidades e, por isso, o investimento na educação destes esteve relacionada com o cuidado e com o estar na escola, mais do que na estimulação de aprendizagens. Num grupo minoritário de alunos, os seus pais estiveram sempre muito empenhados em que estes tivessem aprendizagens consistentes e acreditavam que podiam ir mais longe, estando presentes no processo de aprendizagem e fomentando em casa o desenvolvimento e o enriquecimento das aprendizagens dos seus filhos, ou seja, lendo-lhes histórias e estimulando-os para que estes possam ir mais além do que está escrito no texto explícito, visitas a museus e bibliotecas, entre outros.”. Para a Coordenadora Técnico-Pedagógica é um factor muito importante que um aluno observe os seus familiares a lerem, porque fomentará que o aluno imite os modelos que observa, ou seja, se os pais mostrarem gosto pela leitura os alunos também vão interessar-se mais por esta área do conhecimento. Línuesa (2007) considera que a maior parte dos hábitos, costumes e crenças que um aluno adquire provém do contexto familiar, não sendo difícil de perceber o valor que o papel desempenhado pela família na criação de hábitos leitores.

O Modelo Gentle Teaching é o modelo em que se baseia todo o funcionamento da Associação Qe, deste modo segundo a entrevistada “(...) tem por base o reforço da auto-estima e segurança, da construção de uma relação de confiança com a pessoa que ensina, fomentando um ambiente de bem-estar e conforto, permitindo um aumento da motivação e por consequência das aprendizagens da leitura dos alunos.”. Este modelo contribui que os alunos não tenham receio de cometer erros e, quando erram, sintam que estão a aprender. Para a Coordenadora Técnico-Pedagógica este modelo só pode trazer vantagens, porque se baseia na relação entre Técnicos e alunos e, por isso, se se criar um ambiente de conforto e uma relação de confiança os alunos vão-se empenhar mais e, deste modo, levar a que aprendam qualquer tipo de conhecimento.

No que se relaciona com a dinamização da Biblioteca Qe esta não se encontra em funcionamento de momento. Existe um projecto para o seu desenvolvimento, mas não existem meios para a sua implementação. Levando a que o espaço da Biblioteca

seja utilizado para diversas funções que não a sua real função, ou seja, viver-se a leitura. Embora seja utilizada como espaço para a realização das actividades de Leitura e Escrita, devido a não existirem ateliês suficientes para a sua realização, sendo a partir destas que os alunos conhecem quais as funções da Biblioteca e a forma como deve ser utilizada. Devido à falta de meios para a operacionalização de actividades que dinamizem a Biblioteca, pois envolveria muito tempo para a sua concretização, os alunos não têm um papel activo no seu desenvolvimento.

Por fim, no que diz respeito aos alunos da Associação Qe terem uma participação activa na Sociedade a partir da sua literacia, a Coordenadora referiu que o facto de estarem num fase de integração profissional potenciava a sua maior participação na comunidade, acabando por terem de “ (...) utilizar os conhecimentos adquiridos na Instituição nas suas funções no campo laboral principalmente no que diz respeito à Leitura, pois é fundamental para que possam ser autónomos no desenvolvimento das tarefas que lhe são propostas.”. Na Associação Qe tem-se o cuidado de tratar deste tema no Ateliê de Cidadania e de Autonomia na Comunidade contribuindo para que os alunos “(...) estejam preparados no que diz respeito aos seus deveres e direitos no campo laboral e à forma como devem estar no seu local de trabalho, para que estes não desrespeitem os seus colegas, mas que também não se deixem maltratar, pois a realidade mostra que este tipo de população acaba por ser abusada, por não saber os seus direitos enquanto cidadãos.”. A Coordenadora acrescenta que é da responsabilidade da instituição assegurar que estes alunos sejam cidadãos activos e que saibam como devem desempenhar o seu papel de cidadãos dentro de uma comunidade.

2. Identificação e Definição dos Problemas

A fase onde se começa a elaborar o esboço de um projecto de intervenção é a fase de identificação e definição dos problemas. Esta fase é fundamentada através dos dados recolhidos na fase anterior, ou seja, a fase de diagnóstico, estando fundamentada pela análise dos dados recolhidos através das técnicas de recolha de dados já mencionadas, sendo elas: entrevista à Coordenadora do Pólo Pedagógico da Qe, através da Observação Participante que se efectuou cada vez que participei na vida da Instituição, Observação Não Participante na actividade de Leitura e Escrita, através de conversas

informais com os intervenientes (quer trabalhadores, quer alunos), bem como, análise de documentos fundamentais da Instituição. Seguidamente apresentar-se-á os problemas diagnosticados a partir da análise de resultados.

Problemas Relacionados com a Associação Qe	Causas Prováveis	Potencialidades Presentes na Situação (Recursos)
Excessivo Número de Alunos para o Número de Técnicos de Ateliê	<ul style="list-style-type: none"> • Verbas reduzidas para investir em mais elementos da Equipa Técnico-pedagógica; • Apoios reduzidos por parte do Estado às IPSS; • A desvalorização por parte dos Órgãos Directivos dos Técnicos-Pedagógicos; • Pouco número de elementos no corpo de voluntários. 	<ul style="list-style-type: none"> • Condições físicas excelentes para um trabalho enriquecedor; • Começo de divulgação à comunidade da possibilidade de integração na equipa de voluntários; • Recursos humanos qualificados; • Elementos directivos parentes dos alunos da Qe, possibilitando uma intervenção mais directa com os elementos da equipa Técnico-Pedagógica.
Biblioteca Escolar pouco Desenvolvida	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionado com o pequeno número de técnicos; • Verbas reduzidas para investir em projectos relacionados com a leitura; • Desvalorização do espaço da biblioteca por Técnicos e alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Técnicos com motivação para desenvolverem projectos relacionados com a dinamização da leitura; • Actividades que se fundamentam no desenvolvimento do gosto pela leitura e escrita • Existência de parcerias com outras Instituições que se implicaram na causa de angariação de livros (Zon TV Cabo); • Perspectiva de integração de um maior número de voluntários.

Quadro 2: Apuramento das Problemáticas, Causas e Potencialidades da Associação Qe

Embora tenham sido identificados dois problemas chave da presente instituição, só será base deste projecto a segundo problema, pois é aquele em que sinto uma maior motivação para o tentar colmatar e integra-se dentro da minha área de actuação na Instituição.

Posteriormente, serão elucidadas as finalidades, os objectivos gerais e específicos, e as estratégias do presente projecto.

3. Finalidades do Projecto

As finalidades de um projecto de intervenção expõem a necessidade da sua existência e a contribuição que o mesmo pode trazer aos problemas e às situações que se tornam necessários transformar (Guerra, 2002). De acordo com a autora antes mencionada, impõe-se como finalidades do presente projecto:

- Dinamizar uma Biblioteca que possua um espaço aberto e dinâmico, proporcionando o desenvolvimento do gosto da leitura;
- Possibilitar que o público-alvo deste projecto compreenda o quanto a leitura é importante no processo de desenvolvimento pessoal.

4. Objectivos Gerais do Projecto

O passo seguinte às finalidades é caracterizado pela definição dos objectivos gerais do projecto, que segundo Guerra (2002: p. 163) “ (...) descrevem grandes orientações para as acções e são coerentes com as finalidades do projecto, descrevendo as grandes linhas de trabalho a seguir e não são, geralmente expostos em termos operacionais, pelo que não há possibilidade de saber se foram ou não atingidos. (...)”. Assim, os objectivos gerais do projecto são:

- Organizar uma pequena Biblioteca para que os alunos possam auferir de todos os serviços para o desenvolvimento da sua literacia;
- Elaborar e aplicar actividades de dinamização da leitura;
- Auxiliar a aprendizagem da leitura e da escrita;
- Possibilitar o desenvolvimento das práticas sociais da leitura e da escrita.

5. Objectivos Específicos

De acordo com a autora citada anteriormente, os objectivos específicos são aqueles que exprimem os resultados que se deseja alcançar e que detalham os objectivos gerais, operando como a sua concretização, sendo definidos em termos operacionais, qualitativos ou quantitativos, tornando possível a avaliar a sua concretização (Guerra, 2002). Os objectos específicos do presente projecto são:

- Elevar em 20% o espólio existente;
- Ter a participação de 20% dos alunos nas actividades realizadas;
- Conseguir que 10% dos alunos requisitem materiais do espólio da Biblioteca.

6. Estratégias de intervenção

A definição dos objectivos gerais e específicos são fases muito importantes para a fundamentação do projecto, contudo não menos importante é a definição das estratégias de intervenção, sendo consideradas como o estabelecimento dos caminhos metodológicos que se irão percorrer para atingir os objectivos delineados, ou seja, “(...) as estratégias podem ser definidas como as grandes orientações metodológicas de intervenção do projecto consideradas em termos da relação entre os recursos e objectivos(...)” (Guerra, 2002: p. 167).

Para o estabelecimento das estratégias que possibilitam a colmatação do problema que se encontra no cerne deste projecto, tive em conta os alunos da Associação Qe, pois para a concretização deste projecto existe a necessidade de uma participação activa destes, encarando-se os alunos como parceiros activos e colaboradores, bem como, a cooperação dos trabalhadores e da Direcção da Associação Qe, como elementos que apoiam o desenvolvimento do projecto. Deste modo, encara-se como estratégias a seguir:

- Iniciar o projecto pela apresentação deste à Direcção da Associação Qe e requerer apoio ao nível financeiro e logístico para o desenvolvimento das várias actividades do projecto;

- Proporcionar o envolvimento e participação de profissionais e alunos, apresentando o projecto e deixando claras as suas linhas orientadoras e finalidades;
- Solicitar a participação activa do público-alvo na criação e dinamização das actividades, para que se sintam parte integrante do projecto;
- Dar a conhecer à comunidade a Instituição e consecutivamente apresentar o projecto para que se encontre voluntários que apoiem o seu desenvolvimento;
- Apresentar a Instituição a empresas e editoras como forma de criar parcerias para a criação de uma biblioteca com recursos variados.

Capítulo III – Plano de Actividades

O presente capítulo é composto pelo Plano de Actividades. Esta fase de elaboração do projecto é realizada a partir de tudo o que foi delineado no capítulo anterior, ou seja, identificação e definição dos problemas, as finalidades, objectivos gerais e específicos e as estratégias de intervenção. Este capítulo será composto por dois pontos principais, a descrição das actividades e a sua calendarização.

1. Actividades do Projecto

Neste tópico do projecto ir-se-ão apresentar as actividades que se pretendem implementar. As actividades estarão organizadas em cinco temas, sendo elas: Organização e Dinamização da Biblioteca Escolar; A Hora do Conto; Os Clubes é Qe; A Essência das Letras e Construindo Livros. Antes das diferentes actividades serem implementadas terão de ser efectuadas três importantes fases que se destinam à apresentação deste à Direcção da Associação Qe, às pessoas interessadas do projecto e definição das actividades.

Fases Iniciais	Descrição
1ª Fase	Apresentação do Projecto à Directora e à Coordenadora do Pólo Pedagógico, com o intuito de sensibilizar para o desenvolvimento do projecto, com vista à obtenção de apoio ao nível financeiro e logístico.
2ª Fase	Apresentação do Projecto aos Alunos e Técnicos da Associação Qe, com o objectivo de estes compreenderem quais as finalidades do projecto e perceberem que eles próprios são essenciais para a sua concretização, bem como, perceber as suas opiniões e recolher sugestões.
3ª Fase	Definição das actividades.

Quadro 3: Fases Iniciais do Projecto

Tema I: Organização e Dinamização do Espaço da Biblioteca Escolar

Descrição do Tema	
<p>Pretende-se organizar e dinamizar o espaço da Biblioteca, pois encontra-se desorganizado e muito pouco utilizado por Técnicos e Alunos para o seu real objectivo, tendo em vista a valorização e correcta frequência do espaço.</p>	
Actividade 1	
Descrição	Sensibilização para a Importância do Espaço Biblioteca
Objectivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Sensibilizar alunos e técnicos para a importância do espaço da Biblioteca; • Apresentar as potencialidades de uma Biblioteca Escolar
Duração	1 Hora
Metodologia	<p>Realização, no Espaço da Biblioteca, de uma pequena apresentação em Powerpoint sobre as potencialidades do presente espaço. Nesta apresentação estarão mencionados diferentes tópicos: a importância das Bibliotecas Escolares, as suas funções, o que se pode encontrar numa Biblioteca Escolar e os deveres e direitos dentro de uma Biblioteca, exemplificando com algumas atitudes incorrectas que alunos e técnicos têm.</p>
Recursos Humanos	Técnica do Projecto e Coordenadora do Pólo Pedagógico
Recursos Materiais	Computador, Tela e SlideShow
Actividade 2	
Descrição	Inventário e Catalogação do Espólio Bibliográfico da Biblioteca
Objectivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Inventariar o espólio Bibliográfico; • Realizar a catalogação dos recursos materiais • Perceber quais as necessidades reais em termos de recursos materiais;
Duração	Não tem tempo previsto de duração. Irá depender do desenrolar do trabalho
Metodologia	<p>Criar em Microsoft Exel uma base de dados dos recursos materiais existentes e proceder à sua catalogação (livros, cassetes, DVDs) para que a Biblioteca comece a ser um espaço organizado e que apele à sua utilização. Esta base de dados será composta pelos seguintes elementos: secção do recurso (infanto-juvenil, adulto) categoria do recurso (livros, cassetes, DVD's, etc) quantidade de recursos dessa mesma categoria, temática (romance, comédia, terror, etc),</p>

	quantidade de recursos dentro da mesma temática, designação, autor, ano, editora, quantidade do mesmo recurso e qual a estante e prateleira em que se encontra. Neste momento começar-se-á a ter a real necessidade dos recursos materiais para que se comecem a criar parcerias com empresas e editoras.
Recursos Humanos	Técnica do Projecto, Elementos do Corpo de Voluntários e Alunos que se interessem em participar.
Recursos Materiais	Computador; Impressora; Papel A4 (branco); Papel A4 (de diferentes cores para realizar a diferenciação de secções, categorias e temas); Tinteiros; Papel autocolante transparente.
Actividade 3	
Descrição	Elaboração de uma Carta para as Editoras e Parceiros
Objectivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar uma carta para a convidar editoras e parceiros da Associação Qe a conhecerem melhor esta Instituição.
Duração	1 Hora
Metodologia	Elaborar uma carta que tenha por base o convite a Editoras e Empresas Parceiras da Associação Qe para visitarem a Instituição, de forma a conhecerem mais de perto o trabalho desenvolvido e assim possam ficar sensibilizados para contribuírem com recursos materiais para o projecto. Nesta actividade o papel da Coordenadora Pedagógica será essencial para validar o conteúdo da carta e verificar se está de acordo com os objectivos institucionais.
Recursos Humanos	Técnica do Projecto e Coordenadora Técnico-Pedagógica
Recursos Materiais	Computador; Papel A4 (branco); Envelopes e Selos
Actividade 4	
Descrição	Divulgação das Actividades
Objectivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar pósteres alusivos às actividades que irão ocorrer na Biblioteca; • Elaborar pósteres representativos das actividades (após execução das actividades); • Elaborar setas ou pegadas que indiquem o percurso para encontrar a Biblioteca; • Construção de bonecos que estejam ligados à fantasia.
Duração	Não tem tempo previsto de duração irá depender do desenrolar do trabalho
Metodologia	Elaborar pósteres que exponham as actividades que se pretendem realizar (por exemplo: a hora do conto, concurso de leitura, clube da escrita, entre outros),

	explicitando sucintamente no que consiste a actividade, mas que criem o interesse em participar. Neste mesmo âmbito criar setas ou pegadas (com pistas sobre o que se desenvolve na biblioteca) para colocar nas paredes ou no chão da instituição com o objectivo de criar interesse em visitar a biblioteca. Em parceria com ateliês da Associação Qe criar mascotes alusivas à fantasia para que os alunos se sintam num espaço acolhedor e que os faça reportar ao mundo da fantasia.
Recursos Humanos	Técnico do Projecto; Técnico do Ateliê Arte e Descoberta; Elementos do Corpo de Voluntários e Alunos que queiram participar.
Recursos Materiais	Computador; Cartolinas de diversas cores; Canetas de feltro; Rolo de papel para forrar; Pasta de Papel (Papel de Jornal e Cola) e Tintas.
Actividade 5	
Descrição	Elaboração de um Guia de Utilizador da Biblioteca
Objectivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Criar dois guias (um escrito e outro ilustrado) de utilização da Biblioteca Escolar; • Criar Pósteres com deveres e direitos fundamentais para o utilizador.
Duração	Não tem tempo previsto de duração. Irá depender do desenrolar do trabalho
Metodologia	Elaboração de dois guias que estejam disponíveis na Biblioteca para que todos os utilizadores possam saber como se utiliza o espaço. Estes guias irão compilar desde temáticas relacionadas: com deveres e direitos cívicos de utilização de um espaço, ao modo de utilizar os recursos e como podem requisita-los. A diferença entre os dois guias é que um será escrito e o outro ilustrado com desenhos para que os alunos que não tenham conhecimentos ao nível da escrita e da leitura também possam perceber o que implica utilizar a Biblioteca. Os pósteres serão compostos por informações básicas, mas fundamentais, de utilização da Biblioteca, para que os utilizadores não se esqueçam da realidade que se encontra à sua volta. Os guias serão elaborados em cooperação com a Coordenadora do Pólo-Pedagógico.
Recursos Humanos	Técnica do Projecto e Coordenadora do Pólo-Pedagógico
Recursos Materiais	Computador; Folhas A4 (brancas); Cartolinas; Papel de forrar; Impressora; Canetas de Feltro; Encadernação (há na própria Instituição).
Actividade 6	
Descrição	Elaboração de Fichas de Inscrição nas Actividades da Biblioteca e de

Requisição de Material	
Objectivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Criar fichas de inscrição para as actividades; • Elaborar fichas de requisição de materiais da Biblioteca.
Duração	2 horas
Metodologia	Elaboração de fichas de inscrição para que os alunos se possam inscrever nas actividades desenvolvidas na biblioteca. Nestas fichas será pedida a seguinte informação: nome do aluno, idade, qual a actividade em que querem participar e qual a sua perspectiva da actividade. Estas fichas serão distribuídas pelos Técnicos para que estes incentivem os seus alunos a participar e para ajudarem os alunos que querem participar a inscreverem-se, pois muitos dos alunos não sabem ler nem escrever. Nesta actividade também serão criadas fichas de requisição para que se saiba qual o aluno ou funcionário que requisitou o material para que este não se extravie.
Recursos Humanos	Técnica do Projecto
Recursos Materiais	Computador; Impressora; Papel A4; Tinteiros e Tesoura.
Avaliação das Actividades	
<p>A avaliação das actividades acima referidas será efectuada através dos feedbacks fornecidos pelos vários elementos que participaram na realização das actividades, sendo que os de maior preponderância serão os da Direcção Pedagógica. Se mais de metade dos alunos mostrar interesse neste novo projecto, poder-se-á dizer que será um projecto viável.</p> <p>Elaboração de relatórios reflexivos pela Técnica do Projecto a seguir a cada actividade desenvolvida.</p>	
Custo Estimado das Actividades	
Despesas	Receitas
<ul style="list-style-type: none"> • 1 Resma de papel branco A4 – 2,00€; • 1 resma fina de papel de várias cores A4 – 2,40€; • Papel autocolante – 3,00€; • Envelopes correio verde – 10,00€; • Cartolinas de variadas cores – 7,00€; • Tintas, lápis de colorir, canetas de feltro, régua, tesoura, cola – fornecidos pela Associação; • Computador, impressora, scanner e encadernação – fornecidos pela Associação. 	As actividades deste tema não têm receitas

Total das Despesas	Total das Receitas
24,40€	0,00€
NOTA:	

Quadro 4: Apresentação das Actividades do Tema Organização e Dinamização do Espaço da Biblioteca
Escola

Tema II: A Hora do Conto

Descrição do Tema	
<p>Pretende-se organizar, dinamizar e atrair o público-alvo à Biblioteca através de sessões de leitura de contos para que os alunos desenvolvam o gosto pelo livro e pela leitura, bem como, para a sua adaptação ao novo espaço da Biblioteca.</p> <p>Neste tema são incluídas fases que se destinam à divulgação das actividades que se desenvolverão, bem como ao contacto com a Biblioteca Municipal de Sintra para que os alunos realizem uma visita de estudo para conhecerem a Biblioteca Municipal da sua região.</p>	
Actividade 1	
Descrição	Criação de Calendário de Actividades
Objectivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Criar um calendário de actividades; • Colocar o cartaz afixado na Biblioteca e em vários espaços da Instituição para que os alunos acedam à informação.
Duração	2 Horas
Metodologia	Elaboração de um póster com o calendário das actividades que se irão desenvolver na biblioteca. O presente calendário será afixado em diferentes espaços da Associação Qe para que os alunos possam ter acesso às actividades.
Recursos Humanos	Técnica do Projecto e Equipa de Voluntariado
Recursos Materiais	Computador; Impressoras; Canetas de Feltro; Cartolinas; Régua; Tesoura; Cola Baton e Papel autocolante transparente.
Actividade 2	
Descrição	Hora do Conto
Objectivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar uma leitura de contos tradicionais; • Proporcionar a reflexão sobre os contos lidos; • Desenvolvimento de ilustrações cronológicas dos contos; • Ter cerca de 4 a 5 alunos por cada grupo da Hora do Conto.

Duração	1 Hora
Periodicidade	Mensal
Metodologia	Reunir com um grupo de alunos não autónomos (4 ou 5 alunos), para a leitura de um conto tradicional e reflexão sobre o conto. Seguidamente à leitura dos contos os alunos deverão ilustrar a história que ouvirem e essas ilustrações serão expostas. Esta actividade será repetida dependendo do número de alunos inscritos, pois este tipo de actividade tem de ser realizada com um grupo pequeno de alunos.
Recursos Humanos	Técnica do Projecto; Coordenadora Pedagógica e Equipa de Voluntariado.
Recursos Materiais	Livro de Contos; Lápis de colorir; Canetas de Feltro; Papel A4.
Actividade 3	
Descrição	Novas Narrativas
Objectivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Criar narrativas pelos alunos a partir de imagens. • Grupo de alunos com o máximo de 5 a 6 alunos.
Duração	1 Hora
Periodicidade	2 em 2 Meses
Metodologia	Nesta actividade os alunos irão sentar-se em volta de uma mesa, onde estará colocado um conjunto de imagens desorganizadas. Os alunos, em grande grupo, irão seleccionar uma primeira imagem e a partir dessa começarão a criar uma história. De seguida irão escolher outras imagens e formar-se-á o enredo da nova história. Nesta actividade enquanto o Técnico do Projecto ajuda os alunos a dinamizarem e a criarem a história, um membro da equipa dos voluntários irá anotando as ideias que os alunos vão dando para a elaboração da história. Esta actividade será repetida dependendo do número de participantes inscritos.
Recursos Humanos	Técnico do Projecto e Elementos do Corpo de Voluntários.
Recursos Materiais	Computador; Impressora; Scanner; Cartolina, Papel para forrar e Papel A4 (Material necessário para fazer as imagens que irão dar vida à história).
Actividade 4	
Descrição	Livro “Os contos da Qe”
Objectivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar um livro com os contos criados na actividade Novas Narrativas; • Desenvolver as capacidades na área da escrita; • Proporcionar a aquisição de conhecimentos na criação de livros; • Obter fundos para angariar material para a Biblioteca.

Duração	Não tem tempo previsto de duração. Irá depender do desenrolar do trabalho
Metodologia	As histórias criadas pelos participantes na actividade Novas Narrativas serão escritas e editadas num pequeno livro colocado à disposição no espólio da biblioteca e as suas ilustrações serão elaboradas no Ateliê Arte e Descoberta. Serão publicados 20 exemplares para venda na Instituição para que se possa angariar algum dinheiro para investir na aquisição de material para a Biblioteca.
Recursos Humanos	Técnico do Projecto e Elementos do Corpo de Voluntários.
Recursos Materiais	Computador; Impressora; Scanner; Encadernação e Papel A4.

Actividade 5

Descrição	Visita de Estudo à Biblioteca Municipal de Sintra
Objectivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Ter cerca de 12 alunos na participação da Visita de Estudo; • Realizar uma visita de estudo guiada à Biblioteca Municipal de Sintra; • Proporcionar a participação dos alunos numa actividade de animação de Leitura da Biblioteca Municipal; • Reunir com o grupo de alunos no final da visita para eles darem o testemunho sobre a visita de estudo.
Duração	4 Horas
Metodologia	Organização de uma visita de estudo guiada à Biblioteca Municipal de Sintra, com vista a que os alunos conheçam a Biblioteca Municipal da sua região. A visita de estudo será composta por 5 momentos: deslocação da Instituição para a Biblioteca Municipal; Apresentação do Espaço da Biblioteca; Participação em Actividade de Dinamização da Leitura; Deslocação da Biblioteca para a Instituição e Reflexão sobre a visita de Estudo pelos alunos na Sala de Formação da Associação Qe.
Recursos Humanos	Técnico do Projecto, 2 Técnicos da Associação; 1 Motorista.
Recursos Materiais	2 Carrinhas da Associação; Cadeiras e Mesas.

Avaliação das Actividades

A avaliação das actividades será baseada na adesão e nas reacções do público-alvo.

No final das actividades irá ocorrer um diálogo com os elementos que participaram, com vista a perceber qual a sua opinião, no sentido de uma melhoria contínua.

As reuniões entre a Técnica e a Direcção servirão de veículo para se irem adaptando as actividades consoante as necessidades efectivas da Associação.

As actividades terão um resultado positivo se o número de participantes definido por as várias actividades

for atingido e se pelo menos metade mostrar interesse em voltar a participar em outras actividades.
Elaboração de relatórios reflexivos pela Técnica do Projecto a seguir a cada actividade desenvolvida

Custo Estimado das Actividades

Despesas	Receitas
<ul style="list-style-type: none"> • Papel autocolante transparente – 3,00€; • Cartolinas de variadas cores – 4,00€; • Livros de contos tradicionais – espólio da Biblioteca; • Lápis de colorir, canetas de feltro, régua, tesoura, cola batom – fornecidos pela Associação; • Computador, impressora, scanner e encadernação – fornecidos pela Associação. • Custo da Deslocação à BE Sintra – $(7 \text{ Km} \times 2) \times 0,33\text{€}$ (valor pago pelo Km) = 4,62€ x 2 carrinhas = 9,24€ 	<p>2,50€ por cada livro (20 livros)</p>
Total das Despesas	Total das Receitas
16,24€	50€

NOTA: Os exemplares dos livros publicados serão impressos em maior quantidade de acordo com a procura.

Quadro 5: Apresentação das Actividades do Tema A Hora do Conto

Tema III: Os Clubes é Qe

Descrição do Tema	
<p>Uma das tarefas de eleição dos alunos autónomos na Associação Qe é realização de tarefas em grupo para poderem mostrar aos seus colegas os seus conhecimentos. Assim, serão desenvolvidas actividades que se relacionem com a organização de clubes de leitura e escrita, com o intuito de incentivar os alunos que têm maiores competências na área da leitura à Biblioteca.</p>	
Actividade 1	
Descrição	Clube de Leitura
Objectivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Criar um Clube de Leitura com um grupo de 4 a 6 elementos. • Explicitar as principais normas do Clube aos alunos. • Perceber e integrar as opiniões dos alunos no que respeita às normas.
Duração e	1 Hora e 30 Minutos

Periodicidade	Mensal
Metodologia	A actividade inicia-se com o estabelecimento de um diálogo introdutório com os alunos para que a Técnica possa conhecer os diferentes gostos pela leitura. A Técnica irá explicar que o Clube irá ter a duração de um ano para que este se torne a cada nova sessão mais estruturado e organizado. Depois de se terem dado as principais directrizes do Clube, integrar-se-á as sugestões dos alunos. Na primeira sessão se os alunos não tiverem nenhuma sugestão de leitura a Técnica terá 3 a 4 livros como proposta de leitura, mas no término da leitura de cada livro os alunos terão de dar sugestões e irão escolher em grupo o próximo livro a ler. Cada aluno irá ler durante um período de tempo, onde a Técnica irá mediar a passagem de porta-voz para que todos sintam que participam no grupo de leitura, de forma a que não ocorra monopolização da leitura por alunos mais participativos. No final de cada sessão os alunos irão efectuar uma reflexão sobre o livro ou o excerto do livro que foi trabalhado.
Recursos Humanos	Técnica do Projecto
Recursos Materiais	Livro Seleccionado
Actividade 2	
Descrição	Clube de Escrita
Objectivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Organizar um Clube de Escrita com 4 a 6 elementos; • Explicitar as principais normas do Clube aos alunos. • Perceber e integrar as opiniões dos alunos no que respeita às normas.
Duração e Periodicidade	1 Hora e 30 Minutos Mensal
Metodologia	Este clube tem por base a organização de um grupo de alunos que gostem de escrever e que se irão reunir para criar em conjunto textos, que serão compilados num livro. Na primeira sessão será explicado aos alunos como irá funcionar o Clube, ou seja, que para as sessões os alunos deverão trazer ideias para a escrita dos textos e que os temas de cada novo texto serão decididos em conjunto, para que todos os elementos do Clube se sintam parte integrante do grupo de trabalho. Depois de explicadas as principais normas do clube os alunos darão a sua opinião e as suas sugestões serão integradas no conjunto de normas do Clube. As sessões serão iniciadas com um diálogo introdutório para que o grupo pondere um pouco e explique o que espera da sessão desse dia.

	Quando se atingir a elaboração de um conjunto de 10 textos criar-se-á o livro do Clube, sendo editados 20 exemplares para venda e um para reunir ao espólio da Biblioteca.
Recursos Humanos	Técnica do Projecto; Coordenadora Pedagógica e Equipa de Voluntariado
Recursos Materiais	Papel A4 pautado; Esferográfica; Lápis de Carvão; Borracha; Afia.
Avaliação das Actividades	
<p>A avaliação das actividades será baseada nas presenças contínuas dos elementos dos Clubes. A participação contínua e a busca de novas ideias e conhecimentos serão elementos fundamentais para a que se verifique uma evolução e mutação dos clubes.</p> <p>No final das actividades irá ocorrer um diálogo com os elementos que participaram, com vista a perceber qual a sua opinião, no sentido de uma melhoria contínua.</p> <p>O êxito será alcançado com o surgimento da adesão de mais elementos aos clubes, e a criação de novos grupos.</p> <p>As reuniões entre a Técnica e a Direcção servirão de veículo para se ir adaptando as actividades consoante as necessidades efectivas da Associação.</p> <p>Elaboração de relatórios reflexivos pela Técnica do Projecto a seguir a cada actividade desenvolvida.</p>	
Custo Estimado das Actividades	
Despesas	Receitas
<ul style="list-style-type: none"> • Papel A4 pautado – 1,00€; • Livros – espólio da Biblioteca ou fornecidos por elementos do clube; • Esferográficas, lápis de carvão, afias e borrachas – fornecidos pela Instituição. 	2,50€ por cada livro (20 livros)
Total das Despesas	Total das Receitas
1,00€	50€
<p>NOTA: Os exemplares dos livros publicados serão impressos em maior quantidade de acordo com a procura.</p>	

Quadro 6: Apresentação das Actividades do Tema Os Clubes é Qe

Tema IV: A Essência das Letras

Descrição do Tema	
Os alunos com maiores dificuldades no campo cognitivo aderem de forma entusiasta a actividades que se baseiam nas dinâmicas de grupo. Em torno deste tema pretende-se realizar actividades que desenvolvam os conhecimentos dos alunos no campo da identificação das letras e associação dos seus sons.	
Actividade 1	
Descrição	Brincando com Letras
Objectivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Reunir um grupo de 5 alunos para a realização da actividade; • Executar actividades com base em jogos lúdicos.
Duração e Periodicidade	1 Hora 2 em 2 meses
Metodologia	A sessão de actividades inicia-se com os alunos a sentarem-se à volta de uma mesa, onde se encontram diferentes jogos que potenciam o conhecimento das letras, como por exemplo: 1001 nomes; loto leitura; dominó do alfabeto entre outros. A escolha do jogo será efectuada pelo grupo de alunos, tendo em atenção os diferentes membros para que todos se encontrem estimulados a participar no jogo. Antes de se iniciar o jogo a Técnica do Projecto irá explicar as suas regras e responder às dúvidas colocadas. Seguidamente inicia-se o jogo.
Recursos Humanos	Técnica do Projecto
Recursos Materiais	Jogo Seleccionado
Actividade 2	
Descrição	Viagem Alfabética
Objectivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Reunir um grupo de 5 alunos para a realização da actividade; • Executar actividades com base em lengalengas, provérbios e adivinhas.
Duração	1 Hora
Metodologia	Dá-se início à sessão com a reunião do grupo à volta de uma mesa e com a explicação da Técnica do que se pretende com a realização da actividade. A actividade terá por base a aprendizagem de lengalengas, adivinhas e provérbios. Quando o enfoque da actividade for: <ul style="list-style-type: none"> • Os Provérbios: a actividade será baseada na Estação do ano em que se encontra a ser realizada. A aprendizagem dos provérbios ajuda os alunos

	<p>conhecerem o património oral e escrito do seu país;</p> <ul style="list-style-type: none"> • As Adivinhas: a actividade será desenvolvida com o auxílio de objectos relacionados com as soluções da adivinha (exemplificação da adivinha); • As Lengalengas: serão acompanhadas de um suporte de imagem que será criado em Powerpoint, onde a escrita das lengalengas será complementada com a imagens alusivas às palavras para auxiliar os alunos na leitura. <p>Durante a actividade os alunos serão estimulados para a memorização das lengalengas, adivinhas e provérbios.</p>
Recursos Humanos	Técnica do Projecto
Recursos Materiais	Computador; Tela; SlideShow e Materiais necessários para as soluções das adivinhas.
Avaliação das Actividades	
<p>A avaliação das actividades será baseada na adesão e nas reacções do público-alvo.</p> <p>No final das actividades irá ocorrer um diálogo com os elementos que participaram, com vista a perceber qual a sua opinião, no sentido de uma melhoria contínua.</p> <p>As reuniões entre a Técnica e a Direcção servirão de veículo para se ir adaptando as actividades consoante as necessidades efectivas da Associação.</p> <p>Elaboração de relatórios reflexivos pela Técnica do Projecto a seguir a cada actividade desenvolvida.</p>	
Custo Estimado das Actividades	
Despesas	Receitas
As actividades deste tema não têm despesas	As actividades deste tema não têm receitas
Total das Despesas	Total das Receitas
0,00€	50€
NOTA:	

Quadro 7: Apresentação das Actividades do Tema A Essência das Letras

Tema V: Construindo Livros

Descrição do Tema
<p>A construção de livros com diversos cheiros, texturas e imagens, leva a que os alunos desenvolvam uma maior curiosidade em manusear os livros e em os explorar. A participação dos alunos nestas construções</p>

fomenta o interesse pela descoberta de cada novo livro e estimula a participação dos alunos no desenvolvimento do espaço da Biblioteca.

Actividade 1

Descrição	Construindo Livros
Objectivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Reunir um grupo de 5 alunos para a realização da actividade; • Criar livros através de materiais que estimulem os sentidos.
Duração	1 Hora
Periodicidade	Mensal
Metodologia	<p>A actividade inicia-se com um diálogo entre os elementos do grupo sobre o que se pretende desenvolver e a selecção de materiais para a elaboração dos livros. Os materiais que se iram recolher deverão estimular os sentidos e a curiosidade dos alunos. Os exemplos de materiais para a concepção dos livros são: veludo, fragrâncias, pétalas de flores, penas, cartão, botões, entre outros. A realização desta actividade não poderá ocorrer só numa sessão, será desenvolvida ao longo da implementação do projecto.</p> <p>Será explicado aos alunos que todos os materiais que considerem relevantes são de extrema utilidade para a concepção destes livros.</p> <p>Os Livros que vão ser elaborados na actividade serão colocados para utilização na Biblioteca.</p> <p>A presente actividade irá apoiar algumas das actividades mencionadas anteriormente que se relacionam com a concepção de livros de contos e de textos do clube da escrita.</p>
Recursos Humanos	Técnica do Projecto e Elementos do Corpo de Voluntários
Recursos Materiais	Materiais recolhidos pelos alunos; tesouras; cola batom; canetas de feltro; cartolinas; papel branco A4.

Avaliação das Actividades

A avaliação das actividades será baseada através das reacções do público-alvo e é destas reacções, adaptando-se aos seus gostos e opiniões.

No final das actividades irá ocorrer um diálogo com os elementos que participaram, com vista a perceber qual a sua opinião, no sentido de uma melhoria contínua.

As reuniões entre a Técnica e a Direcção servirão de veículo para se ir adaptando as actividades consoante as necessidades efectivas da Associação.

Elaboração de relatórios reflexivos pela Técnica do Projecto a seguir a cada actividade desenvolvida.

Custo Estimado das Actividades	
Despesas	Receitas
<ul style="list-style-type: none"> • Cartolinas - 4,00€; • 1 Resma de papel branco A4 – 2,00€ • Tesouras; cola batom; canetas de feltro – fornecidos pela Associação. 	As actividades deste tema não têm receitas
Total das Despesas	Total das Receitas
6,00€	0,00€
NOTA:	

Quadro 8: Apresentação das Actividades do Tema Construindo Livros

2. Identificação e Calendarização das Actividades a Desenvolver

Ano de 2012												
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1ª Fase												
2ª Fase												
3ª Fase												
TEMA I ORGANIZAÇÃO E DINAMIZAÇÃO DO ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR	Act 1											
	Act 2											
	Act 3											
	Act 4											
	Act 5											
	Act 6											
TEMA II A HORA DO CONTO	Act 1											
	Act 2											
	Act 3											
	Act 4											
	Act 5											
TEMA III OS CLUBES É OE	Act 1											
	Act 2											
TEMA IV A ESSÊNCIA DAS LETRAS	Act 1											
	Act 2											
TEMA V CONSTRUINDO LIVROS	Act 1											

Capítulo IV – Plano de Avaliação do Projecto

A avaliação encontra-se presente em todos os domínios da actividade humana de modo formal ou informal, a avaliação tem vindo a diferenciar-se, organizar-se, formalizar-se, tecnicizar-se e profissionalizar-se nas mais diversas áreas, desde a crítica literária e artística até à avaliação económico-financeira das empresas, bem como, passando pela educação (Estrela & Novoa, 1999).

Assim, cada vez mais se valoriza o papel da avaliação no quotidiano dos indivíduos pois a avaliação tem como objectivo criar um juízo de valor sobre o real, sobre o produto da actividade humana, seja ela formal ou informal, sendo que a avaliação informal é pouco fidedigna pois está livre de normas e critérios. Por sua vez, com a maior formalização da avaliação existe a possibilidade desta permitir atribuir um valor, uma utilidade aos dados concretos de pesquisas e projectos para cada vez mais validar o conhecimento.

A problemática que o plano de avaliação do presente projecto terá é a organização de uma Biblioteca e a sua dinamização. Deste modo, considera-se fundamental articular duas modalidades de avaliação, por um lado, a auto-avaliação, ou seja, a avaliação realizada pela equipa que executa as actividades, por outro lado a avaliação interna, que é realizada dentro da organização, por exemplo pela Coordenadora do Pólo-Pedagógico, mas que tem um distanciamento relativamente à equipa de execução.

O projecto que se apresenta não terá uma avaliação que irá ocorrer no final da sua implementação, mas irá ser avaliado em diferentes momentos, para se poder verificar, se os objectivos do projecto estão a ser cumpridos e se estão de acordo com as necessidades da Instituição. Deste modo, são necessários três momentos de avaliação ao longo de todo o projecto: num primeiro momento efectuar-se-á uma avaliação diagnóstica, que se realiza antes de se implementar o projecto e tem como fim recolher elementos que proporcionem decidir se o projecto deve ou não ser implementado; num segundo momento, este já no decorrer da implementação do projecto, ir-se-á realizar uma avaliação de acompanhamento que permite aos técnicos do projecto avaliar a forma de concretização do projecto e dá elementos para o seu aperfeiçoamento ou para a sua correcção, o terceiro e ultimo momento de avaliação é a avaliação final que tem como finalidade medir os resultados e efeitos do projecto.

Assim sendo, de acordo com o que foi descrito anteriormente o modelo de avaliação que mais se adequa a este projecto é um modelo de avaliação por objectivos. Segundo Guerra (2002) este tipo de avaliação tem as finalidades e os objectivos como critérios de sucesso da intervenção e o que se pretende é medir a forma e a intensidade com que determinados objectivos são atingidos. Os destinatários principais da avaliação são os alunos da Associação Qe. Para que se consiga recolher a informação necessária para realizar a avaliação do projecto vão-se utilizar as seguintes técnicas: observação, reflexões com os elementos participantes nas actividades, relatórios no final de cada actividade e diário de campo. Os dados serão tratados através de análises pontuais e comparativas e os produtos resultantes serão as reuniões de debate com a Coordenadora Técnico-Pedagógica e relatórios de avaliação nos três momentos de avaliação.

Os indicadores de avaliação deste projecto são: a adequabilidade, onde se verifica se o projecto se adequa ao contexto do problema sobre o qual se pretende intervir; a pertinência, onde se percebe se o projecto é justificável no contexto das estratégias definidas pela Instituição; a eficácia, onde se averigua em que medida os objectivos foram atingidos e as acções previstas foram realizadas e a eficiência, onde se percebe se os recursos utilizados no projecto correspondem aos mais económicos e satisfatórios.

Crítérios de Avaliação	Indicadores
Adequabilidade	Participação do Público-Alvo; Espaço
Pertinência	Objectivos do Projecto / Objectivos da Instituição
Eficiência	Objectivos Planeados/Objectivos Alcançados Recursos previstos / Recursos Utilizados
Eficácia	Actividades Realizadas / Actividades Previstas Número de Participantes nas Actividades / Número de Participantes Previstos

Quadro 10: Relação entre Critérios de Avaliação e Indicadores

Pretende-se que a avaliação, enquanto elemento dos projectos de intervenção social não seja apenas importante numa função de balanço de acção desenvolvida, mas sim apoie juízos de valor acerca do mérito e valor das estratégias implementadas face aos resultados (Monteiro, 1996).

Capítulo V – Orçamento Global do Projecto

Para a realização do projecto de intervenção será necessário efectuar despesas para a compra de materiais de apoio à execução das actividades que se descreveram anteriormente. Assim sendo, tornou-se revelante efectuar o orçamento global do projecto, que agrega os valores que foram contabilizados para cada grupo de actividades do projecto.

	DESPESAS		RECEITAS	
	Material Utilizado	Valor	Material para Venda	Valor
	Material de Papelaria	38,40€	Livro “Novas Narrativas”	50,00€
	Custo dos Km da Deslocação à Biblioteca Municipal de Sintra	9,24€	Livro Desenvolvido no Clube de Escrita	50,00€
TOTAL		47,64€		100€

Figura 11: Orçamento Global do Projecto

Neste orçamento foi apenas contabilizada a aquisição de materiais que, pelas suas características, não existem na Instituição e não se menciona o valor estipulado para os recursos humanos, pois estes pertencem à Instituição.

Pode-se também concluir que as receitas que poderão vir a ser realizadas cobrem o valor da compra dos materiais necessários para o projecto e existe ainda algum lucro, para a aquisição de materiais que sejam indispensáveis à organização da Biblioteca Qe.

REFLEXÕES FINAIS

Segundo Alçada (2005 cit. in Silva, 2007: p. 3) “(...) a leitura é um bem essencial. Graças a esse maravilhoso poder, tão simples para quem o consegue dominar e tão complexo e misterioso para quem ainda não o adquiriu, a pessoa tem acesso às mais estimulantes e saborosas viagens pelo universo da ciência, da cultura e da fantasia. Contudo, em Portugal, não temos o hábito de ler, isto é, na nossa educação não nos foi transmitida a importância da leitura. A leitura passa a ser um hábito, quando através de uma prática repetida se instala como uma atitude integrada na própria vida da pessoa.”.

A Literacia é, nos dias de hoje uma ferramenta essencial para os cidadãos, pois é a sua capacidade de compreender a informação, de a utilizar e desenvolver os seus conhecimentos que os tornam indivíduos participativos na vida social.

O papel das Bibliotecas Escolares é preponderante no desenvolvimento da literacia de jovens com deficiência mental, pois estes possuem mais dificuldades do que o indivíduo considerado “normal” para a aquisição e interpretação da informação que chega até si. Este papel é preponderante, devido ao facto, das Bibliotecas Escolares terem à disposição do público uma quantidade vasta de materiais que fornecem informação aos utilizadores e pessoas especializadas que auxiliam a gestão da informação e a saber utiliza-la.

O presente projecto de intervenção proporcionou-me um maior conhecimento da realidade problemática da aprendizagem da leitura e da sua importância para os indivíduos. Deste modo, as actividades de Dinamização da Leitura têm uma função muito importante no desenvolvimento do gosto pela leitura, porque através de actividades dinâmicas e transformadoras, possibilita-se o desbravamento de novas experiências enriquecedoras para os indivíduos com deficiência mental.

Nunca nos podemos esquecer que este público só agora começa a ser encarado como pessoas que podem fazer a diferença e que podem trazer mudanças significativas na sociedade, porque quando estimuladas têm uma perspectiva diferentes do ambiente que os rodeia.

O projecto que foi apresentado ao longo as anteriores páginas, tem como principal função a valorização da leitura pelas pessoas com deficiência mental, dando-lhes a conhecer o mundo da leitura, proporcionando o aumento do seu gosto pelo livro e desenvolvendo as suas capacidades para interpretar o mundo em que se inserem.

A concepção do projecto de intervenção trouxe-me um enorme enriquecimento ao nível dos meus conhecimentos académicos, pois como nunca tinha elaborado um projecto de intervenção foi necessário uma enorme pesquisa bibliográfica para poder compreender todos os processos pelos quais passa a elaboração de um projecto deste tipo.

No desenvolvimento do trabalho compreendi que a concepção de um projecto de intervenção é uma tarefa árdua, pois irá depender de nós ter uma visão crítica e assertiva sobre uma determinada realidade, o que nem sempre é fácil distanciarmo-nos das nossas concepções e preconceitos. O facto de trabalhar na Instituição onde realizei o meu trabalho de projecto provocou em mim, por vezes, pouca imparcialidade, tendo em determinadas ocasiões de voltar a rever todo trabalho realizado.

A concepção do projecto proporcionou-me uma reflexão sobre a minha prática profissional, pois fez-me reflectir sobre o modo como interagia com os alunos e o modo como os ensinava, pois, por vezes, a nossa acção torna-se mecanizada e pouco reflectida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

- Alves, J. (2003), *“Organização, Gestão e Projecto Educativo das Escolas”*. Porto: Edições ASA, Coleções Cadernos Pedagógicos.
- Afonso, N. (2005). *“Investigação Naturalista em Educação”*: *Um guia prático e crítico*. Lisboa: ASA Editores.
- Bastos, G. (1999). *“Literatura Infantil e Juvenil”*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bilhim, J. (1996). *“Teoria Organizacional. Estruturas e Pessoas”*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Costa, C. (2007). *“Animação da Leitura em Bibliotecas Públicas Alguns Esboços Teóricos sobre Aplicações Práticas”*. Revista Práticas de Animação.
- Estrela, A. (1994). *“Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores”*. Porto: Porto Editora.
- Estrela & Nóvoa (1999). *“Avaliações em Educação: Novas Perspectivas”*. Porto: Porto Editora.
- Duarte, J. (2006). *“As práticas de leitura e a biblioteca escolar. Para um projecto educativo integrado”*. Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado
- Guerra, C. (2002). *“Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção: Planeamento em Ciências Sociais”*. Lisboa: Principia
- Línuesa, M. (2004). *“Leitura e cultura escrita”*. Lisboa. Edições Pedagogo.
- Mcgee, Menolascino, Hobs e Menousek, 2007. *“Uma Pedagogia da Interdependência. Uma abordagem não-aversiva para ajudar pessoas com deficiência mental”*. Oliveira de Frades. Edição Assol.
- Monteiro, A (1996).” *A avaliação nos projectos de intervenção social: reflexões a partir da prática*”. Sociologia – Problemas e Práticas Nº 22. Págs. 137 – 154.
- Grupo Peonza (1997). *“Apontamentos da acção de formação Infância e sedução literária”*. IPLB. Lisboa.
- Silva, C. (2007). *“A Literacia da Informação”*. Instituto Politécnico do Porto. Tese de Mestrado.

WebSites:

- Ávila, P. (2005). “A LITERACIA DOS ADULTOS:COMPETÊNCIAS-CHAVE NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO”. [electrónico]. Tese de Doutoramento. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Consultado em (10, 2011) em http://repositorioiul.iscte.pt/bitstream/10071/577/1/A%20literacia%20dos%20adultos_Patr%C3%ADcia%20%C3%81vila.pdf
- Goldemberg & Otutumi (2008). “Análise de conteúdo segundo Bardin: procedimento metodológico utilizado na pesquisa sobre a situação actual da Percepção Musical nos cursos de graduação em música do Brasil”. [electrónico]. IV Simpósio de Cognição e Artes Musicais. Consultado em (03, 2011) em http://www.fflch.usp.br/dl/simcam4/downloads_anais/SIMCAM4_Ricardo_Goldemberg_e_Cristiane_Otutumi.pdf.
- Melo, M. (2011). “Método das 28 Palavras”. [electrónico]. Consultado em (4, 2011) em <http://www.prof2000.pt/users/nuchamelo/>.
- ME (2010). “12 passos para organizar, gerir e dinamizar a biblioteca escolar do 1º ciclo ensino básico”. Lisboa: Ministério da Educação. [electrónico]. Consultado em (2, 2011) em <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/np4/?newsId=118&fileName=12.pdf>.
- Santos e Redyson (2008). “A IMPORTÂNCIA EPISTEMOLÓGICA DA METODOLOGIA DE PESQUISA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS”. [electrónico]. Consultado (5, 2011) em http://www.prac.ufpb.br/anais/xenex_xienid/xienid/monitoriapet/ANAIS/Area4/4CCAEDHMT01-P.pdf.
- Shimazaki, E., (2006). “ Letramento em jovens e adultos com deficiência mental”. [Electrónico]. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Universidade de São Paulo. Consultado em (4, 2009) em www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-05062007-102410/.

ANEXO I

Guião de Entrevista
à Coordenadora
Técnico-Pedagógica

TEMA: Dinamização da Leitura na Associação Qe Sintra

OBJECTIVOS GERAIS DA ENTREVISTA

- Obter informações acerca da importância que esta Associação dá à Leitura.
- Obter dados que contribuam para o conhecimento sobre as dificuldades que as pessoas portadoras de uma deficiência mental possuem na área da Leitura.
- Recolher informação sobre os processos e meios utilizados no ensino da Leitura, por parte desta Instituição.
- Averiguar se o ambiente familiar proporciona o desenvolvimento do gosto pela leitura.
- Compreender se os alunos desta instituição possuem aptidões na área da leitura para sobreviverem na “Sociedade do Conhecimento”.

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	TÓPICOS PARA O FORMULÁRIO DE PERGUNTAS	OBSERVAÇÕES
A Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista; Motivar o entrevistado.	Informar o entrevistado a temática e os objectivos do trabalho de investigação; Sublinhar a importância da participação do entrevistado para o sucesso do trabalho; Assegurar a confidencialidade das informações prestadas.	Proporcionar ao entrevistado um ambiente que lhe permita estar à vontade e falar livremente sobre os seus pontos de vista; Pedir autorização para gravar a entrevista.
B A Importância da Leitura	Compreender qual a importância atribuída à leitura por parte desta Instituição	Qual o significado que esta Instituição atribui à Leitura?	

<p style="text-align: center;">C Os Mecanismos Utilizados Para o Ensino da Leitura</p>	<p>Perceber quais os métodos/procedimentos utilizados por esta Instituição no ensino da leitura.</p> <p>Compreender se é uma tarefa difícil.</p> <p>Averiguar quais as actividades privilegiadas por esta Instituição no ensino da leitura.</p> <p>Aferir em que medida é que estas actividades estimular o gosto pela leitura,</p>	<p>Quais os principais métodos utilizados no processo do ensino da leitura?</p> <p>Quais as actividades de leitura que esta Instituição privilegia?</p> <p>Em que medida considera que estas actividades desenvolvem e estimulam o gosto pela leitura?</p> <p>Considera que seja uma tarefa árdua?</p>	<p>Livros, Revistas, Computadores, Fichas, Aulas Expositivas, Aulas de descoberta</p> <p>Enunciar as dificuldades</p>
<p style="text-align: center;">D Os Alunos e a Leitura</p>	<p>Conhecer qual a percentagem de alunos que sabe escrever.</p> <p>Compreender quais as principais dificuldades sentidas pelos alunos na aprendizagem da leitura.</p> <p>Verificar quais as dificuldades existentes nos alunos autónomos e no alunos menos autónomos no que diz respeito à leitura.</p> <p>Perceber se o ensino da leitura para os alunos iniciou-se na Instituição.</p>	<p>Que percentagem de alunos sabe ler?</p> <p>Quais as principais dificuldades encontradas por uma pessoa deficiente mental na aprendizagem da leitura?</p> <p>Qual o grau de dificuldade, no que diz respeito à leitura, nos alunos menos autónomos? E nos autónomos?</p> <p>Se sim, quais as principais dificuldades sentidas?</p> <p>Os alunos que sabem ler, quando chegaram à instituição já sabiam ler ou foi uma competência desenvolvida aqui na Instituição?</p>	<p>Capacidades Motora, Capacidade Intelectual.</p>
<p style="text-align: center;">E Alunos e a Escrita</p>	<p>Perceber se existe uma grande percentagem de alunos que saibam escrever.</p> <p>Entender quais os principais motivos para o facto de não saberem escrever.</p> <p>Aferir quais as dificuldades sentidas pelos alunos que sabem escrever, na área da escrita.</p>	<p>O alicerce da leitura é a escrita. Existem muitos alunos nesta Instituição a saber escrever?</p> <p>Os alunos que sabem escrever, possuem alguma dificuldade na área da escrita?</p> <p>Quais os principais motivos para que alguns alunos não saibam escrever?</p>	
	<p>Perceber se o ambiente familiar dos alunos proporciona o contacto</p>	<p>Considera que os alunos possuem ambientes familiares em que se estimule à leitura?</p>	<p>Ler histórias, haver livros, os pais lerem</p>

<p>F A Família e a Leitura</p>	<p>com a leitura.</p> <p>Verificar se é importante que o ambiente familiar proporcione o contacto com a leitura.</p> <p>Perceber se o ambiente familiar pode complementar o ensino da leitura.</p>	<p>Vê esta situação como importante?</p> <p>Considera que se os ambientes familiares fomentarem a leitura, podem tornar-se um complemento do que se aprende aqui na Instituição?</p>	
<p>G O Modelo Gentle Teaching e a Leitura</p>	<p>Conhecer em que medida o modelo base da Instituição pode desenvolver apetências para a leitura.</p> <p>Perceber quais as vantagens e desvantagens deste modelo no ensino da leitura.</p>	<p>Tendo esta Instituição como base o Modelo Gentel Teaching, de que forma este modelo pode desenvolver apetências para a leitura?</p> <p>Em que medida este modelo pode trazer vantagens no ensino da leitura?</p> <p>Considera que existe alguma desvantagem?</p>	<p>Através do conforto, sensibilidade, confiança transmitida, entre outros.</p>
<p>H A Biblioteca Qe e a Dinamização da Leitura</p>	<p>Compreender ser já foram desenvolvidos projectos que potenciassem o desenvolvimento da Biblioteca.</p> <p>Entender se os alunos utilizam muito a Biblioteca.</p> <p>Verificar se os alunos sabem qual a função de uma Biblioteca.</p> <p>Averiguar os projectos que estão a ser desenvolvidos neste momento pela Biblioteca.</p> <p>Perceber se os alunos têm participação activa no desenvolvimento Biblioteca.</p> <p>Verificar se existem actividades de dinamização da leitura que se realizem no âmbito da Biblioteca.</p>	<p>Já foram desenvolvidos projectos que potenciassem o desenvolvimento da Biblioteca?</p> <p>Os alunos utilizam muito a Biblioteca?</p> <p>Os alunos da Associação compreendem qual a função de uma Biblioteca?</p> <p>Quais os projectos que estão a ser desenvolvidos neste momento pela Biblioteca?</p> <p>Os alunos têm participação activa no desenvolvimento da Biblioteca?</p> <p>Quais as actividades de dinamização da leitura que se realizam no âmbito da Biblioteca?</p>	
<p>I Cidadania Activa e a Leitura</p>	<p>Averiguar se alguns alunos pertencentes a esta Instituição são capazes de sobreviver por si próprios na Sociedade do</p>	<p>A leitura e a escrita são competências essenciais na sociedade em que vivemos, considera que alguns dos alunos da Instituição encontram-se capazes de serem</p>	<p>Cidadãos activos, participativos, que não se deixam enganar e que lutem pelos seus objectivos.</p>

	Conhecimento.	cidadãos activos?	
J Finalização da Entrevista e Agradecimentos	Perceber se o entrevistado pretende dar outras informações.	Acha que há mais algum assunto sobre a Instituição que não falou e que gostaria de acrescentar. Agradeço a sua colaboração que foi muito importante para o nosso trabalho de pesquisa.	

Anexo II
Protocolo da Entrevista
à Coordenadora
Técnico-Pedagógica

Entrevistador: Qual o significado que esta Instituição atribui à Leitura?

Entrevistada: Tendo a Qe como objectivo central o desenvolvimento da autonomia, considerámos a leitura e escrita como parâmetros integrantes do domínio do desenvolvimento cognitivo. Assim, quer ao nível da avaliação inicial, quer em termos da intervenção (através de Programas de Intervenção Individual) o nosso modelo pedagógico e o perfil de competências abrangem esta área. As competências de leitura e escrita são vistas por nós como aquisições funcionais, pelo que nem todos os alunos trabalham este objectivo nos seus Programas de Desenvolvimento.

Entrevistador: Quais os principais métodos utilizados no processo do ensino da leitura?

Entrevistada: O principal meio utilizado é o Método Global, ou o Método das 28 palavras que se baseia no aluno conhecer a palavra como um todo e não pelas suas partes que são as letras, este método também é complementado com algumas técnicas utilizadas no modelo de ensino da leitura como no ensino regular, onde se valoriza a leitura acompanhada, a utilização de fichas de desenvolvimento de conhecimentos escritos, à leitura de histórias como fomento da valorização do livro e da criatividade, jogos didáctico, bem como, é colocada à disposição dos alunos livros, revistas e materiais audiovisuais para que estes possam estar em contacto com a palavra escrita e com a criatividade.

Entrevistador: Quais as actividades de leitura que esta Instituição privilegia?

Entrevistada: Foi criada uma actividade específica para este fim “Atelier de Leitura e Escrita”. Também nas actividades de Estimulação Cognitiva e Computadores se trabalham estas competências. A actividade de teatro, muito direccionada para a leitura de contos, trabalha também a este nível. Temos também um projecto para dinamizar a nossa biblioteca que pretendemos implementar.

Entrevistador: Em que medida considera que estas actividades desenvolvem e estimulam o gosto pela leitura?

Entrevistada: A motivação e a relação com quem ensina são factores determinantes na aprendizagem e são a base da nossa intervenção. É necessário uma intervenção muito direccionada e muito individualizada porque cada aluna é um aluno e tem as suas especificidades, mas como as relações entre técnicos e alunos são muito fortes estimulam os alunos a tornarem-se mais interessados sobre as temáticas dos ateliês, neste caso no que diz respeito à leitura.

Entrevistador: Considera que seja uma tarefa árdua?

Entrevistada: Sim é uma tarefa muito árdua, mas muito prazerosa, pois alguns destes alunos nunca foram estimulados no campo da leitura e, deste modo, quando chegam à Qe existe um longo caminho para percorrer. Não esquecendo que os nossos alunos já são jovens-adultos, o que significa que as suas estruturas psicológicas já estão maturadas ou quase maturadas e, desta forma, a aquisição de novos conhecimentos nem sempre é fácil. Contudo, quando os alunos alcançam êxitos é muito prazeroso, porque tiveram de percorrer um caminho árduo e com muitas dificuldades tanto para o aluno como para o técnico que tem de estar sempre num processo de motivação do aluno.

Entrevistador: Que percentagem de alunos sabe ler?

Entrevistada: 35% dos alunos sabe ler.

Entrevistador: Quais as principais dificuldades encontradas por uma pessoa com Deficiência Mental na aprendizagem da leitura?

Entrevistada: As principais dificuldades são: défices cognitivos, problemas emocionais, fraca motivação, fraco investimento em idades mais precoces.

Entrevistador: Qual o grau de dificuldade, no que diz respeito à leitura, nos alunos menos autónomos? E nos autónomos?

Entrevistada: O grau de dificuldade é muito diferenciado por isso não se pode dizer que existe um modelo padrão de dificuldades, mas onde existem mais dificuldades no campo da leitura é nos alunos menos autónomos, onde alguns não sabem ler, outros conhecem algumas letras e esforçam-se muito mas não conseguem passar desse estágio da aprendizagem da leitura, mas a partir da leitura de contos conseguiram adquirir um maior gosto pelo livro e por saberem interpretar textos. Depois temos alunos não autónomos que tiveram algum estímulo escolar precoce que permitiu que conseguissem ler e escrever palavras pequenas e com sílabas que resultam unicamente da junção de duas letras, bem como, conseguem associar o som das letras nas palavras. No que diz respeito aos alunos autónomos quase todos sabem ler embora se dividam em dois grupos, ou seja, um grupo de alunos que tiveram desde pequenos estímulos escolar na aprendizagem da leitura escrita e outro grupo que devido a problemas pessoais (principalmente familiares) não tiveram os mesmos estímulos escolares e, deste modo, sabem ler mas com bastante dificuldade.

Entrevistador: Os alunos que sabem ler, quando chegaram à instituição já sabiam ler ou foi uma competência desenvolvida aqui na Instituição?

Entrevistada: A maior parte dos alunos que sabem ler já o sabiam quando chegaram. Trabalhamos com jovens/adultos acima dos 16 anos, pelo que, se nunca fizeram nenhum trabalho anterior ao nível da leitura e escrita, é muito difícil iniciar essas aprendizagens quando existem défices cognitivos e uma idade mais avançada.

Entrevistador: O alicerce da leitura é a escrita. Existem muitos alunos nesta Instituição a saber escrever?

Entrevistada: A maioria dos alunos não sabe escrever. De entre os que sabem, existem graus e capacidades muito diversificadas.

Entrevistador: Os alunos que sabem escrever, possuem alguma dificuldade na área da escrita?

Entrevistada: Quase todos os alunos possuem muitas dificuldades no campo da escrita. Algumas relacionadas com défices cognitivos, com a atenção, concentração e memória, outras com dificuldades do foro emocional, ligadas à motivação, auto-estima e confiança.

Entrevistador: Quais os principais motivos para que alguns alunos não saibam escrever?

Entrevistada: Os principais motivos para que os alunos não saibam escrever estão relacionados com a: falta de competências cognitivas, falta de motivação, falta de estimulação em idades mais favoráveis à aquisição de leitura e escrita.

Entrevistador: Considera que os alunos possuem ambientes familiares em que se estimule à leitura?

Entrevistada: Alguns alunos possuem ambientes de valorização da leitura, outros não, temos alunos de ambientes socioculturais e familiares muito diversificados. Numa grande maioria dos alunos o seu ambiente familiar não esteve aliado à leitura de livros e ao estímulo da aprendizagem por parte dos alunos, pois não se acreditava nas suas capacidades e, por isso, o investimento na educação destes esteve relacionada com o cuidado e com o estar na escola, do que na estimulação de aprendizagens. Num grupo minoritário de alunos os seus pais estiveram sempre muito empenhados em que estes tivessem aprendizagens consistentes e acreditavam que podiam ir mais longe, deste modo, estando presentes no processo de aprendizagem e fomentando em casa o desenvolvimento e o enriquecimento das aprendizagens dos seus filhos, ou seja, lendo-lhes histórias e estimulando-os para que estes

possam ir mais além do que está escrito no texto explícito, visitas a museus e bibliotecas, entre outros.

Entrevistador: Vê esta situação como importante?

Entrevistada: O reforço e o incentivo à leitura em casa são factor propulsor de sucesso, bem como, a relação que os pais têm com a escola, onde o acompanhamento pelos pais na aprendizagem da leitura leva a que os alunos se tornem mais motivados e que essa motivação seja intrínseca. Um aluno que observa que a leitura é uma actividade regular dos seus pais, irá dar um valor cada vez maior a esta área, pois todas as pessoas aprendem através de modelos e os nossos principais modelos são os pais.

Entrevistador: Considera que se os ambientes familiares fomentarem a leitura, podem tornar-se um complemento do que se aprende aqui na Instituição?

Entrevistada: Os ambientes familiares que fomentam a leitura são essenciais para o reforço do trabalho desenvolvido na Qe, é muito importante a valorização por parte da família tanto para os alunos, que entendem que o seu trabalho é reconhecido, tanto para os técnicos, pois percebem que o seu trabalho é acompanhado e possuem a ajuda da família para que colmatem com maior facilidade as dificuldades dos alunos.

Entrevistador: Tendo esta Instituição como base o Modelo Gentel Teaching, de que forma este modelo pode desenvolver apetências para a leitura?

Entrevistada: O Gentel Teaching tem por base o reforço da auto-estima e segurança, da construção de uma relação de confiança com a pessoa que ensina, fomentando um ambiente de bem-estar e conforto, permitindo um aumento da motivação e por consequência das aprendizagens da leitura dos alunos. Este modelo fomenta que os alunos não tenham medo de errar sempre que necessitarem, mas que cada erro seja a construção de um conhecimento mais estruturado e firme.

Entrevistador: Em que medida este modelo pode trazer vantagens no ensino da leitura?

Entrevistada: O Gentleaching parte da premissa que a aprendizagem (seja do que for) depende em 80% da relação estabelecida a apenas 20% das metodologias ou técnicas utilizadas.

O Gentle Teaching parte da premissa que a aprendizagem (seja do que for) depende em 80% da relação estabelecida a apenas 20% das metodologias ou técnicas utilizadas, deste modo, seja qual for o ateliê que se desenvolve toda a aprendizagem tem de ter por base o

relacionamento e a entrega de cada uma das partes numa relação de confiança e só depois de se estabelecer esta relação é que se passa para a aplicação de técnicas de ensino.

Entrevistador: Considera que existe alguma desvantagem?

Entrevistada: Acho que não existe nenhuma desvantagem neste modelo, só se tem a ganhar.

Entrevistador: Já foram desenvolvidos projectos que potenciassem o desenvolvimento da Biblioteca?

Entrevistada: Existe um projecto elaborado que aguarda meios para implementação.

Entrevistador: Os alunos utilizam muito a Biblioteca?

Entrevistada: Os alunos utilizam muito pouco a biblioteca, só para as actividades de leitura e escrita.

Entrevistador: Os alunos da Associação compreendem qual a função de um Biblioteca?

Entrevistada: A maior parte sabe qual é a função da biblioteca, pois é explicada a sua importância nos ateliês de Leitura e Escrita.

Entrevistador: Quais os projectos que estão a ser desenvolvidos neste momento pela Biblioteca?

Entrevistada: De momento nenhum projecto está a ser desenvolvido no âmbito da Biblioteca. Existiu um projecto de criação de um jornal da Associação (chegou a ser elaborado o 1º número) que era feita pelos alunos com orientação de um monitor. Acabou por ser interrompido por falta de meios à sua operacionalização.

Entrevistador: Os alunos têm participação activa no desenvolvimento da Biblioteca?

Entrevistada: Não, os alunos não têm participação na biblioteca.

Entrevistador: Quais as actividades de dinamização da leitura que se realizam no âmbito da Biblioteca?

Entrevistada: Neste momento não existem actividades de dinamização da biblioteca.

Entrevistador: A leitura e a escrita são competências essenciais na sociedade em que vivemos, considera que alguns dos alunos da Instituição encontram-se capazes de serem cidadãos activos?

Entrevistada: Sim, alguns deles já o são estando já numa fase de integração profissional. Deste modo acabam por ter de utilizar os conhecimentos adquiridos na Instituição nas suas funções no campo laboral, principalmente no que diz respeito à Leitura, pois é fundamental para que possam ser autónomos no desenvolvimento das tarefas que lhe são propostas. Os ateliês de Cidadania e de Autonomia na Comunidade proporcionam que os alunos estejam preparados no que diz respeito aos seus deveres e direitos no campo laboral e a forma como devem estar no seu local de trabalho, para que estes não desrespeitem os seus colegas, mas que também não se deixem maltratar, pois a realidade mostra que este tipo de população acaba por ser abusada, por não saber os seus direitos enquanto cidadãos. Deste modo, é da nossa responsabilidade assegurar que estes alunos sejam cidadãos activos e que saibam como devem desempenhar o seu papel de cidadão dentro de uma comunidade.

Anexo III
Análise de Conteúdos
da Entrevista
à Coordenadora
Técnico-Pedagógica

Tema 1: A Importância da Leitura

A1: Tendo a Qe como objectivo central o desenvolvimento da autonomia, considerámos a leitura e escrita como parâmetros integrantes do domínio do desenvolvimento cognitivo.

A2: Assim, quer ao nível da avaliação inicial, quer em termos da intervenção (através de Programas de Intervenção Individual) o nosso modelo pedagógico e o perfil de competências abrangem esta área.

A3: As competências de leitura e escrita são vistas por nós como aquisições funcionais, pelo que nem todos os alunos trabalham este objectivo nos seus Programas de Desenvolvimento.

Tema 2: Os Mecanismos Utilizados Para o Ensino da Leitura

A1: O principal meio utilizado é o Método Global, ou o Método das 28 palavras (...).

A2: (...) que se baseia no aluno conhecer a palavra como um todo e não pelas suas partes que são as letras (...).

A3: (...) este método também é complementado com algumas técnicas utilizadas no modelo de ensino tradicional da leitura (...).

A4: (...) onde se valoriza a leitura acompanhada, a utilização de fichas de desenvolvimento de conhecimentos escritos, à leitura de histórias como fomento da valorização do livro e da criatividade, jogos didáctico, bem como, é colocada à disposição dos alunos livros, revistas e materiais audiovisuais para que estes possam estar em contacto com a palavra escrita e com a criatividade.

A6: Foi criada uma actividade específica para este fim “Atelier de Leitura e Escrita”.

A7: Também nas actividades de Estimulação Cognitiva e Computadores se trabalham estas competências.

A8: A actividade de teatro, muito direccionada para a leitura de contos, trabalha também a este nível.

A9: Temos também um projecto para dinamizar a nossa biblioteca que pretendemos implementar.

A10: A motivação e a relação com quem ensina são factores determinantes na aprendizagem e são a base da nossa intervenção.

A11: É necessário uma intervenção muito direccionada e muito individualizada porque cada aluno é um aluno e tem as suas especificidades (...).

A12: (...) mas como as relações entre técnicos e alunos são muito fortes estimulam os alunos a tornarem-se mais interessados sobre as temáticas dos ateliês, neste caso no que diz respeito à leitura.

A13: Sim é uma tarefa muito árdua, mas muito prazerosa (...).

A14: (...) pois alguns destes alunos nunca foram estimulados no campo da leitura e, deste modo, quando chegam à Qe existe um longo caminho para percorrer.

A15: Não esquecendo que os nossos alunos já são jovens-adultos, o que significa que as suas estruturas psicológicas já estão maturadas ou quase maturadas e, desta forma, a aquisição de novos conhecimentos nem sempre é fácil.

A16: Contudo, quando os alunos alcançam êxitos é muito prazeroso, porque tiveram de percorrer um caminho árduo e com muitas dificuldades tanto para o aluno como para o técnico que tem de estar sempre num processo de motivação do aluno.

Tema 3: Os Alunos e a Leitura

A1: 35% dos alunos sabe ler.

A2: As principais dificuldades são: défices cognitivos, problemas emocionais, fraca motivação, fraco investimento em idades mais precoces.

A3: O grau de dificuldade é muito diferenciado por isso não se pode dizer que existe um modelo padrão de dificuldades (...).

A4: (...) mas onde existem mais dificuldades no campo da leitura é nos alunos menos autónomos, onde alguns não sabem ler, outros conhecem algumas letras e esforçam-se muito mas não conseguem passar desse estágio de aprendizagem da leitura, mas a partir da leitura de contos conseguiram adquirir um maior gosto pelo livro e por saberem interpretar textos.

A5: Depois temos alunos não autónomos que tiveram algum estímulo escolar em idade precoce que permitiu que conseguissem ler e escrever palavras pequenas e com sílabas que resultam unicamente da junção de duas letras, bem como, conseguem associar o som das letras nas palavras.

A6: No que diz respeito aos alunos autónomos quase todos sabem ler embora se dividam em dois grupos (...).

A7: (...) um grupo de alunos que tiveram desde pequenos estímulos escolar na aprendizagem da leitura escrita e outro grupo que devido a problemas pessoais (principalmente familiares) não tiveram os mesmos estímulos escolares e, deste modo, sabem ler mas com bastante dificuldade.

A8: A maior parte dos alunos que sabem ler já o sabiam quando chegaram.

A9: Trabalhamos com jovens/adultos acima dos 16 anos, pelo que, se nunca fizeram nenhum trabalho anterior ao nível da leitura e escrita, é muito difícil iniciar essas aprendizagens quando existem défices cognitivos e uma idade mais avançada.

Tema 4: Alunos e a Escrita

A1: A maioria dos alunos não sabe escrever. De entre os que sabem, existem graus e capacidades muito diversificadas.

A2: Quase todos os alunos possuem muitas dificuldades no campo da escrita.

A3: Algumas relacionadas com défices cognitivos, com a atenção, concentração e memória, outras com dificuldades do foro emocional, ligadas à motivação, auto-estima e confiança.

A4: Os principais motivos para que os alunos não saibam escrever estão relacionados com a: falta de competências cognitivas, falta de motivação, falta de estimulação em idades mais favoráveis à aquisição de leitura e escrita.

Tema 5: A Família e a Leitura

A1: Alguns alunos possuem ambientes de valorização da leitura, outros não, temos alunos de ambientes socioculturais e familiares muito diversificados.

A2: Numa grande maioria dos alunos o seu ambiente familiar não esteve aliado à leitura de livros e ao estímulo da aprendizagem por parte dos alunos, pois não se acreditava nas suas capacidades e, por isso, o investimento na educação destes esteve relacionada com o cuidado e com o estar na escola, do que na estimulação de aprendizagens.

A3: Num grupo minoritário de alunos os seus pais estiveram sempre muito empenhados em que estes tivessem aprendizagens consistentes e acreditavam que podiam ir mais longe, deste modo, estando presentes no processo de aprendizagem e fomentando em casa o desenvolvimento e o enriquecimento das aprendizagens dos seus filhos, ou seja, lendo-lhes histórias e estimulando-os para que estes possam ir mais além do que está escrito no texto explícito, visitas a museus e bibliotecas, entre outros.

A4: O reforço e o incentivo à leitura em casa são factor propulsor de sucesso, bem como, a relação que os pais têm com a escola (...).

A5: (...) onde o acompanhamento pelos pais na aprendizagem da leitura leva a que os alunos se tornem mais motivados e que essa motivação seja intrínseca.

A6: Um aluno que observa que a leitura é uma actividade regular dos seus pais, irá dar um valor cada vez maior a esta área, pois todas as pessoas aprendem através de modelos e os nossos principais modelos são os pais.

A7: Os ambientes familiares que fomentam a leitura são essenciais para o reforço do trabalho desenvolvido na Qe (...).

A8: (...) é muito importante a valorização por parte da família tanto para os alunos, que entendem que o seu trabalho é reconhecido, tanto para os técnicos, pois percebem que o seu trabalho é acompanhado e possuem a ajuda da família para que colmatem com maior facilidade as dificuldades dos alunos.

Tema 6: O Modelo Gentle Teaching e a Leitura

A1: O Gentle Teaching tem por base o reforço da auto-estima e segurança, da construção de uma relação de confiança com a pessoa que ensina, fomentando um ambiente de bem-estar e conforto, permitindo um aumento da motivação e por consequência das aprendizagens da leitura dos alunos.

A2: Este modelo fomenta que os alunos não tenham medo de errar sempre que necessitarem, mas que cada erro seja a construção de um conhecimento mais estruturado e firme.

A3: O Gentle Teaching parte da premissa que a aprendizagem (seja do que for) depende em 80% da relação estabelecida e apenas 20% das metodologias ou técnicas utilizadas,

A4: (...) deste modo, seja qual for o ateliê que se desenvolve toda a aprendizagem tem de ter por base o relacionamento e a entrega de cada uma das partes numa relação de confiança e só depois de se estabelecer esta relação é que se passa para a aplicação de técnicas de ensino.

A5: Acho que não existe nenhuma desvantagem neste modelo, só se tem a ganhar.

Tema 7: A Biblioteca Qe e a Dinamização da Leitura

A1: Existe um projecto elaborado que aguarda meios para implementação.

A2: Os alunos utilizam muito pouco a biblioteca, só para as actividades de leitura e escrita.

A3: A maior parte sabe qual é a função da biblioteca, pois é explicada a sua importância nos ateliês de Leitura e Escrita.

A4: De momento nenhum projecto está a ser desenvolvido no âmbito da Biblioteca.

A5: Existiu um projecto de criação de um jornal da Associação (chegou a ser elaborado o 1º número) que era feita pelos alunos com orientação de um monitor. Acabou por ser interrompido por falta de meios à sua operacionalização.

A6: Não, os alunos não têm participação na biblioteca.

A7: Neste momento não existem actividades de dinamização da biblioteca.

Tema 8: Cidadania Activa e a Leitura

A1: Sim, alguns deles já o são estando já numa fase de integração profissional.

A2: Deste modo acabam por ter de utilizar os conhecimentos adquiridos na Instituição nas suas funções no campo laboral (...).

A3: (...) principalmente no que diz respeito à Leitura, pois é fundamental para que possam ser autónomos no desenvolvimento das tarefas que lhe são propostas.

A4: Os ateliês de Cidadania e de Autonomia na Comunidade proporcionam que os alunos estejam preparados no que diz respeito aos seus deveres e direitos no campo laboral e a forma como devem estar no seu local de trabalho, para que estes não desrespeitem os seus colegas, mas que também não se deixem maltratar (...).

A5: (...) pois a realidade mostra que este tipo de população acaba por ser abusada, por não saber os seus direitos enquanto cidadãos.

A6: Deste modo, é da nossa responsabilidade assegurar que estes alunos sejam cidadãos activos e que saibam como devem desempenhar o seu papel de cidadão dentro de uma comunidade.

Anexo IV
Matriz de
Análise de Conteúdos
da Entrevista
à Coordenadora
Técnico-Pedagógica

A Importância da Leitura			
Categorias	Indicadores	Unidades de Registo	Total
A Perspectiva da Instituição sobre a importância da Leitura	A Leitura como um parâmetro fundamental no desenvolvimento dos alunos da Instituição, embora nem todos os alunos trabalhem esta área do conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Tendo a Qe como objectivo central o desenvolvimento da autonomia, considerámos a leitura e escrita como parâmetros integrantes do domínio do desenvolvimento cognitivo. • Assim, quer ao nível da avaliação inicial, quer em termos da intervenção (através de Programas de Intervenção Individual) o nosso modelo pedagógico e o perfil de competências abrangem esta área. • As competências de leitura e escrita são vistas por nós como aquisições funcionais, pelo que nem todos os alunos trabalham este objectivo nos seus Programas de Desenvolvimento. 	3

Os Mecanismos Utilizados Para o Ensino da Leitura			
Categorias	Indicadores	Unidades de Registo	Total
Os Métodos Utilizados para o Ensino da Leitura	O principal método de ensino utilizado é o método global, sendo complementado com tarefas relacionadas com ensino tradicional da	<ul style="list-style-type: none"> • O principal meio utilizado é o Método Global, ou o Método das 28 palavras (...). • (...) que se baseia no aluno conhecer a palavra como um todo e não pelas suas partes que 	4

	leitura	<p>são as letras (...).</p> <ul style="list-style-type: none"> • (...) este método também é complementado com algumas técnicas utilizadas no modelo de ensino tradicional da leitura (...). • (...) onde se valoriza a leitura acompanhada, a utilização de fichas de desenvolvimento de conhecimentos escritos, à leitura de histórias como fomento da valorização do livro e da criatividade, jogos didáctico, bem como, é colocada à disposição dos alunos livros, revistas e materiais audiovisuais para que estes possam estar em contacto com a palavra escrita e com a criatividade. 	
As Dificuldades no Ensino da Leitura e Escrita	O Ensino da leitura é uma tarefa árdua mas muito prazerosa, pois os ganhos que se alcançam são grandes vitórias	<ul style="list-style-type: none"> • Sim é uma tarefa muito árdua, mas muito prazerosa (...). • (...) pois alguns destes alunos nunca foram estimulados no campo da leitura e, deste modo, quando chegam à Qe existe um longo caminho para percorrer. • Não esquecendo que os nossos alunos já são jovens-adultos, o que significa que as suas estruturas psicológicas já estão maturadas ou quase maturadas e, desta forma, a aquisição de novos conhecimentos nem sempre é fácil. 	4

		<ul style="list-style-type: none"> • Contudo, quando os alunos alcançam êxitos é muito prazeroso, porque tiveram de percorrer um caminho árduo e com muitas dificuldades tanto para o aluno como para o técnico que tem de estar sempre num processo de motivação do aluno. 	
As Actividades Desenvolvidas	<p>As actividades que se desenvolvem são a Leitura Escrita, Computadores, Estimulação Cognitiva e Teatro</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Foi criada uma actividade específica para este fim “Atelier de Leitura e Escrita”. • Também nas actividades de Estimulação Cognitiva e Computadores se trabalham estas competências. • A actividade de teatro, muito direccionada para a leitura de contos, trabalha também a este nível. • Temos também um projecto para dinamizar a nossa biblioteca que pretendemos implementar. 	4
	<p>A motivação e a relação com os Técnicos levam a que os alunos tenham um maior estímulo para gostar de ler</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A motivação e a relação com quem ensina são factores determinantes na aprendizagem e são a base da nossa intervenção. • É necessário uma intervenção muito direccionada e muito individualizada porque cada aluno é um aluno e tem as suas especificidades (...). • (...) mas como as relações entre 	3

		técnicos e alunos são muito fortes estimulam os alunos a tornarem-se mais interessados sobre as temáticas dos ateliês, neste caso no que diz respeito à leitura.	
--	--	--	--

Os Alunos e a Leitura			
Categorias	Indicadores	Unidades de Registo	Total
Os alunos que sabem ler	A percentagem de alunos que sabe ler é 35%.	<ul style="list-style-type: none"> • 35% dos alunos sabe ler. 	1
As Dificuldades Sentidas pelos Alunos	As dificuldades sentidas pelos alunos dizem respeito principalmente a défices cognitivos e a fraco investimento em idade precoce	<ul style="list-style-type: none"> • As principais dificuldades são: défices cognitivos, problemas emocionais, fraca motivação, fraco investimento em idades mais precoces. 	1
	Não se podem categorizar as diferentes dificuldades entre alunos autónomos e não autónomos, mas os que sentem mais dificuldades são os alunos não autónomos	<ul style="list-style-type: none"> • O grau de dificuldade é muito diferenciado por isso não se pode dizer que existe um modelo padrão de dificuldades (...). • (...) mas onde existem mais dificuldades no campo da leitura é nos alunos menos autónomos, onde alguns não sabem ler, outros conhecem algumas letras e esforçam-se muito mas não conseguem passar desse estágio de aprendizagem da leitura, mas a partir da leitura de contos 	5

		<p>conseguiram adquirir um maior gosto pelo livro e por saberem interpretar textos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Depois temos alunos não autónomos que tiveram algum estímulo escolar em idade precoce que permitiu que conseguissem ler e escrever palavras pequenas e com sílabas que resultam unicamente da junção de duas letras, bem como, conseguem associar o som das letras nas palavras. • No que diz respeito aos alunos autónomos quase todos sabem ler embora se dividam em dois grupos (...). • (...) um grupo de alunos que tiveram desde pequenos estímulos escolar na aprendizagem da leitura escrita e outro grupo que devido a problemas pessoais (principalmente familiares) não tiveram os mesmos estímulos escolares e, deste modo, sabem ler mas com bastante dificuldade. 	
A história das aprendizagens da leitura escrita por parte dos	Os alunos que sabem ler já sabiam ler antes de entrar na instituição	<ul style="list-style-type: none"> • A maior parte dos alunos que sabem ler já o sabiam quando chegaram. • Trabalhamos com jovens/adultos acima dos 16 anos, pelo que, se 	2

alunos		nunca fizeram nenhum trabalho anterior ao nível da leitura e escrita, é muito difícil iniciar essas aprendizagens quando existem défices cognitivos e uma idade mais avançada.	
--------	--	--	--

Os Alunos e a Escrita			
Categorias	Indicadores	Unidades de Registo	Total
Os alunos que sabem escrever	A maioria dos alunos não sabe escrever	<ul style="list-style-type: none"> A maioria dos alunos não sabe escrever. De entre os que sabem, existem graus e capacidades muito diversificadas. 	1
Os Motivos para que os Alunos não Saibam Escrever	As dificuldades estão relacionadas com défices cognitivos, dificuldades do foro emocional, motivação e auto-estima	<ul style="list-style-type: none"> Quase todos os alunos possuem muitas dificuldades no campo da escrita. Algumas relacionadas com défices cognitivos, com a atenção, concentração e memória, outras com dificuldades do foro emocional, ligadas à motivação, auto-estima e confiança. 	2
	Os motivos encontram-se relacionados com problemas cognitivos e da falta de investimento em idades precoces	<ul style="list-style-type: none"> Os principais motivos para que os alunos não saibam escrever estão relacionados com a: falta de competências cognitivas, falta de motivação, falta de estimulação em idades mais favoráveis à aquisição de leitura 	1

		e escrita.	
--	--	------------	--

A Família e a Leitura			
Categorias	Indicadores	Unidades de Registo	Total
A Importância do Fomento da Leitura pela Família	O ambiente sociocultural dos alunos é muito diferenciado, onde só existe uma minoria de alunos que tem contacto com a leitura no seio familiar	<ul style="list-style-type: none"> • Alguns alunos possuem ambientes de valorização da leitura, outros não, temos alunos de ambientes socioculturais e familiares muito diversificados. • Numa grande maioria dos alunos o seu ambiente familiar não esteve aliado à leitura de livros e ao estímulo da aprendizagem por parte dos alunos, pois não se acreditava nas suas capacidades e, por isso, o investimento na educação destes esteve relacionada com o cuidado e com o estar na escola, do que na estimulação de aprendizagens. • Num grupo minoritário de alunos os seus pais estiveram sempre muito empenhados em que estes tivessem aprendizagens consistentes e acreditavam que podiam ir mais longe, deste modo, estando presentes no processo de aprendizagem e fomentando em casa o desenvolvimento e o enriquecimento das aprendizagens dos seus filhos, ou 	3

		<p>seja, lendo-lhes histórias e estimulando-os para que estes possam ir mais além do que está escrito no texto explícito, visitas a museus e bibliotecas, entre outros.</p>	
	<p>O incentivo à leitura no seio da família é preponderante para o sucesso escolar dos alunos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O reforço e o incentivo à leitura em casa são factor propulsor de sucesso, bem como, a relação que os pais têm com a escola (...). • (...) onde o acompanhamento pelos pais na aprendizagem da leitura leva a que os alunos se tornem mais motivados e que essa motivação seja intrínseca. • Um aluno que observa que a leitura é uma actividade regular dos seus pais, irá dar um valor cada vez maior a esta área, pois todas as pessoas aprendem através de modelos e os nossos principais modelos são os pais. 	3
	<p>É muito importante a valorização da leitura por parte da família para que exista um reforço do trabalho desenvolvido na Associação Qe</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os ambientes familiares que fomentam a leitura são essenciais para o reforço do trabalho desenvolvido na Qe (...). • (...) é muito importante a valorização por parte da família tanto para os alunos, que entendem que o seu trabalho é reconhecido, tanto para os técnicos, pois percebem que o seu trabalho é acompanhado e 	2

		possuem a ajuda da família para que colmatem com maior facilidade as dificuldades dos alunos.	
--	--	---	--

O Modelo Gentle Teaching e a Leitura			
Categorias	Indicadores	Unidades de Registo	Total
O Gentel Teaching e a Aquisição de Novos Conhecimentos da Leitura	O Gentel Teaching tem por base a construção de um ambiente de conforto para o aluno, potenciando a aprendizagem da leitura	<ul style="list-style-type: none"> • O Gentel Teaching tem por base o reforço da auto-estima e segurança, da construção de uma relação de confiança com a pessoa que ensina, fomentando um ambiente de bem-estar e conforto, permitindo um aumento da motivação e por consequência das aprendizagens da leitura dos alunos. • Este modelo fomenta que os alunos não tenham medo de errar sempre que necessitarem, mas que cada erro seja a construção de um conhecimento mais estruturado e firme. • O Gentle Teaching parte da premissa que a aprendizagem (seja do que for) depende em 80% da relação estabelecida a apenas 20% das metodologias ou técnicas utilizadas, • (...) deste modo, seja qual for o ateliê que se desenvolve toda a aprendizagem tem de ter por 	4

		base o relacionamento e a entrega de cada uma das partes numa relação de confiança e só depois de se estabelecer esta relação é que se passa para a aplicação de técnicas de ensino.	
	Não existem desvantagens os alunos só têm a ganhar na utilização do Gentel Teaching	<ul style="list-style-type: none"> Acho que não existe nenhuma desvantagem neste modelo, só se tem a ganhar. 	1

A Biblioteca Qe e a Dinamização da Leitura			
Categorias	Indicadores	Unidades de Registo	Total
A Dinamização da Biblioteca Qe	Existe um projecto que aguarda por meios para ser implementado	<ul style="list-style-type: none"> Existe um projecto elaborado que aguarda meios para implementação. 	1
	Não há nenhum projecto a ser desenvolvido, mas já existiu um jornal contudo não existiam meios financeiros para a sua operacionalização	<ul style="list-style-type: none"> De momento nenhum projecto está a ser desenvolvido no âmbito da Biblioteca. Existiu um projecto de criação de um jornal da Associação (chegou a ser elaborado o 1º número) que era feita pelos alunos com orientação de um monitor. Acabou por ser interrompido por falta de meios à sua operacionalização. 	2
	Não existem actividades de dinamização da Biblioteca	<ul style="list-style-type: none"> Neste momento não existem actividades de dinamização da biblioteca. 	1

Participação Activa dos Alunos no desenvolvimento da Biblioteca Qe	A maioria dos alunos sabe qual a função da Biblioteca	<ul style="list-style-type: none"> A maior parte sabe qual é a função da biblioteca, pois é explicada a sua importância nos ateliês de Leitura e Escrita. 	1
	Pouca utilização por parte dos alunos da Biblioteca	<ul style="list-style-type: none"> Os alunos utilizam muito pouco a biblioteca, só para as actividades de leitura e escrita. 	1
	Não existe uma participação activa dos alunos na Biblioteca	<ul style="list-style-type: none"> Não, os alunos não têm participação na biblioteca. 	1

A Cidadania Activa e a Leitura			
Categorias	Indicadores	Unidades de Registo	Total
Participação Activa na Sociedade	Os alunos que estão inseridos em experiências profissionais desempenham algumas funções de cidadãos activos	<ul style="list-style-type: none"> Sim, alguns deles já o são estando já numa fase de integração profissional. Deste modo acabam por ter de utilizar os conhecimentos adquiridos na Instituição nas suas funções no campo laboral (...). (...) principalmente no que diz respeito à Leitura, pois é fundamental para que possam ser autónomos no desenvolvimento das tarefas que lhe são propostas. Os ateliês de Cidadania e de Autonomia na Comunidade proporcionam que os alunos estejam preparados no que diz 	6

		<p>respeito aos seus deveres e direitos no campo laboral e a forma como devem estar no seu local de trabalho, para que estes não desrespeitem os seus colegas, mas que também não se deixem maltratar (...).</p> <ul style="list-style-type: none">• (...) pois a realidade mostra que este tipo de população acaba por ser abusada, por não saber os seus direitos enquanto cidadãos• Deste modo, é da nossa responsabilidade assegurar que estes alunos sejam cidadãos activos e que saibam como devem desempenhar o seu papel de cidadão dentro de uma comunidade.	
--	--	--	--

Anexo V
Grelha que Relaciona
Categorias, Indicadores
e frequências

Categorias	Indicadores	Total
A Perspectiva da Instituição sobre a importância da Leitura	A Leitura como um parâmetro fundamental no desenvolvimento dos alunos da Instituição, embora nem todos os alunos trabalhem esta área do conhecimento	3
Os Métodos Utilizados para o Ensino da Leitura	O principal método de ensino utilizado é o método global, sendo complementado com tarefas relacionadas com ensino tradicional da leitura	4
As Dificuldades no Ensino da Leitura e Escrita	O Ensino da leitura é uma tarefa árdua mas muito prazerosa, pois os ganhos que se alcançam são grandes vitórias	4
As Actividades Desenvolvidas	As actividades que se desenvolvem são a Leitura Escrita, Computadores, Estimulação Cognitiva e Teatro	4
	A motivação e a relação com os Técnicos levam a que os alunos tenham um maior estímulo para gostar de ler	3
Os alunos que sabem ler	A percentagem de alunos que sabe ler é 35%.	1
As Dificuldades Sentidas pelos Alunos	As dificuldades sentidas pelos alunos dizem respeito principalmente a défices cognitivos e a fraco investimento em idade precoce	1
	Não se podem categorizar as diferentes dificuldades entre alunos autónomos e não autónomos, mas os que sentem mais dificuldades são os alunos não autónomos	5
A história das aprendizagens da leitura escrita por parte dos alunos	Os alunos que sabem ler já sabiam ler antes de entrar na instituição	2
Os alunos que sabem escrever	A maioria dos alunos não sabe escrever	1
Os Motivos para que os Alunos não Saibam Escrever	As dificuldades estão relacionadas com défices cognitivos, dificuldades do foro emocional, motivação e auto-estima	2
	Os motivos encontram-se relacionados com problemas cognitivos e da falta de investimento em idades precoces	1
A Importância do Fomento da Leitura pela Família	O ambiente sociocultural dos alunos é muito diferenciado, onde só existe uma minoria de alunos que tem contacto com a leitura no seio familiar	3
	O incentivo à leitura no seio da família é preponderante para o sucesso escolar dos alunos	3

	É muito importante a valorização da leitura por parte da família para que exista um reforço do trabalho desenvolvido na Associação Qe	2
O Gentel Teaching e a Aquisição de Novos Conhecimentos da Leitura	O Gentel Teaching tem por base a construção de um ambiente de conforto para o aluno, potenciando a aprendizagem da leitura	4
	Não existem desvantagens os alunos só têm a ganhar na utilização do Gentel Teaching	1
A Dinamização da Biblioteca Qe	Existem um projecto que aguarda por meios para ser implementado	1
	Não há nenhum projecto a ser desenvolvido, mas já existiu um jornal contudo não existiam meios financeiros para a sua operacionalização	2
	Não existem actividades de dinamização da Biblioteca	1
Participação Activa dos Alunos no desenvolvimento da Biblioteca Qe	A maioria dos alunos sabe qual a função da Biblioteca	1
	Pouca utilização por parte dos alunos da Biblioteca	1
	Não existe uma participação activa dos alunos na Biblioteca	1
Participação Activa na Sociedade	Os alunos que estão inseridos em experiências profissionais desempenham algumas funções de cidadãos activos	6

Anexo VII

Dados dos

Alunos

Alunos	Sexo	Idade	Programa em que inserido	Saber Ler?
A1	Feminino	36	PDI	Não
A2	Feminino	31	PDI	Não
A3	Feminino	46	PDI	Não
A4	Feminino	49	Cliente de Ateliê ¹	Não
A5	Feminino	22	PDI	Não
A6	Feminino	18	PDI	Não
A7	Feminino	38	PDI	Lê com ajuda
A8	Feminino	19	PDI	Não
A9	Feminino	22	PDI	Não
A10	Feminino	19	PDI	Sim
A11	Feminino	31	PDI	Sim
A12	Feminino	20	PDI	Sim
A13	Feminino	36	PDI	Lê com ajuda
A14	Feminino	31	Cliente de Ateliê	Não
A15	Feminino	34	Cliente de Ateliê	Não
A16	Feminino	20	PIT	Não
A17	Feminino	43	Cliente de Ateliê	Não
A18	Feminino	31	PDI	Não
A19	Feminino	19	PDI	Sim
A20	Feminino	48	PDI	Não
A21	Feminino	19	Cliente de Ateliê	Não
A22	Feminino	33	Cliente de Ateliê	Não
A23	Masculino	22	PDI	Não
A24	Masculino	43	Cliente de Ateliê	Lê com ajuda
A25	Masculino	40	PDI	Não
A26	Masculino	18	PDI	Não
A27	Masculino	22	Cliente de Ateliê	Não
A28	Masculino	37	Cliente de Ateliê	Sim
A29	Masculino	35	Cliente de Ateliê	Não
A30	Masculino	23	PDI	Lê com ajuda
A31	Masculino	22	PDI	Sim
A32	Masculino	16	PDI	Lê com ajuda
A33	Masculino	25	PDI	Sim
A34	Masculino	27	PDI	Não
A35	Masculino	20	PDI	Não
A36	Masculino	19	PDI	Não
A37	Masculino	21	PDI	Lê com ajuda
A38	Masculino	19	PDI	Não
A39	Masculino	41	PDI	Lê com ajuda
A40	Masculino	33	PDI	Lê com ajuda

¹ **Cliente de Ateliê** é um aluno que pode ou não frequentar a Associação Qe todos os dias e que não possui uma avaliação semestral e anual.

A41	Masculino	24	Cliente de Ateliê	Não
A42	Masculino	20	Cliente de Ateliê	Lê com ajuda
A43	Masculino	18	PDI	

Anexo VIII

Os Funcionários

Função	Nº de Pessoas
Directores Gerais	3 (voluntários)
D. Técnico-Pedagógica	1
Técnico Superior Pólo Coopera (Coordenadora)	1
Técnico Superior de Avaliação	1
Monitoras de Ateliê	8
Monitoras de Residência	4
Monitoras de Apoio de Residência	2
Técnico Superior ALAF / Supervisora Logística	1
Área Comercial	2
Recepcionista	1
Motorista	1
Funcionária das Limpezas (Não pertencem à Instituição)	2

Anexo IX
Guião de
Conversa Informal
Sobre a História
da Instituição

TEMA

A História da Qe Sintra

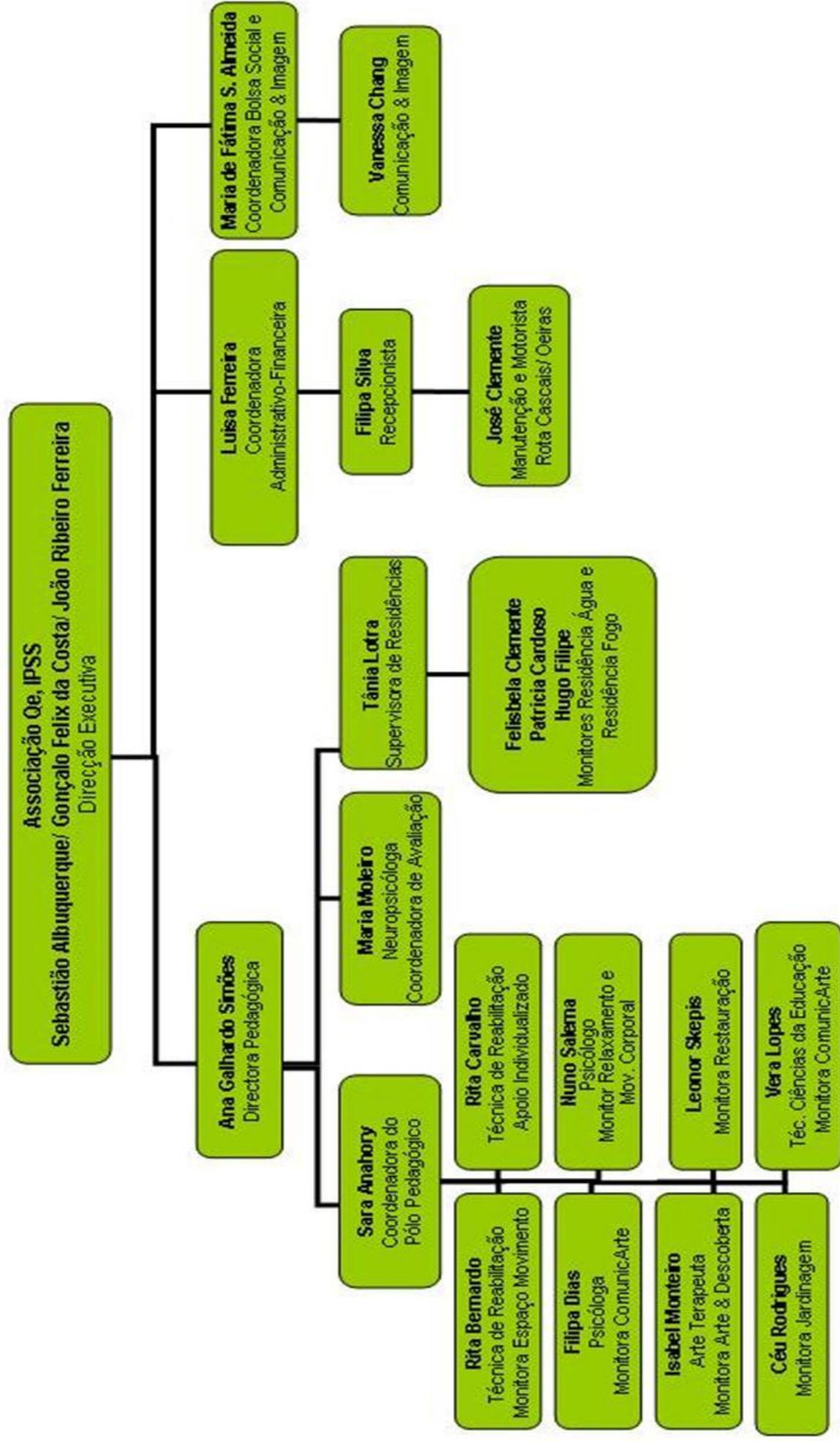
TÓPICOS PARA O FORMULÁRIO DE PERGUNTAS

- De quem partiu a ideia?
- Quando é que começou a construção?
- Quem é que iniciou a sua construção?
- Quais as linhas que foram traçadas inicialmente para a Instituição?
- De onde surgiu este modelo de Instituição?
- Quando é que abriu ao público?
- Quando é que passou a IPSS?

Anexo X

Organograma

da Instituição



Anexo XI
Regulamento
Interno da
Associação Qe

Capítulo I

Disposições Gerais

Pólo Pedagógico

O Pólo Pedagógico representa uma abordagem inovadora no sentido da autonomia, integração e dignidade da pessoa com deficiência mental.

Integra as necessárias valências para permitir aos nossos Alunos a construção sustentada do seu projecto de autonomia, através do Programa de Desenvolvimento Individual².

Pretende-se que esta resposta seja efectivamente normalizante, de acordo com o princípio assumido de que “Ser Diferente é Normal” e facilitadora da integração e inserção social e profissional da pessoa com deficiência mental.

A Associação Qe, adiante designada por QE, desenvolveu modelos pedagógicos inovadores, sem barreiras à aprendizagem e com técnicas de formação adequadas, de forma a permitir a cada momento o desenvolvimento pessoal, social e profissional dos Alunos.

O Pólo Pedagógico da QE, integra os necessários simuladores de actividades profissionais e ateliers, nos quais são realizadas todas as actividades necessárias (de acordo com o currículo em que cada Aluno está integrado), ao desenvolvimento das suas competências.

Legislação Aplicável

O Pólo Pedagógico da QE rege-se pelo estipulado na portaria nº.432/2006 de 03 de Maio e pelo Despacho normativo 52/SESS/90 de 26 de Julho.

² O Programa de Desenvolvimento Individual consiste na construção conjunta do projecto de vida dos nossos alunos, no qual eles assumem um papel primordial. Cabe à equipa da Associação Qe, orientá-los e apoiá-los nas direcções que lhe facilitem a constante prossecução dos seus objectivos de vida, bem como o desenvolvimento das suas competências pessoais, sociais e profissionais.

Objectivos do Regulamento

- Promover o respeito pelos direitos dos Alunos e demais interessados;
- Assegurar a divulgação e o cumprimento das regras de funcionamento da QE;
- Promover a participação activa dos Alunos ou dos seus representantes legais na gestão da QE;

Objectivos do Pólo Pedagógico

- Estimular o desenvolvimento pessoal dos Alunos através de meios que promovam as suas capacidades;
- Incentivar acontecimentos e experiências, capazes de criar e reforçar a rede social;
- Aplicar o Programa de Desenvolvimento Individual mais adequado;
- Desenvolver actividades de investigação;
- Promover a integração profissional do Aluno;
- Desenvolver a formação de pais.

Serviços Prestados e Actividades Desenvolvidas

A QE denominou de “QE Activ” as actividades previstas no regime de CAO e assegura a prestação dos serviços indicados no quadro que se segue.

A participação no Programa de Intervenção Transitório ou no Programa de Desenvolvimento Individual pressupõe a realização de diversas actividades de acordo com o plano de desenvolvimento estabelecido para cada Aluno. Na página 7 deste regulamento, pode consultar a tipologia de actividades que existem na QE.

Serviços Base

SERVIÇOS PREMIUM (Base Mensal)				
SERVIÇOS BASE	QE ACTIV	QE TEMPUS	QE RESIDENCE	QE TEST
Avaliação Inicial	x	X	x	X
Programa de Intervenção Transitório	X	X	X	
Programa Desenvolvimento Individual	X	X	X	
Actividade externa à escolha	X	X	X	
Alojamento				
Quarto Duplo ou individual		X	X	X
Higiene pessoal		X	X	
Lavandaria			X	
Alimentação				
Peq. Almoço		X	X	X
Almoço	X	X	X	X
Lanche	X	X	X	X
Jantar		X	X	X
Formação de Enc de Educação	x	x	x	
Acompanhamento / monitoragem	X	X	X	
Acompanhamento médico				
Consultas médicas de rotina			X	
Urgências médicas	X	X	X	
Seguros				
Seguro de acidentes pessoais	X	X	X	X

- Transporte de Alunos (por acordo com empresas de transportes);
- Frequência de Atelier (valor hora ou todas as tardes);
- Prolongamento (de 1 hora ou de 2 horas).

Capítulo II

Processo de Admissão de Alunos

Destinatários

● Pessoas com deficiência mental de idade igual ou superior a 16 anos, que tenham realizado a avaliação inicial (Qe Test), ou integrados a título de período experimental, e cujo perfil de competências se enquadre com os objectivos propostos.

Condições de Admissão

São admitidos no Pólo Pedagógico e Residencial Jovens e Adultos que:

- Tenham concluído todo o processo de inscrição e admissão previsto na QE;
- Tenham realizado a avaliação inicial (ou período experimental) e que de acordo com o relatório de avaliação, beneficiem do tipo de estrutura e organização existentes na QE;
- Tenham assinado o respectivo contracto.

Candidatura

● Para efeitos de admissão, o Aluno deverá candidatar-se através do preenchimento de uma ficha de identificação que constitui parte integrante do processo do Aluno, devendo fazer prova das declarações efectuadas mediante a entrega da cópia dos seguintes documentos:

- a) Bilhete de identidade do Aluno e do representante legal;
- b) Cartão de contribuinte do Aluno e do representante legal;
- c) Cartão de beneficiário do Aluno e do representante legal;
- d) Cartão de utente dos serviços de saúde ou de subsistemas a que o Aluno pertença;
- e) Boletim de vacinas, relatório médico, comprovativo da situação clínica do Aluno;
- f) Atestado médico que comprove não serem portadores de doenças infecto-contagiosas;
- g) Comprovativo dos rendimentos do Aluno e do agregado familiar quando necessário;
- h) Declaração assinada pelo Aluno ou pelo seu representante legal em como autoriza a informatização dos dados pessoais para efeitos da elaboração do processo do Aluno.

● As candidaturas podem ser efectuadas ao longo de todo o ano. É necessária a marcação de uma entrevista prévia e a realização de uma pré-avaliação do Aluno. A pré-avaliação consiste apenas em permanecer durante uma manhã ou uma tarde na QE para que

a equipa técnica possa encaminhar ou não o Aluno para a realização da avaliação inicial ou ser integrado em período experimental;

- A ficha de identificação e os documentos probatórios deverão ser entregues durante a reunião que antecede a participação na avaliação inicial. Esta reunião é realizada pelo coordenador da avaliação e tem como objectivo recolher todos os dados relativos ao Aluno que se está a candidatar à QE e estabelecer o primeiro contacto com a família;

- Realização da avaliação inicial, que tem a duração de 3 dias em regime residencial e como principal objectivo a definição do perfil de competências individual de cada Aluno. Depois da avaliação, é elaborado um relatório e discutido com os representantes legais a pertinência ou não da frequência da QE por parte do Aluno. Nos casos em que se dispense a realização da avaliação inicial, serão integrados em período experimental e igualmente aferida a adequação a esta estrutura;

- Em situações especiais pode ser solicitada certidão da sentença judicial que regule o poder paternal ou determine a tutela/curatela;

- Em caso de admissão urgente, pode ser dispensada a apresentação de candidatura e respectivos documentos probatórios, devendo todavia ser desde logo iniciado o processo de obtenção dos dados em falta. Não pode ser dispensada a realização da pré-avaliação e a avaliação inicial deverá ser sempre efectuada ainda que o Aluno já esteja admitido.

Critérios de Admissão

São critérios de prioridade na selecção dos candidatos a serem integrados na Associação Qe:

- A adequação do perfil de competências de cada Aluno à estrutura existente, com parecer positivo da avaliação inicial ou período experimental;

- Condições sócio-económicas do aluno, valorizando sempre as situações de maior precariedade;

- Tipologia familiar, nomeadamente órfãos ou famílias monoparentais;

- Não estar a frequentar nenhuma outra instituição;

- A urgência na admissão do aluno;

- A data do parecer positivo da pré-avaliação;

- A data em que o candidato reúne as condições financeiras e pedagógicas para ser admitido na Qe.

Admissão

- Recebida a candidatura e ultrapassados todos os passos de pré-avaliação e avaliação, referidos anteriormente, a candidatura é analisada pela equipa técnica, nomeadamente Director Técnico, Coordenador do Pólo Pedagógico, Coordenador da Avaliação e Supervisor de Residências (no caso de ser um Aluno residente) a quem compete elaborar a proposta de admissão, a submeter à decisão da entidade competente;

- É competente para decidir a Direcção;

- Da decisão será dado conhecimento ao Aluno no prazo de 5 dias úteis;
- No acto da admissão é devido apenas o pagamento da mensalidade. Não existem pagamentos adicionais de matrículas ou inscrições.

Acolhimento de novos Alunos

No dia efectivo de entrada do novo Aluno na QE, este é acompanhado pelo técnico que ficou como responsável de caso e as actividades frequentadas são as previstas no Plano de Intervenção Transitório que é elaborado para os primeiros 3 meses de frequência. Cada Aluno tem no espaço café um cronograma de actividades que é ensinado a consultar para saber quais são as actividades que frequenta ao longo da semana. O responsável de caso deve garantir a integração do Aluno no espaço, na forma de funcionamento e com as diferentes pessoas, apresentando o novo Aluno a todos os técnicos e restantes Alunos.

Processo Individual do Aluno

Todos os Alunos começam por ter um processo de avaliação inicial que seguidamente dá origem ao dossier individual de cada Aluno.

Dossier de avaliação Inicial

- Contém todos os dados do Aluno bem como cópia do relatório de avaliação inicial realizado.
 - Ficha de Inscrição;
 - Formulário Médico;
 - Cópia de BI, contribuinte, segurança social, cartão de utente, boletim de vacinas do próprio e do encarregado de educação e cópia do IRS;
 - Relatório de avaliação.

Dossier Individual (quando passam a ser Alunos da QE)

- Contém todos os dados pessoais que saem do dossier de avaliação inicial e outros.
 - Ficha de inscrição com dados pessoais actualizados;
 - Fotocópias de dados pessoais;

- Autorizações;
- Declarações.

- Anamnese complementada no decurso do Programa de Intervenção Transitório;
- Programa de Intervenção Transitório elaborado e horário de actividades;
- Relatório de Programa de Intervenção Transitório;
- Programa de Desenvolvimento Individual elaborado, objectivos gerais e específicos definidos;
- Relatório de Programa de Desenvolvimento Individual 1º semestre;
- Relatório de Programa de Desenvolvimento Individual anual;
- Restantes relatórios anuais.

Dossier de acompanhamento clínico

- Ficha de Inscrição com dados pessoais;
- Formulário Médico devidamente actualizado durante o tempo de Programa de Intervenção Transitório;
- Análises e exames solicitados pela QE, cópia dos resultados;
- Ficha de acompanhamento médico;
- Ficha de acompanhamento de enfermagem;
- Outros dados relevantes.

Listas de Espera

Existe uma lista de espera elaborada de acordo com os nossos critérios de prioridade.

Foram definidos critérios para retirar as pessoas da lista de espera e são:

- Não realizarem a actualização de informação anual (Outubro), solicitada pela instituição;
- Realização de uma pré-avaliação anual para verificação da adequação do perfil de competências;
- Indicação de frequência de outra instituição.

Capítulo III

Instalações e Regras de Funcionamento

Instalações

Associação QE, entidade gestora do estabelecimento, sediado na Rua Humberto Delgado, nº 52, Abrunheira, 2710-050 Sintra e as suas instalações são compostas por espaços gerais, pedagógicos e de pessoal.

1) Recepção

Conceito

- Espaço de recepção de todas as pessoas que vêm ao centro;
- Local de trabalho da telefonista/recepcionista;
- Espaço do simulador da área administrativa, em conjunto com o gabinete administrativo (sala de administração)

Funcionamento

Das 08.30h às 17.30h

2) Café / Refeitório

Conceito

É um espaço polivalente que assume as diferentes funções:

- Serviço de almoços a Alunos e funcionários do Pólo Pedagógico;
- Serviço de jantar a residentes e não residentes em dias específicos;
- Serviço de almoços e jantares a Alunos em regime de colónia de férias;
- Espaço de convívio privilegiado para pessoas com deficiência em dias específicos;
- Espaço polivalente, de recepção dos Alunos da parte da manhã e no final da tarde;
- Simulador de serviço de mesa e bar.

Funcionamento

Das 08.30h às 17.00h, excepto em época de colónias de férias em que seja necessário garantir o serviço de jantar.

3) Centro de Estudos / Biblioteca

Conceito

Funciona como espaço de biblioteca e incentivo à leitura por parte dos alunos da QE. Encontra-se em estudo, uma parceria com a biblioteca nacional para formação de alunos na função de bibliotecário.

- Biblioteca;
- Espaço de formação na área de bibliotecário;
- Local de cacifos de todos os alunos da QE.

Funcionamento

Na Biblioteca do Pólo Pedagógico, das 09.00h às 17.00h.

Utilização da Biblioteca por parte dos alunos:

Salvo excepções devidamente identificadas e comunicadas à recepcionista, todos os alunos podem utilizar a biblioteca, fora do período de funcionamento das actividades:

- 12.30h – 13.00h
- 15.00h – 15.30h

Horário de utilização e acesso aos **cacifos**:

- 08.30h – 09.00h (com apoio da monitora da manhã);
- 12.00h – 13.00h (com apoio das monitoras do almoço ou recepcionista);
- 16.00h – 17.00h (com apoio das monitoras da tarde).

4) Sala de Reuniões / Formação

Conceito

Espaço polivalente de utilização por parte de pais, técnicos e alunos. Funciona como sala de formação e ou reunião sempre que necessário.

- Formação de pais;
- Formação de técnicos;
- Reuniões;

Funcionamento

Das 08.30h – 17.00h e até às 20.00h sempre que existem acções de formação.

5) Espaços Pedagógicos

Espaços Pedagógicos	Nome Indicado em Planta	Planta	Área Total	Tipologia de Actividades					
				Desporto Colectivo	Ginástica Adaptada	Relaxamento	Movimento Corporal	Teatro	Espaço Aberto
Ginásio	Ginásio	7F 1.02	98,2	Desporto Colectivo	Ginástica Adaptada	Relaxamento	Movimento Corporal	Teatro	Espaço Aberto
Espaço Movimento	Espaço Movimento	7F 1.02	35,41	Psicomotricidade					
ComunicArte	ComunicArte	7F 1.05	25,08	Estimulação Cognitiva	Computadores	Grupos de Comunicação			
OlhArte	OlhArte	7F 1.05	24,16	Estimulação Sensorial	Fotografia e Imagem	Leitura e Escrita			
Arte e Descoberta	Arte e Descoberta	7F 1.05	49,88	Arte e Descoberta	Projecto Individual	Arte Terapia			
Lavandaria	Lavandaria / Rouparia	7F 1.02	18,92	Lavandaria					
Cozinha	Cozinha	7F 1.02	30,18	Restauração	Bolos e Sobremesas				
Mini-mercado	Economato Pedagógico	7F 1.02	31,2	Reposição de Matérias Primas					
Canil	Canil / Arrumos	7F 1.05	39,02	Tratar dos Animais	Interacção Animal				
Armazém de Jardinagem	Sala de Trabalho	7F 1.05	49,82	Jardinagem	Estufa				
Casa da Água				Dia da Casa					
Área Administrativa	Sala de Administração	7F 1.03	34,82	Serviço Administrativo					
Exterior (fora da Qe)				Equitação	Natação	Dança	Formação em PT	Experiências ISP	
Total de Área			436,69						
Total de Alunos (3 m2)			146						

Condições Gerais de Funcionamento

Horário Geral QE

Áreas	Dias úteis		Fim semana	
	Abertura	Fecho	Abertura	Fecho
Geral	08.30h	17.30h		
Café	08.30h	17.00h (1)	Fechado	Fechado (2)
Cozinha	08.30h	16.00h		
Quinto Mercado	09.00h	17.00h	Fechado	Fechado
Escritório	09.00h	18.00h	Fechado	Fechado
Recepção	08.30h	17.30h	Fechado	Fechado
Lavandaria	Fechado	Fechado	Fechado	Fechado
Biblioteca	09.00h	17.00h	Fechado	Fechado
Ateliers	09.00h	17.00h	Fechado	Fechado
Vigilância	20.00h	08.00h	20.00h	08.00h

(1) Excepto quando estiverem previstos jantares

(2) Excepto quando estiverem previstas festas ou em períodos de colónias de férias

Os Alunos apenas iniciam a sua actividade a partir das 09.00h, no entanto, a QE abre as portas às 08.30h, de forma a assegurar a entrada de qualquer Aluno a partir dessa hora.

Será a **recepcionista** que ficará responsável por abrir a QE à hora indicada, bem como assegurar a supervisão de entrada e saída de qualquer Aluno durante esse período de tempo. As **monitoras** responsáveis pelo apoio da manhã, também estarão presentes a partir das 08.30h.

Horário Geral Alunos

Alunos	Entrada	Saída
Residentes	09.00h	17.00h
Não residentes	09.00h	17.00h
Alunos Ateliers	13.00h	17.00h

Pagamento da Mensalidade

1. O pagamento da mensalidade deverá ser efectuado até ao dia 08 de cada mês no serviço administrativo-financeiro da QE.

Tabela de Comparticipações/Preçário de Mensalidades

1. A tabela de comparticipações familiares foi calculada de acordo com a legislação/normativos em vigor e encontra-se afixada em local bem visível;

2. De acordo com o disposto na circular normativa nº3, de 02/05/97 e na circular normativa n.7, de 14/08/97, da Direcção Geral da Acção Social (DGAS), o cálculo do rendimento per capita do agregado familiar é realizado de acordo com a seguinte fórmula:

$$R = \frac{RF-D}{N}$$

Sendo que:

R = Rendimento per capita

RF = Rendimento mensal ilíquido do agregado familiar

D = Despesas Fixas

N = Número de elementos do agregado familiar

No que respeita às despesas mensais fixas, consideram-se para o efeito:

- O valor das taxas e impostos necessários à formação do rendimento líquido, nomeadamente do imposto sobre o rendimento e da taxa social única;
- O valor da renda de casa ou prestação mensal devida pela aquisição de habitação própria;
- Os encargos mensais com transportes públicos;
- As despesas com aquisição de medicamentos de uso continuado em caso de doença crónica.

A comparticipação familiar mensal é efectuada no total de 12 mensalidades, sendo que o valor do rendimento mensal ilíquido do agregado familiar é o duodécimo da soma dos rendimentos anualmente auferidos, por cada um dos seus elementos.

3. Em caso de alteração à tabela/preçário em vigor, os Encarregados de Educação serão informados por escrito com uma antecedência mínima de um mês.

Preçário

PREÇO SERVIÇO	QE ACTIV	QE TEMPUS	QE RESIDENCE	QE PROFISSIONAL*	QE TEST RESIDENTE	QE TEST NÃO RESIDENTE
Duração do 1º contrato	15 meses	15 meses	15 meses		3 dias	3 dias
Preço / dia	45,04 €	66,41 €	77,26 €		- €	- €
Preço / mês	1.370,00 €	2.020,00 €	2.350,00 €	850,00 €	620,00 €	425,00 €
DESCONTOS PRONTO PAGAMENTO						
Mensal	- €	- €	- €			- €
Trimestral	1%	1%	1%			- €
Anual	5%	5%	5%			- €

Alunos	Pequeno Almoço	Almoço	Lanche
Residentes	Na Residência	12.00h - 13.00h	16.00h – 16.30h
Não residentes		12.00h - 13.00h	16.00h – 16.30h
Colaboradores	08.30h – 09.30h	Até à 13.00h	16.00h – 16.30h

O almoço funciona por dois turnos³:

1º Turno: 12.00h – 12.30h

2º Turno: 12.30h – 13.00h

O almoço será acompanhado pelos monitores responsáveis por cada turno.

O lanche será acompanhado pelos monitores responsáveis pelo turno de lanche.

O **Monitor de Restauração** é responsável pela supervisão global da hora do almoço, definição de turnos de almoço e avaliação de Alunos ao nível das refeições.

Calendário

O Pólo Pedagógico funciona todos os dias de Segunda a Sexta-feira para Alunos residentes e não residentes e Sábados, Domingos e feriados para Alunos residentes e colónias de férias.

O Pólo Pedagógico e o Pólo Residencial estão encerrados nos dias 24, 25 e 26 de Dezembro.

O Pólo Pedagógico suspende as actividades previstas no Programa de Desenvolvimento Individual de cada Aluno, encontrando-se aberto com programação específica de *tempos livres*, para todos os Alunos, na **semana do Natal, Carnaval e Páscoa**.

Os períodos de programação especial serão comunicados anualmente, bem como o tipo de actividades a desenvolver.

O Pólo Pedagógico, encontra-se encerrado para Alunos não residentes durante o **Mês de Agosto**, estando disponível o serviço **Qe Leisure**, programas de lazer e ocupação de tempos livres, para os quais qualquer Aluno não residente se poderá inscrever.

Os Alunos não residentes pagam 11 mensalidades, sendo o mês de Agosto facturado de acordo com a sua frequência.

Passeios ou Deslocações

³ Ver Cronograma e horário de actividades

Todas as saídas que estejam previstas no Programa de Desenvolvimento Individual de cada Aluno, são autorizadas pelos Encarregados de Educação, aquando a discussão do Programa de Intervenção Transitório ou Programa de Desenvolvimento Individual.

Todas as saídas que não tenham sido previamente definidas na elaboração do Programa de Intervenção transitório ou Programa de Desenvolvimento Individual, serão comunicadas por escrito e devidamente autorizadas pelos encarregados de educação.

Acessos de Alunos

O acesso de Alunos ao edifício principal será feito através de cartões, que registam a hora de entrada e de saída.

Actividades/ Serviços Prestados

1. Simuladores de Actividades Profissionais

Os simuladores de actividades profissionais são uma das bases para o desenvolvimento e aplicação dos vários currícula/programas.

Os simuladores são criados de acordo com o número de Alunos existentes e as parcerias estabelecidas.

Na concepção e desenvolvimento de cada uma das áreas de simulador, a Qe estabeleceu diversas **Parcerias Profissionais**⁴, que têm como principal objectivo facilitar os processos de aprendizagem e integração profissional e social dos nossos Alunos. As parcerias são desenvolvidas com empresas de todas as áreas de simuladores existentes na QE, na aplicação dos vários currícula/programas de formação existentes.

De acordo com o conceito, objectivos e programa de formação de cada uma das áreas de simuladores/ateliers, as empresas parceiras e a QE participam tendo em conta os seguintes princípios:

- À luz da última definição da AAMR (*American Association Of Mental Retardion*) considera-se a Deficiência Mental, não como uma condição pessoal (característica inerente ao próprio), mas como a expressão do impacto funcional resultante da interacção entre a pessoa com limitações e o meio envolvente onde se insere. Neste sentido, uma aplicação adequada dos apoios necessários pode efectivamente melhorar as capacidades funcionais.

- Complexos como o da QE devem ser abertos ao exterior, possibilitando um maior dinamismo e diversificação da empresa e das relações que se estabelecem.

⁴ Ver anexo 1 – Detalhe das parcerias para cada simulador de actividade profissional

● A integração profissional de pessoas com deficiência é influenciada pelas alterações observadas no mercado de emprego, sendo um dos critérios de sucesso, a capacidade de constantemente actualizar competências e perfis às necessidades das empresas.

Desta forma, a formação profissional ministrada na QE deve garantir:

- Nível de profissionalização adequado ao mercado de trabalho;
- Identificação das áreas específicas com necessidades reais de mão-de-obra;
- Selecção de candidatos, Alunos da QE, com perfil de competências adequado ao posto de trabalho;
- Formação orientada para as necessidades específicas do posto de trabalho;
- Formação em contexto de trabalho;
- Integração profissional de Alunos da QE.

Simuladores Previstos

● Manutenção e Limpeza	Em elaboração
● Restauração	Existente
● Jardinagem e Compostagem	Existente
● Tratador de animais	Existente
● Serviço de mesa e bar	
● Lavandaria	
● Serviços administrativos	Em elaboração
● Quinto Mercado	Existente

2. Ateliers

São espaços onde se desenvolvem actividades terapêuticas e pedagógicas que complementam toda a aprendizagem técnica e prática mais específica dos simuladores de actividades profissionais.

Têm como objectivo o desenvolvimento global da pessoa, encarada numa perspectiva holística, e utilizam todos os meios, desde a arte às estimulações e reabilitações específicas, capazes de estimular as competências de forma integral.

Pretendemos que os ateliers sejam um veículo privilegiado para estimular o desenvolvimento humano, quer na sua vertente afectiva/emocional quer no desenvolvimento de competências sociais, físicas e cognitivas.

Pretendemos que os ateliers contribuam para:

1. Ajudar a pessoa a descobrir-se e descobrir os outros;
2. Valorizar as emoções como núcleo essencial humano;
3. Incentivar a pessoa a pensar e a sentir, desenvolvendo a capacidade de se exprimir sem bloqueios.
4. Desenvolver competências cognitivas específicas;

Existem os seguintes:

- **Atelier de Arte e Descoberta** Expressão plástica, arte terapia;
- **Atelier OlhArte** Fotografia e imagem, estimulação sensorial, leitura e escrita;
- **Atelier ComunicArte** Comunicação, computadores e estimulação cognitiva;
- **Espaço Movimento** Psicomotricidade, fisioterapia e outras;
- **Ginásio** Actividades desportivas, teatro, relaxamento, dança ...

• **Actividades Terapêuticas Externas**

A QE prevê o estabelecimento de um conjunto de parcerias com entidades externas, que permitam aos seus Alunos usufruir de actividades terapêuticas diversas, tais como hipoterapia, natação, dança, entre outras. A mensalidade que cada Aluno paga, inclui apenas uma actividade externa, pelo que no caso de o Programa de Desenvolvimento Individual incluir mais do que uma, a sua frequência será paga à parte pelos Alunos.

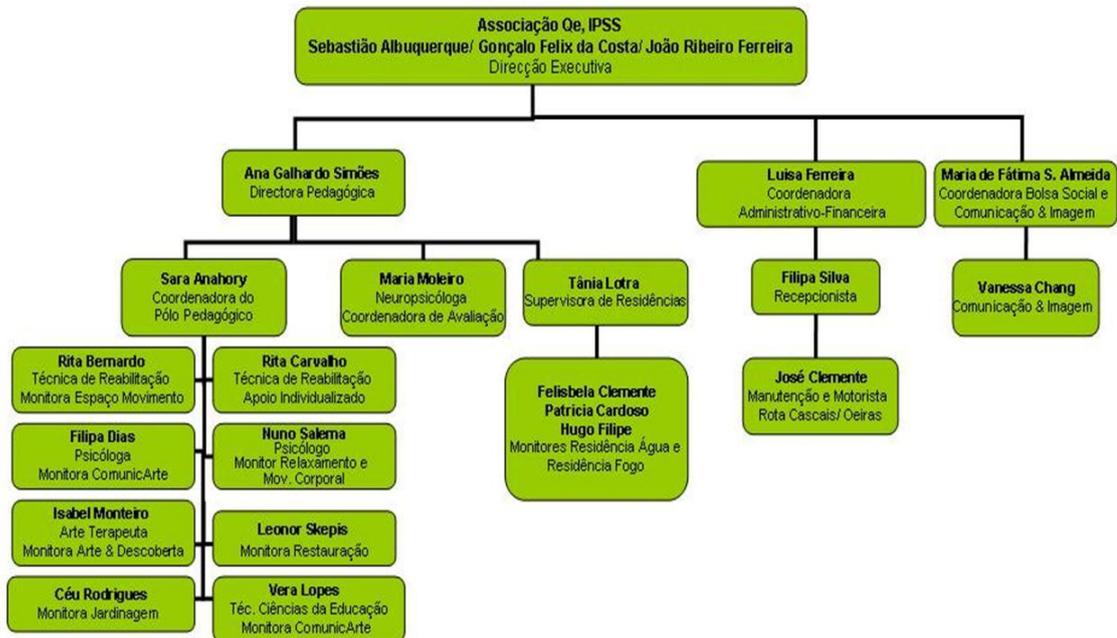
Grupos de Alunos

A cada grupo corresponde uma determinada actividade, um dia da semana e um horário.

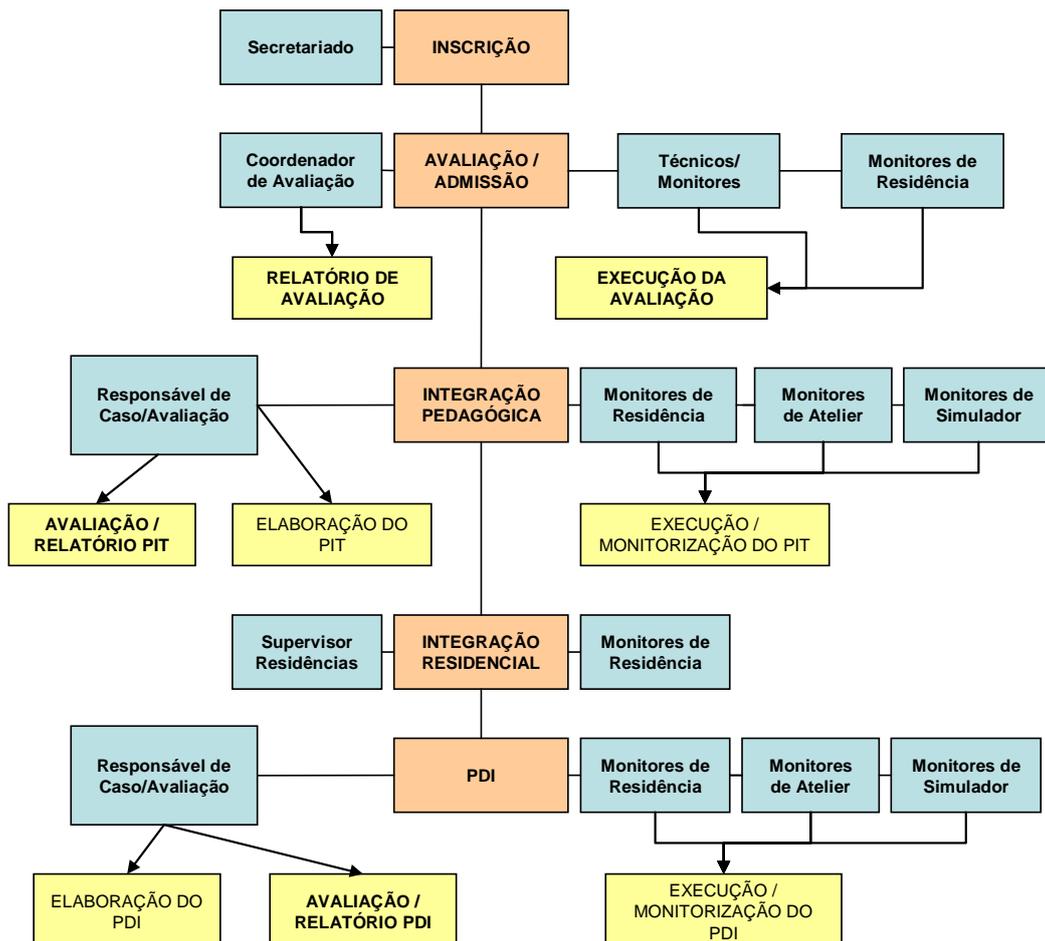
Os Alunos não pertencem sempre ao mesmo grupo, na medida em que a carga horária de cada actividade será determinada individualmente, de acordo com o perfil individual definido. Assim, em cada dia/actividade, o grupo de Alunos pode ser diferente.

Indicadores de Pessoal

Organograma Interno



Organograma Funcional



Quadro de Pessoal

O quadro de pessoal desta estrutura prestadora de serviços encontra-se afixado em local bem visível, contendo a indicação do número de recursos humanos, formação e conteúdo funcional, definido de acordo com a legislação/normativos em vigor.

Técnicos Area Pedagógica	Formação	Função	Regime Actual	Horário actual
Ana Galhardo Simões	Licen. Sociologia	Directora Técnica	Efectivo	08.30h - 17.30h
Sara Anahory	Licen. Sociologia	Coordenadora Pólo Pedagógico	Efectivo	09.00h - 18.00h
Maria Moleiro	Esp. Neuropsicologia	Monitora de Estimulação Cognitiva	Contrato	08.30h - 17.00h
Tânia Lotra	Licen. Reabilitação e inserção sócio-profissional	Acompanhamento e supervisão de Estágios e experiências de integração social / Supervisora de Residências	Efectivo	09.00h - 17.30h
Leonor Skepis	12º Ano	Monitora de Restauração	Efectivo	08.30h - 17.00h
Joaquim Imaginário	Licen. Eng. Agrária	Monitor de Animais e Jardinagem	Contrato	08.30h - 17.00h
Rita Bernardo	Licen. Educação Especial e Reabilitação	Monitora de Psicomotricidade e Act. Externas	Contrato	09.00h - 12.00h / 2 tardes
Isabel Monteiro	Arte Terapeuta	Monitora de arte-terapia	RV	10 horas / semana
Isabel Monteiro	Formação em Artes	Monitora do Arte e Descoberta	RV	12.30h - 17.30h
Rita Carvalho	Licen. Educação Especial e Reabilitação	Monitora de Apoio Individualizado	Contrato	09.00h - 17.30h
Vera Lopes	Licenc. Ciências da Educação	Monitora de Grupo de Comunicação	Contrato	09.00h - 17.30h
Filipa Dias	Licenc. Psicologia	Monitora de Estimulação Cognitiva, computadores e Leitura e escrita	Estágio P.	08.30h - 17.00h
Nuno Salema	Licenc. Psicologia	Monitor de teatro, psicodrama, relaxamento, movimento corporal e dinâmica de grupo	Estágio P.	09.00h - 17.30h
Felisbela Clemente	9º Ano	Monitor de Residência	Efectivo	Turnos
Patrícia Cardoso	12º Ano	Monitor de Residência	Contrato	Turnos
Hugo Filipe	12º Ano	Monitor de Residência	Contrato	Turnos
Apoio 1		Fim de semana - 22 horas	RV	Turnos
Apoio 2		Semana - 20 horas	RV	Turnos
Apoio3		Manhã Semana - 10 horas	RV	Turnos
Vanessa Chang	Licen. Linguística	Comercial	Efectivo	09.00h - 18.00h
Mª Fátima Simões Almeida	12º ano	Responsável Bolsa Social	Efectivo	09.00h - 18.00h
Maria Luisa Ferreira	Licen. Gestão	Coordenadora Ad& Financeira	Efectivo	09.00h - 18.00h
Ana Fortuna	11º ano	Técnica administrativa	Efectivo	09.00h - 18.00h
Filipa Silva	12º Ano	Rececionista	Efectivo	08.30h - 17.30h
José Clemente	9º Ano	Motorista	Efectivo	08.30h - 17.00h

Direcção Técnica

A Direcção Técnica desta estrutura prestadora de serviços compete a um técnico, nos termos do estipulado na portaria nº.432/2006 de 03 de Maio, cujo nome, formação e conteúdo funcional se encontra afixado em lugar visível.

Capítulo IV

Direitos e Deveres

Direitos dos Alunos

Sem prejuízo no previsto na lei de bases da prevenção e da reabilitação e integração das pessoas com deficiência (Decreto de lei nº 9/89), o Aluno da QE tem direito a:

- Usufruir de um clima de confiança e harmonia, num ambiente que proporcione as condições necessárias ao seu pleno desenvolvimento;
- Ser respeitado na sua individualidade e dignidade;
- Ser informado de forma adequada das normas internas de funcionamento;
- Participar na discussão do seu Programa de Desenvolvimento Individual, conhecer os objectivos anuais definidos e decidir quanto à sua participação nas actividades propostas (podendo eleger outras em alternativa);
- Ter conhecimento dos resultados de todos os seus processos avaliativos;
- Usufruir de condições dignas de higiene, alimentação, segurança, respeito e privacidade, nos serviços prestados.

O Aluno da QE tem o dever de:

- Ser assíduo, pontual e responsável no cumprimento dos seus horários e/ou tarefas que lhe estejam destinadas;
- Promover o convívio positivo, de modo a criar um clima de confiança e harmonia, baseado no respeito mútuo;
- Ser receptivo a críticas relativas ao desempenho de tarefas e à sua conduta, aceitando sugestões que visem melhorar os mesmos;
- Zelar pela conservação e asseio de todos os espaços, nomeadamente no que diz respeito às instalações, equipamentos, mobiliário, material didáctico e espaços verdes;
- Não aceder a espaços indicados como áreas de acesso reservado;
- Cumprir o regulamento interno.

Direitos da Entidade Gestora do Estabelecimento

- Realizar periodicamente, através de pessoal médico ou de enfermagem devidamente habilitado, exames médicos de rotina destinados a avaliar o estado de saúde do Aluno, bem como a deslocá-lo a qualquer hora do dia ou da noite para hospitais ou centros de saúde, sempre que, no entender da QE, se verifique uma situação de emergência médica;
- Proceder ao tratamento informático dos respectivos dados pessoais;
- Utilizar sistemas de vigilância em qualquer zona da QE;
- Transportar os Alunos em veículos no interior e exterior da QE;
- Guardar nos serviços centrais, o respectivo documento de identificação, bem como outra documentação relevante que lhe diga respeito.

Deveres da Entidade Gestora do Estabelecimento

- Respeitar a vontade do Aluno e promover o melhor Plano de Desenvolvimento Individual para cada um, assegurando o apoio e acompanhamento necessários;
- Promover a participação dos Encarregados de Educação e do Aluno na discussão dos planos de intervenção definidos;
- Acolher todos os Alunos e Encarregados de Educação de forma digna, prestável e humana;
- Seleccionar os Alunos que reúnam as condições para o exercício de actividades na estrutura da QE;
- Obter a prévia autorização, dada por escrito dos representantes legais dos Alunos;
- Celebrar um seguro de acidentes pessoais para todos os Alunos;
- Assegurar o transporte dos Alunos para locais onde é exercida a actividade e respectivo regresso, bem como de outras deslocações imprescindíveis relacionadas com a actividade;
- Não permitir aos Alunos o desenvolvimento de actividades que, pela sua natureza, possam prejudicar a saúde ou pôr em risco a sua integridade física.
- Cumprir na íntegra as obrigações decorrentes do contrato e do regulamento interno.

Depósito e Guarda dos bens dos Alunos

Na última reunião pedagógica que antecede a entrada do Aluno é entregue aos pais uma ficha com a listagem dos bens do Aluno, que são arrumados em cacifo próprio e devidamente identificado com o nome e fotografia do Aluno. No caso do Aluno ser residente, é preenchida uma ficha com todos os bens, incluindo roupa, trazida pelo Aluno à data da entrada. Essa ficha acompanha sempre o Aluno e embora sejam identificados, a QE não se responsabiliza por eventuais danos, perdas ou roubos de equipamentos individuais.

Interrupção da prestação de cuidados por iniciativa do Aluno

Encontra-se definido no contrato de prestação de serviços.

Contrato

Será celebrado por escrito um contrato de prestação de serviços, assinado à data da entrada do Aluno para a QE e no qual se encontram definidas todas as regras na prestação dos serviços pedagógicos e de desenvolvimento individual aos Alunos.

Cessação da prestação de serviços por facto não imputável ao prestador

Encontra-se definido no contrato de prestação de serviços.

Livro de Reclamações

Nos termos da legislação em vigor, este estabelecimento possui livro de reclamações, que poderá ser solicitado junto da área administrativo-financeira da QE, Dra. Luísa Ferreira, responsável pela gestão do livro de reclamações sempre que desejado.

Pólo Residencial

Até ao presente, as respostas residenciais para pessoas com deficiência não têm sido objecto de uma reflexão adequada, no que respeita, à importância e complexidade que assumem.

Efectivamente, os poucos projectos implementados neste domínio têm que se reger por normas genéricas, nem sempre ajustadas às necessidades específicas do tipo de população que servem, numa vivência uniformizada e impessoal.

As questões da aprendizagem para a autonomia são frequentemente substituídas por comportamentos paternalistas, que promovem a dependência e aumentam a discriminação.

“ Relativamente à autonomia da pessoa deficiente, importa referir, que dos estudos sobre a personalidade, os problemas psicológicos dos deficientes que mais têm sido

investigados apontam para a dependência inter-social. Os outros procuram ajudar, mistificando e institucionalizando a dependência, que o deficiente procura superar.”

Com base nestes pressupostos, a QE criou duas residências para pessoas com deficiência mental, a partir dos 16 anos de idade, com um limite máximo de 12 residentes por casa.

Destinatários

Em regime permanente ou temporário

Pessoas com deficiência mental a partir dos 16 anos de idade, que frequentem o centro de desenvolvimento da Qe.

Em regime ocasional

Pessoas com deficiência mental a partir dos 10 anos de idade, cuja família necessite deste apoio.

Objectivos Pólo Residencial

- Promover o maior nível de autonomia possível em cada momento, prestando apenas o nível de apoio que cada pessoa necessita;
- Fomentar a vida em comum na responsabilidade, no respeito e na entreatajuda;
- Estimular o desenvolvimento pessoal, através de meios que acentuem e desenvolvam essas capacidades;
- Incentivar acontecimentos e experiências, capazes de criar e reforçar a rede social.

Direitos e Deveres

Sem prejuízo no previsto na lei de bases da prevenção, reabilitação e integração da pessoa com deficiência, o Aluno da QE tem direito a:

- Usufruir de um clima de confiança e harmonia, num ambiente que proporcione as condições necessárias ao seu pleno desenvolvimento;
- Ser respeitado na sua individualidade, dignidade e privacidade;
- Decidir quanto à decoração e arranjo do seu quarto, podendo optar pelo mobiliário da Qe ou pelo seu próprio mobiliário;
- Ser informado de forma adequada das normas internas de funcionamento;

- Comunicar com o exterior e ser visitado por familiares e amigos, com total liberdade nos horários de entrada e saída e na frequência das visitas, desde que não interfira com o normal funcionamento da residência;

- Decidir receber ou recusar (o próprio ou o encarregado de educação) as intervenções terapêuticas e médicas propostas, salvo quando for caso de internamento ou situações de urgência em que a não intervenção criaria riscos comprovados para o próprio ou para terceiros;

- Usufruir de condições dignas de habitabilidade, higiene, alimentação, segurança, respeito e privacidade, nos serviços prestado na residência.

O Aluno da QE tem o dever de:

- Ser assíduo, pontual e responsável no cumprimento dos seus horários e/ou tarefas que lhe estejam destinadas;

- Promover o convívio são, de modo a criar um clima de confiança e harmonia, baseado no respeito mútuo;

- Respeitar a privacidade e os bens de todos os Alunos da residência;

- Ser receptivo a críticas relativas ao desenvolvimento de tarefas e à sua conduta, aceitando sugestões que visem melhorar os mesmos;

- Zelar pela conservação e asseio de todos os espaços, nomeadamente no que diz respeito às instalações, equipamentos, mobiliário, material didáctico e espaços verdes;

- Cumprir o regulamento interno.

Critérios de Selecção

Os critérios de selecção existem para que o grupo de pessoas que vive em cada casa seja homogéneo, quer ao nível das necessidades de apoio, quer ao nível da idade e interesses próprios.

O conjunto, deve ser motor do **desenvolvimento** e **ambiente familiar** pretendido.

- Temporalidade de intervenção. As várias residências devem tanto quanto possível receber pessoas dentro do mesmo regime de intervenção (permanente, temporário ou ocasional), prevendo-se a possibilidade de existir uma residência apenas para regimes temporários;

- Capacidade de realização e dificuldades actuais;

- Potencial de aprendizagem. Relacionado com a elaboração do perfil individual e com o currículo/programa em que as pessoas estão inseridas;

- **Motivação.** É indispensável que os residentes tenham e/ou adquiram motivação para serem parte activa do seu próprio desenvolvimento. – **“Não basta só ter oportunidade, é necessário poder escolher, desejar, ser capaz de decidir”**;

- Idade;
- Comportamento individual/sociabilidade. Os residentes devem ter comportamentos sociais adequados e não agressivos;
- Nível de autonomia. Estas residências não estão adequadas a pessoas em situação de grande dependência, nomeadamente acamados.

Condições Gerais de Funcionamento

Para a prossecução dos objectivos expostos, o Pólo Residencial deve proporcionar:

- Condições de normalização de vida, bem-estar e integração social, assegurando um apoio no dia a dia, de modo a possibilitar o exercício da autonomia;
- Participação nas actividades de vida diária, de acordo com as respectivas capacidades;
- Ambiente que permita uma vivência que se aproxime do modelo familiar, proporcionando condições para que todos tenham uma perspectiva de vida com dignidade e qualidade;
- Alimentação adequada às necessidades, elaborada com a participação dos Alunos e dando cumprimento a todas as prescrições médicas;
- Serviços domésticos necessários ao bem-estar da pessoa, realizados com a participação dos Alunos;
- Participação dos familiares.

Funcionamento

As residências funcionam 24 horas por dia 7 dias por semana. Encerram nos dias 24, 25 e 26 de Dezembro.

Têm capacidade para 12 residentes cada, em quartos duplos e individuais (4 duplos e 4 individuais).

São celebrados contratos com todos os Alunos em qualquer uma das modalidades de intervenção.

Todas as residências possuem um registo de admissões e **processos individuais**⁵ de todos os Alunos.

Têm dois tipos de funcionamentos distintos, quer na programação das actividades, quer no nível de monitorização presente, de acordo com o currículo/programa em que o grupo residente está inserido.

Calendário

O Pólo Residencial funciona todos os dias de Segunda a Sexta-feira, Sábados, Domingos e feriados para Alunos residentes e colónias de férias.

O Pólo Pedagógico e o Pólo Residencial estão encerrados nos dias 24, 25 e 26 de Dezembro.

Acessos de Alunos

O acesso de Alunos ao edifício principal será feito através de cartões, que registam a hora de entrada e de saída.

Os residentes permanentes terão direito a dois cartões. Um de utilização diária pelos próprios Alunos, outro de utilização pelo encarregado de educação. Cada cartão está identificado com um número e é pessoal e intransmissível.

Horário de utilização do cartão pelos Encarregados de Educação:

Segunda-feira a sexta-feira – Das 17.00h – 21.00h

Sábados e Domingos – Das 09.00h – 21.00h

Actividades

Cada Residente Deve

- Compreender o projecto, os objectivos e a forma de estar na casa.
- Conhecer o dia-a-dia, decidindo em conjunto com a equipa, a organização e execução das suas tarefas pessoais.

⁵ O Processo Individual é de acesso restrito e consta de todos os documentos de inscrição, avaliação inicial, PIT, PII, PDI e todas as avaliações trimestrais e anuais.

- Ter responsabilidades atribuídas.
- Ter poder de decisão na escolha e desenvolvimento de actividades e tarefas comuns da casa.
- Treinar as tarefas do dia-a-dia.
- Aprender a viver em comum com as outras pessoas, com responsabilidade e entreadajuda.

07h – 09h

Actividades	Carácter	Necessidade de apoio	
Despertar	Pessoal	Não tem	<i>Acorda sozinho com despertador</i>
Higiene Pessoal	Pessoal	Apoio	<i>Precisa de apoio para lavar os dentes</i>
Vestir	Pessoal	Supervisão	<i>Verificar se completou a tarefa correctamente</i>
Arrumação de zonas individuais	Pessoal	Apoio	<i>Precisa de apoio para fazer a cama</i>
Colocar a mesa	Comum		
Fazer o pequeno-almoço	Comum		
Levantar a mesa	Comum		
Lavar e arrumar a loiça	Comum		
Deslocação para o centro	Pessoal	Apoio	<i>Necessita de um monitor para o acompanhar até ao “centro”</i>

17h – 22h

Actividades	Carácter	Necessidade de apoio
-------------	----------	----------------------

Regresso a casa	Pessoal	Supervisão	<i>Verificar se completa o caminho sem se enganar</i>
Momento de reflexão do dia ou Espaço sócio-educativo	Comum		
Limpeza de zonas individuais	Pessoal		
Limpeza de zonas comuns	Comum		
Tarefas de cozinha	Comum		
Tratamento de roupa	Pessoal		
Preparação do jantar e da mesa	Comum		
Compras da casa	Uma vez por semana		
Preparação da ementa	Uma vez por semana		
Planeamento das actividades da casa	Uma vez por semana		
Planeamento das actividades de lazer (dentro e fora da casa)	Uma vez por semana		

Carácter Pessoal – obrigações

Carácter Comum – responsabilidades

Todos os residentes têm as suas obrigações, responsabilidades e exigências de apoio.

Momento de reflexão do dia

É o momento em que todos os residentes, reflectem e partilham os acontecimentos do dia, o que aconteceu de bom e de mau, estabelecem metas e auto-avaliam os seus procedimentos.

Pode e deve ser apoiado por jogos pedagógicos que facilitem a comunicação e interacção com o grupo. É possível que em cada dia, seja um dos residentes o responsável pela dinamização deste encontro, nomeadamente no estabelecimento de um **tema** a abordar.

Objectivos

- Aprender a partilhar
- Aprender a comunicar
- Aprender a tomar decisões
- Estabelecer metas e procedimentos
- Avaliar metas e procedimentos

Espaço Sócio-educativo

É um espaço que funciona uma vez por semana e tem como objectivo o debate de temas genéricos, importantes para a compreensão do mundo que os rodeia e desenvolvimento dos Alunos.

Exemplo:

Os amigos

A família

A nossa Quinta

O futuro

A felicidade

A auto-representação

O amor

A sexualidade

A contracepção

A liberdade

A democracia

A liberdade

O ambiente

Outros

ANEXO 1

Horários de Actividades 2009/2010



VOLTAR					
HORÁRIO DE ACTIVIDADES - 2009/2010					
HORAS	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
09.00 - 10.00	Psicomotricidade	Arte Terapia	Estimulação Cognitiva	Movimento Corporal	Inglês
	Apoio Individualizado	Estimulação Cognitiva	Equitação	Estimulação Cognitiva	Cidadania
	Estimulação Cognitiva	Natação	Tratar dos Animais	Psicomotricidade	Estimulação Cognitiva
	Restauração	Restauração	Restauração	Tratar dos Animais	Ginástica Adaptada
	Serviço Administrativo	Tratar dos Animais	Arte Terapia	Restauração	Restauração
	Tratar dos Animais	Leitura e escrita	Cidadania	Apoio Individualizado	Serviço Administrativo
	Relaxamento	FPT Jardinagem	Apoio Individualizado	FPT Jardinagem	Tratar dos Animais
	FPT Jardinagem	FPT Animais	Experiência ISP	FPT Restauração	Experiência ISP
	Experiência ISP	FPT Restauração		Experiência ISP	
	Autonomia na Comunidade	Experiência ISP		Leitura e Escrita	
	Apoio Individualizado				
10.00 - 11.00	Movimento Corporal	Arte Terapia	Estimulação Cognitiva	Teatro	Cidadania
	Estimulação Cognitiva	Estimulação Cognitiva	Equitação	Estimulação Cognitiva	Estimulação Sensorial
	Serviço Administrativo	Natação	Tratar dos Animais	Apoio Individualizado	Psicomotricidade
	Apoio Individualizado	Restauração	Restauração	Psicomotricidade	Restauração
	Psicomotricidade	Tratar dos Animais	Arte Terapia	Tratar dos Animais	Serviço Administrativo
	Tratar dos Animais	Leitura e Escrita	Cidadania	Restauração	Estimulação Cognitiva
	Restauração	Apoio Individualizado	Apoio Individualizado	FPT Jardinagem	Tratar dos Animais
	FPT Jardinagem	FPT Jardinagem	Experiência ISP	FPT Restauração	Experiência ISP
	Experiência ISP	FPT Animais		Experiência ISP	
	Autonomia na Comunidade	FPT Restauração		Leitura e Escrita	
	Experiência ISP				
11.00 - 12.00	Relaxamento	Arte Terapia	Equitação	Relaxamento	Desporto Colectivo
	Estimulação Cognitiva	Estimulação Cognitiva	Estimulação Cognitiva	Estimulação Cognitiva	Estimulação Cognitiva
	Interação Animal	Interação Animal	Interação Animal	Interação Animal	Interação Animal
	Ginástica Adaptada	Natação	Restauração	Psicomotricidade	Restauração
	Restauração	Restauração	Apoio Individualizado	Restauração	Apoio Individualizado
	FPT Jardinagem	FPT Jardinagem	Arte Terapia	Experiência ISP	Experiência ISP
	Experiência ISP	FPT Restauração	Experiência ISP	FPT Jardinagem	Serviço Administrativo
		FPT Animais		FPT Restauração	
		Experiência ISP		Apoio Individualizado	
12.00 - 13.00	Almoço				
13.00 - 14.00	Arte e Descoberta	Bolos e Sobremesas	Arte e Descoberta	Computadores	Arte e Descoberta
	Bolos e Sobremesas	Jardinagem	Bolos e Sobremesas	Dia da Casa	Dia da Casa
	Movimento Corporal	Leitura e escrita	Computadores	Jardinagem	Computadores
	Computadores	Projecto Individual	Jardinagem	Projecto Individual	Jardinagem
	Restauração	Restauração	Restauração	Restauração	Restauração
	Dia da Casa	Manutenção e Limpeza	Apoio Individualizado	Apoio Individualizado	Trampolins
	Apoio Individualizado	Apoio Individualizado	Experiência ISP	FPT Jardinagem	Experiência ISP
	FPT Jardinagem	FPT Jardinagem	Manutenção e Limpeza	FPT Restauração	Grupo de Orientação
	Experiência ISP	FPT Animais	Autonomia na Comunidade	Manutenção e Limpeza	
		FPT Restauração		Experiência ISP	
14.00 - 15.00	Arte e Descoberta	Manutenção e Limpeza	Arte e Descoberta	Computadores	Arte e Descoberta
	Bolos e Sobremesas	Apoio Individualizado	Bolos e Sobremesas	Dia da Casa	Dia da Casa
	Teatro	FPT Jardinagem	Computadores	Jardinagem	Computadores
	Computadores	FPT Animais	Jardinagem	Projecto Individual	Jardinagem
	Restauração	FPT Restauração	Restauração	Restauração	Restauração
	Dia da Casa	Experiência ISP	Apoio Individualizado	FPT Jardinagem	Trampolins
	Apoio Individualizado	Bolos e Sobremesas	Experiência ISP	FPT Restauração	Experiência ISP
	FPT Jardinagem	Jardinagem	Manutenção e Limpeza	Apoio Individualizado	
	Experiência ISP	Leitura e escrita	Autonomia na Comunidade	Manutenção e Limpeza	
	Música	Projecto Individual		Dança	
	Restauração				
15.00 - 16.00	Relaxamento	Manutenção e Limpeza	Grupo de Comunicação	Projecto Individual	Leitura e Escrita
	Grupo de Comunicação	Apoio Individualizado	Projecto Individual	Dança	Jardinagem
	Estufa	FPT Jardinagem	Estufa	Grupo de Comunicação	Restauração
	Restauração	FPT Animais	Espaço Aberto	Jardinagem	Manutenção e Limpeza
	Espaço Aberto	FPT Restauração	Experiência ISP	FPT Jardinagem	Espaço Aberto
	FPT Jardinagem	Experiência ISP		FPT Restauração	Grupo de Comunicação
	Experiência ISP	Arte e Descoberta		Espaço Aberto	Experiência ISP
		Desporto Colectivo			
		Computadores			
		Manutenção e Limpeza			
16.00 - 17.00	Lanche				

ANEXO 2

Simuladores Profissionais



Conceito de Simuladores Profissionais

1. Restauração

Conceito

O simulador de Restauração é:

- Uma cozinha para confecção dos almoços e jantares para todos os Alunos e técnicos do Pólo Pedagógico;
- Um espaço de aprendizagem de profissões relacionadas com a restauração;
- Um atelier de confecção de bolos e sobremesas.

<i>Actividades Cozinha / Bar</i>	<i>UNISELF</i>	<i>MONITOR QE</i>
Preparação Pequeno Almoço	08.00 – 08.30	
Serviço Pequeno Almoço	08.30 – 09.30	08.30 – 09.30
Preparação Almoço	08.00 – 12.00	
Almoço Monitor		12.30 – 13.00
Serviço de Almoço	12.00 – 13.00	
Supervisão de Alunos		12.00 – 13.00
Serviço de bar		12.00 – 13.00
Preparação Lanche	14.00 – 15.00	
Serviço de Lanche / Bar	16.00 – 16.30	16.00 – 16.30
Preparação Jantar Residências		09.30 – 12.00
Atelier de Bolos e Sobremesas		13.30 – 15.00

Objectivos

- Confeccionar pequenos-almoços, almoços, lanches e jantares para o Pólo Pedagógico
- Confeccionar os jantares das residências;
- Dar formação prática aos Alunos para que fiquem preparados para desempenhar profissões ligadas à Restauração, no âmbito do Curso *Indústria e Comércio Alimentar*,

- Desenvolver as competências do domínio de autonomia pessoal – Competência actividades de vida diária, parâmetro de **Refeições, Tarefas Gerais e Compras**.

Esta actividade é desenvolvida por **um monitor** da QE que é responsável pelo acompanhamento de todos os Alunos e desenvolvimento das actividades em regime de simulador e em regime de atelier. Foi contratada em simultâneo uma empresa de catering, a **UNISELF**, em regime de outsourcing para a confecção de todas as refeições.

Papel da QE

- Contratar a empresa parceira em regime de outsourcing, desde que a confecção dos alimentos seja feita na QE;
- Incluir o logótipo da empresa parceira em todos os elementos de comunicação e imagem da QE;
- Promover a imagem da empresa parceira em todas as acções de promoção da QE;
- Estruturar o Curso de *Indústria e Comércio Alimentar*, definindo o Plano de Curso (objectivos, perfil de funções, conteúdos programáticos, módulos práticos e teóricos, etc.) e elaborando todos os documentos e suportes pedagógicos nomeadamente, manuais e documentos de avaliação;
- Assegurar a formação e avaliação de restauração com os profissionais destacados pela empresa parceira.

Papel da empresa parceira

- Participar em conjunto com a QE na estruturação do Plano de Curso, no que se refere à componente de Indústria Alimentar (restauração);
- Acompanhar os alunos em formação em posto de trabalho ou em fase de estágio;
- Avaliação periódica de cariz prático, das competências profissionais dos formandos da área em questão;
- Integração preferencial, de mão-de-obra da QE que tenha terminado a sua formação nesta área ou que esteja em fase de estágio;
- Promoção de acções de sensibilização mensais sobre a área em questão;
- Prestação de serviços de catering devidamente remunerados;

2. Jardinagem / Compostagem

Conceito

O simulador de jardinagem é:

- Um espaço de aprendizagem de profissões relacionadas com a jardinagem;
- Dinamizado pela empresa parceira nesta área, **Jardins do Paço**, que é responsável pela criação e manutenção dos jardins da QE e pelo monitor de jardinagem da QE;
- Responsável pela compostagem;

Objectivos

- Criar e manter os jardins da QE;
- Dar formação prática aos Alunos para que fiquem preparados para desempenhar profissões ligadas à jardinagem, no âmbito do Curso *Manutenção de Jardins, Produção Agrícola e Animal*;

Papel da QE

- Contratar a empresa parceira para a construção e manutenção dos jardins da QE;
- Incluir o logótipo da empresa parceira em todos os elementos de comunicação e imagem da QE;
- Promover a imagem da empresa parceira em todas as acções de promoção da QE;
- Cedência de mão-de-obra para trabalhos de jardinagem da empresa parceira, em regime de formação prática (acompanhados pelo monitor de jardinagem da QE);
- Cedência do espaço do QE para a actividade de engorda de plantas da empresa parceira a custo zero;
- Estruturar o Curso de *Manutenção de Jardins, Produção Agrícola e Animal*, definindo o Plano de Curso (objectivos, perfil de funções, conteúdos programáticos, módulos práticos e teóricos, etc.) e elaborando todos os documentos e suportes pedagógicos nomeadamente, manuais e documentos de avaliação.
- Assegurar a formação e avaliação da Jardinagem com os profissionais destacados pela empresa parceira.

Papel da empresa parceira

- Construção e manutenção dos jardins da QE;
- Supervisão da manutenção dos jardins, efectuada pela equipa de jardinagem da QE;
- Participar em conjunto com a QE na estruturação do Plano de Curso, no que se refere à componente de Manutenção de Jardins;
 - Acompanhar os alunos em formação em posto de trabalho ou em fase de estágio;
 - Avaliação periódica de cariz prático, das competências profissionais dos formandos da área em questão;
 - Integração preferencial, de mão-de-obra da QE que tenha terminado a sua formação nesta área ou que esteja em fase de estágio;
 - Promover acções de sensibilização mensais sobre a área em questão;
 - Utilização do espaço da QE para a actividade de engorda de plantas da empresa parceira a custo zero.

3. Quinto Mercado

Conceito

O Quinto Mercado é:

- Um economato, com espaço para armazenamento de mercadorias necessárias ao funcionamento da QE;
- Um minimercado para utilização dos residentes da QE, no qual são “adquiridas” as mercadorias necessárias ao funcionamento das casas e do Pólo Pedagógico;
- Um espaço de aprendizagem de profissões relacionadas com superfícies de comércio alimentar, nomeadamente a função de repositor, que é parte integrante do Curso *Indústria e Comércio Alimentar*;
- O parceiro profissional da QE no desenvolvimento deste simulador de actividade é o Grupo Auchan, Jumbo de Cascais.

Objectivos

- Aquisição, recepção, armazenamento e distribuição de mercadorias necessárias ao funcionamento do Pólo Pedagógico e das residências;

- Dar formação aos Alunos para que fiquem preparados para desempenhar profissões ligadas a supermercados, no âmbito de Curso *Indústria e Comércio Alimentar*;

- Desenvolver competências do domínio de autonomia pessoal – Competência actividades de vida diária, parâmetro de compras e no domínio do desenvolvimento cognitivo – Competência cálculo, parâmetro de números e operações.

Papel da QE

- Compra em exclusivo de todas as mercadorias à empresa parceira a preço de custo ou margem reduzida;
- Incluir o logótipo da empresa parceira em todos os elementos de comunicação e imagem da QE;
- Promover a imagem da empresa parceira em todas as acções de promoção da QE;
- Cedência de mão-de-obra para trabalhos de supermercado em estruturas da empresa parceira, em regime de formação prática (acompanhados pelo monitor da QE).
- Estruturar o Curso de *Indústria e Comércio Alimentar*, definindo o Plano de Curso (objectivos, perfil de funções, conteúdos programáticos, módulos práticos e teóricos, etc.) e elaborando todos os documentos e suportes pedagógicos nomeadamente, manuais e documentos de avaliação.
- Assegurar a formação e avaliação da actividade de reposição com os profissionais destacados pela empresa parceira.

Papel da empresa parceira

- Apoio no desenho do layout do espaço;
- Apoio na supervisão do espaço e da gestão, efectuada pela equipa da QE;
- Participar em conjunto com a QE na estruturação do Plano de Curso, no que se refere à componente de Comércio Alimentar (reposição);
- Acompanhar os alunos em formação em posto de trabalho ou em fase de estágio;
- Avaliação periódica de cariz prático, das competências profissionais dos formandos da área em questão;
- Integração preferencial, de mão-de-obra da QE que tenha terminado a sua formação nesta área;
- Promover acções de sensibilização mensais sobre a área em questão;
- Fornecimento de matérias-primas a preço de custo ou margem reduzida.

4. Tratador de Animais

Conceito

O simulador de Canicultura é:

- Um canil de cães;
- Um espaço para terapia animal.

Objectivos

- Promover o relacionamento dos Alunos com os animais;
- Desenvolver competências do comportamento social, nomeadamente ao nível da responsabilidade;
- Dar formação aos Alunos para que fiquem preparados para desempenhar profissões como tratador de cães;
- O parceiro profissional da QE no desenvolvimento deste simulador de actividade é um criador de cães.

Papel da QE

- Incluir o logótipo da empresa parceira em todos os elementos de comunicação e imagem da QE ;
- Promover a imagem da empresa parceira em todas as acções de promoção da QE;
- Estruturar o Curso de *Manutenção de Jardins, Produção Agrícola e Animal*, definindo o Plano de Curso (objectivos, perfil de funções, conteúdos programáticos, módulos práticos e teóricos, etc.) e elaborando todos os documentos e suportes pedagógicos nomeadamente, manuais e documentos de avaliação.
- Assegurar a formação e avaliação da actividade de tratador de cães com os profissionais destacados pela empresa parceira.

Papel da empresa parceira

- Fornecimento de todo o equipamento e matérias-primas necessárias;
- Acompanhar os alunos em formação em posto de trabalho ou em fase de estágio;
- Integração preferencial, de mão-de-obra da QE que tenha terminado a sua formação nesta área;
- Promover acções de sensibilização mensais sobre a área em questão.

5. Manutenção e Limpeza

Conceito

O simulador de manutenção e limpeza será:

- O responsável pela manutenção e limpeza das instalações do Pólo Pedagógico, dos ateliers e do Pólo Residencial;
- Um espaço de aprendizagem de profissões relacionadas com a manutenção e limpeza de espaços.

Objectivos

- Manter a limpeza dos espaços do Pólo Pedagógico durante o dia;
- Dar formação prática aos Alunos para que fiquem preparados para desempenhar profissões ligadas à Manutenção e Limpeza;
- Desenvolver as competências do domínio de autonomia pessoal – Competência actividades de vida diária, parâmetro de **Limpezas**.

Está em processo de elaboração o funcionamento desta actividade enquanto simulador profissional, no entanto já existe a actividade manutenção e limpeza em regime de atelier.

Papel da QE

- Contratar a empresa parceira em regime de outsourcing, de preferência mantendo sempre os mesmos funcionários destacados para a QE;
- Incluir o logótipo da empresa parceira em todos os elementos de comunicação e imagem da QE;
- Promover a imagem da empresa parceira em todas as acções de promoção da QE;
- Assegurar a formação de manutenção e limpeza no Pólo Pedagógico com os profissionais destacados pela empresa de outsourcing;
- Cedência de mão-de-obra para trabalhos de limpeza da empresa parceira, em regime de formação prática (acompanhados pelo monitor do simulador ou de actividades externas).

Papel da empresa parceira

- Integração preferencial, de mão-de-obra da QE que tenha terminado a sua formação nesta área;

- Prestação de serviços de housekeeping devidamente remunerados;
- Acompanhamento dos Alunos da QE em formação;

6. Lavandaria (Simulador profissional inactivo)

Conceito

O simulador de lavandaria será:

- Responsável por toda a roupa do Pólo Pedagógico e roupa branca do Pólo Residencial;
- Um espaço de aprendizagem de profissões de lavandaria.

Objectivos

- Lavar e engomar toda a roupa do Pólo Pedagógico;
- Dar formação aos Alunos para que fiquem preparados para desempenhar profissões da área de lavandaria;
- Desenvolver competências do domínio de autonomia pessoal – Competência actividades de vida diária, parâmetro de tarefas gerais.

Papel da QE

- Incluir o logótipo da empresa parceira em todos os elementos de comunicação e imagem da QE;
- Promover a imagem da empresa parceira em todas as acções de promoção da QE;
- Inserir na própria lavandaria um elemento de publicidade da empresa parceira.

Papel da empresa parceira

- Integração preferencial, de mão-de-obra da QE que tenha terminado a sua formação nesta área;
- Promover acções de sensibilização mensais sobre a área em questão.

7. Serviço de mesa e bar (Simulador profissional inactivo)

Conceito

O simulador de serviço de mesa e bar será:

- Responsável pela dinamização do café, fora das horas de refeições, durante a semana e ao fim de semana;

- O responsável pelo serviço de bar;

- O responsável pelo serviço de mesa;

- Um espaço de aprendizagem de profissões de serviço de mesa e bar.

Objectivos

- Dinamizar o espaço de café com encontros, festas, etc, em especial vocacionadas para pessoas com deficiência;

- Criar um espaço privilegiado de convívio de pessoas com deficiência;

- Dar formação aos Alunos para que fiquem preparados para desempenhar profissões da área de serviço de mesa e bar;

- Desenvolver competências do domínio de autonomia pessoal – Competência AVD.

Papel da QE

- Compra de todas as matérias-primas à empresa parceira;
- Incluir o logótipo da empresa parceira em todos os elementos de comunicação e imagem da QE;
- Promover a imagem da empresa parceira em todas as acções de promoção da QE;
- Inserir no próprio café um elemento de publicidade da empresa parceira.

Papel da empresa parceira

- Apoio no equipamento do espaço;
- Apoio na supervisão do espaço e da gestão, efectuada pela equipa da QE;
- Integração preferencial, de mão-de-obra da QE que tenha terminado a sua formação nesta área;
- Promover acções de sensibilização mensais sobre a área em questão.

Anexo VI
Grelhas de Observação
Não Participante

Ateliê: Leitura e Escrita

Total de Alunos: 4

Data: 09.11.10

Horas: 10.00 / 10.50

Alunos Presentes: 4 (A19, A30, A32, A40)

Assunto da Sessão: Ditado de um excerto do Livro: “O Segredo do Rio” de Miguel Sousa Tavares

Aspectos Identificados	Aspectos Específicos	Observação
A Dinâmica da Sessão	Diferentes momentos existentes durante o ateliê.	<ul style="list-style-type: none"> • A primeira situação que se observou na sessão foi o facto de a Técnica pedir aos alunos para tirarem os casacos e se começarem a preparar para começar a trabalhar, explicando que nessa sessão iriam fazer um ditado. • A técnica antes de os alunos começarem a trabalhar perguntou como estava a correr a semana e como é que se estavam a sentir, para perceber se existia alguma situação que incomodasse os alunos, como forma de prever comportamentos menos positivos por parte dos alunos. Os alunos explicaram que estava tudo bem e que a semana corria bem, que os seus trabalhos estavam a ser desenvolvidos positivamente. • A técnica ao ver que o grupo de trabalho se encontrava bem-disposto, explicou-lhes novamente como se iria desenrolar a actividade, mas desta vez pormenorizadamente, dizendo que iam fazer um ditado de um excerto de um livro que já tinha sido lido, sendo este, “O Segredo do Rio” de Miguel Sousa Tavares, depois de fazerem o ditado os alunos iriam trocar os trabalhos entre si e eram estes que iriam corrigir os ditados uns dos outros, quando acabassem de corrigir os ditados então iriam verificar em grupo as palavras que tinham errado e iriam corrigi-las em conjunto, como forma de desenvolver o grupo nas aprendizagens individuais. • O aluno A30 não se demonstrou muito à vontade na actividade, mas mesmo assim fez a tarefa proposta. • Assim, a Técnica começou a ditar o excerto do texto e os alunos começaram a escrever, ao longo do processo de ditado os alunos

		<p>demonstraram muitas dificuldades em acompanhar o que ouviam com a forma que escreviam, pedindo constantemente ajuda à Técnica, embora esta quase não os ajudava, pois esta tarefa tinha como objectivo a observação da evolução dos alunos nas competências da escrita.</p> <ul style="list-style-type: none">• Quando a Técnica terminou de ditar, os alunos trocaram os trabalhos entre si para começarem a corrigir os ditados, ao longo da correcção a Técnica foi ajudando os alunos, até porque alguns deles não percebiam o que estava escrito e tinham medo de marcar errado, sem estar, ou seja, observava-se um cuidado por parte dos alunos para não prejudicarem os seus colegas.• Ao terminarem de corrigir, os alunos verificaram que tinham dado bastantes erros embora a Técnica tenha ficado muito contente com os resultados alcançados.• Depois dos alunos observarem quais os erros que tinham efectuado, a Técnica começou a escrever no quadro as palavras erradas, mas de uma forma diferente, escrevia como o aluno tinha escrito e o grupo em conjunto dizia como se devia escrever a palavra, com o objectivo dos alunos aprenderem com os erros que os outros tinham dado, enquanto a Técnica escrevia no quadro os alunos passavam para o seu caderno.• Esta tarefa demorou toda a sessão de trabalho, quando terminaram a tarefa os alunos estavam satisfeitos com os resultados, pois verificou-se que existia um ambiente de conforto e os alunos sabiam que estavam na sessão para aprender e, por isso, agiam naturalmente sem medo de errar.• No fim da sessão os alunos ajudaram a técnica a arrumar a sala e a deixar tudo limpo para a sessão de actividades que se seguisse.• Quando estava tudo arrumado a Técnica agradeceu o esforço e empenho de todos os alunos e desejou-lhes um bom dia de
--	--	---

		trabalho terminando assim a sessão de Leitura e Escrita desse dia.
Competências Observadas na Técnica	Comunicação Oral; Afectos; Estratégias de Transmissão de Conhecimentos.	<ul style="list-style-type: none"> • Incentivadora: incentivando os alunos a trabalharem e a mostrarem o que sabiam • Líder: comandava a sessão levando os alunos a fazer o que era pretendido • Comunicadora • Dinâmico: Propicia a interacção entre as diferentes partes da sessão • Auxiliar dos alunos: esteve sempre pronta a ajudar os alunos e a fazê-los sentir confortáveis e à vontade.
Intervenção da Técnica com o Grupo	Apoio aos Alunos; Brincadeiras; Chamadas de Atenção	<ul style="list-style-type: none"> • Apoiou os participantes a resolverem as suas dificuldades a quando da correcção do ditado. • Durante toda a actividade apoiou o trabalho das alunas. • Auxílio a todo o momento dos alunos com mais dificuldades e com menos motivação para a realização da tarefa. • Questionar aos alunos como estava a correr o dia deixou que os alunos se sentissem à vontade e proporcionou que os alunos não se sentissem mais descontraídos. • A Técnica ao longo de toda a actividade incentivou os participantes a apoiarem-se uns aos outros e a funcionar como um grupo. • O facto da Técnica de a Técnica se mostrar acessível mostrou aos alunos que podiam sempre contar com esta na resolução dos seus problemas.

<p>Pedidos de Auxilio dos Alunos</p>	<p>Relação de Entre-Ajuda</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos ao longo de toda a sessão foram pedindo para que a Técnica os ajudasse, sempre que esta sentia que era uma necessidade verdadeira ajudava, quando percebia que o aluno não queria ter trabalho e estava só a perguntar para não ter de pensar a Técnica não ajudava, para que o aluno se esforçasse. • Os alunos ao longo da correcção do ditado foram chamando a Técnica para perceberem o que os seus colegas tinham escrito. • A Técnica fomentou o espírito de entre-ajuda, para que os alunos soubessem que eram um grupo de trabalho e que têm de contar uns com outros para se auxiliarem.
<p>Intervenção dos Alunos</p>	<p>Modos de Participação dos Alunos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A A19 era uma aluna muito calma que estava quase sempre calada, mas que gostava ao mesmo tempo de estar no centro das atenções não gostando de errar, reagindo muito mal às críticas construtivas da Técnica • O A32 é um aluno muito calado e pouco participativo, se a Técnica não o chamar a participar este passava a actividade todo o tempo em silêncio. • O A30, tenta chamar à atenção estando sempre a participar mesmo que seja mal, para este aluno quer ser membro do grupo e deste modo, tenta participar a qualquer custo. • O A40 é um aluno muito silencioso, mas que tem muita vontade em aprender e, por isso, mostra-se sempre muito interessado. • Os alunos trabalharam durante toda a sessão com empenho, conversando uns com os outros sobre o que se encontravam a fazer e sobre diversas situações (por exemplo: o que se tinha passado no intervalo).

As Metodologia Utilizadas para a Transmissão do Conhecimento		<ul style="list-style-type: none"> • Explicação, no início da sessão, do modo como se iria desenvolver o trabalho naquela sessão. • Os alunos sabiam como utilizar os materiais e, desta forma, o modo de ensinar era mais voltado para a técnica da escrita. • Desenvolvimentos, através das actividades, do pensamento crítico e criativo.
Reacções do Público-Alvo	Positivas ou Negativas consoante as Situações Sucidadas	<ul style="list-style-type: none"> • As participantes encontravam-se contentes com o trabalho que desenvolviam, excepto o A30 numa primeira fase, posteriormente mostrou empenho. • Reacções positivas dos participantes ao trabalho desenvolvido pelos colegas. • A participante A30 era muito crítica e queixinhas daquilo que as suas colegas faziam. • O aluno A32 só no final da aula é que falou, pois até então, tinha realizado toda a actividade calada.
Dificuldades da Técnica		<ul style="list-style-type: none"> • Inicialmente a Técnica não conseguiu motivar o A30 para o desenvolvimento da tarefa pretendida. • Dificuldade em colocar o aluno A32 a participar na sessão.
Dificuldades dos Alunos		<ul style="list-style-type: none"> • O A30 tem dificuldade na visão, tendo-se esquecido dos óculos em casa, levou a que tivesse algumas dificuldades em realizar a tarefa.
Actividades Desenvolvidas		<ul style="list-style-type: none"> • Escrita de um ditado.
Ambiente do Ateliê	Positivo; Alegre; Triste; Desanimador.	<ul style="list-style-type: none"> • A animadora propiciava o diálogo entre os alunos para que estes se conhecessem melhor. • Relação de carinho. • Modos de falar gentis.
		<ul style="list-style-type: none"> • Cadernos Pautados • Lápis

Materiais Utilizados		<ul style="list-style-type: none">• Esferográficas• Borrachas• Livro: “O Segredo do Rio” de Miguel Sousa Tavares
----------------------	--	--

Ateliê: Leitura e Escrita

Total de Alunos: 4

Data: 02.12.10

Horas: 11.00 / 11.50

Alunos Presentes: 4 (A1, A4, A25 e A41)

Assunto da Sessão: Leitura do Conto e Interpretação

Aspectos Identificados	Aspectos Específicos	Observação
A Dinâmica da Sessão	Diferentes momentos existentes durante o ateliê.	<ul style="list-style-type: none"> • Quando os alunos chegaram à actividade vinham com a Técnica pois não sabiam o seu horário e a Técnica teve de os ir chamar para a actividade. • A Técnica esteve um pouco a falar com os alunos para que se criasse um clima descontraído antes de começar a sessão de leitura do livro “Caracóis de Ouro”. • A Técnica explicou aos alunos o que se ia desenvolver na sessão e apresentou diferentes livros para que estes escolhessem o que queriam ouvir ler, onde os alunos escolheram o livro “Caracóis de Ouro”. • Depois de feita a selecção do livro a Técnica começou a ler e interrompendo sempre a leitura quando algum aluno pedia algum esclarecimento ou mesmo quando o aluno lhe queria contar alguma coisa que não tinha a ver com o livro. • Durante a leitura do livro a Técnica ia sempre mostrando as imagens e, por vezes, antes de ler a página a Técnica mostrava as ilustrações aos alunos para que estes pudessem pensar um pouco no que poderia dizer aquela página. Nesta fase o aluno mais

		<p>interventivo foi o aluno A25, mostrando-se sempre muito atento, os outros alunos só participavam quando a Técnica pedia a sua participação.</p> <ul style="list-style-type: none">• A Aluna A4 durante a leitura pediu a Técnica se podia ir a actividade de Dança, onde a Técnica lhe disse que não podia ir porque já tinha ido na semana anterior e não podia ir todas as semanas pois não pertencia aquela actividade.• Quando terminou a leitura os alunos bateram palmas e disseram que gostaram da história.• Os alunos pediram para verem as imagens do Livro e, por isso, o Livro passou por todos os alunos para que estes contactassem com o livro e com a forma como este era organizado• Posteriormente aos alunos terem visto o livro a Técnica incentivou-os a recontarem a história para que estes reflectissem sobre o conto, nesta tarefa os alunos A25 e A4 destacaram-se em relação aos seus colegas, os outros dois colegas mostraram ter alguma dificuldade na linguagem e por isso não participaram muito.• A aluna A4 durante a tarefa pediu para ir a casa de banho, onde lhe foi permitido.• No fim a Técnica perguntou aos alunos o que estes queriam fazer e estes disseram que queriam pintar um desenho, visto isto, a Técnica já tinha alguns desenhos sobre a história, pois segundo esta os alunos gostam de pintar e por isso geralmente é o que lhe pedem.• Enquanto a Técnica foi buscar os desenhos a aluna A1 escondeu-lhe a mala e estava a rir-se à gargalhada, os seus colegas disseram logo à Técnica o que se tinha passado muito indignados pois não achavam bem, a Técnica achou graça à brincadeira.• Decorrida esta situação a Técnica distribuiu os desenhos e
--	--	--

		<p>colocou as canetas para que os alunos pudessem pintar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Enquanto os alunos pintavam iam dizendo piadas uns aos outros e a Técnica ia mediando o que estes iam dizendo para que não existissem conflitos. A aluna A1 era quem se brincava mais com os colegas, onde a Técnica a chamava à atenção para que não abusasse da confiança dos seus colegas. • Esta tarefa dominou a sessão até ao término da sessão. • No final da sessão a Técnica disse que os alunos podiam ir ao intervalo para comerem uma peça de fruta.
Competências Observadas na Técnica	Comunicação Oral; Afectos; Estratégias de Transmissão de Conhecimentos.	<ul style="list-style-type: none"> • A Técnica demonstrou ter muita compreensão com os alunos no que diz respeito às suas dificuldades e à sua falta de atenção no decorrer da sessão. • Sempre que os alunos não compreendiam o que dizia na história a Técnica explicava de forma que estes percebessem o que a história queria transmitir. • Leitura dinâmica, sempre pedindo a intervenção dos alunos.
Intervenção da Técnica com o Grupo	Apoio aos Alunos; Brincadeiras; Chamadas de Atenção	<ul style="list-style-type: none"> • Durante a sessão a Técnica brincou com os alunos e foi sempre bastante afectuosa com estes. • Quando algum aluno não estava a conseguir estar atento a Técnica chamava a atenção para que este se concentrasse ou pedia a sua participação. • A Aluna A1 quando brincava com os seus colegas, mas abusando um pouco destes a Técnica chamava à atenção
Pedidos de Auxílio dos Alunos	Relação de Entre-Ajuda	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos mantiveram uma postura individualista, trabalhando separadamente, ou seja, não se ajudavam uns aos outros, nem reflectiam em conjunto.
Intervenção dos Alunos	Modos de Participação dos Alunos.	<ul style="list-style-type: none"> • A aluna A4 e o aluno A25 sempre muito participativos. • A aluna A1 sempre com uma postura de brincadeira; • O aluno A41 muito observador e calado, só falando se a Técnica

		se dirigisse a ela.
As Metodologia Utilizadas para a Transmissão do Conhecimento		<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e Interpretação de uma história.
Reacções do Público-Alvo	Positivas ou Negativas consoante as Situações Sucedidas.	<ul style="list-style-type: none"> • A participação activa do aluno A25 demonstrava que estava a gostar da tarefa. • O facto de os alunos terem batido palmas depois da leitura da história mostrou que estavam a gostar da tarefa • A aluna A1 esteve sempre bastante distraída durante a sessão, embora na leitura da história esteve calma e atenta.
Dificuldades da Técnica		<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade em colocar a aluna A1 atenta à sessão. • Dificuldade em colocar o aluno A41 a participar • Dificuldade em colocar as alunas a realizar a tarefa em grupo.
Dificuldades dos Alunos		<ul style="list-style-type: none"> • A Aluna A1 esteve sempre a brincar sem prestar muita atenção as tarefas desenvolvidas; • O aluno A41 como é espanhol tem algumas dificuldades em se expressar.
Actividades Desenvolvidas		<ul style="list-style-type: none"> • Leitura da história; • Reflexão sobre a história; • Pintura de desenhos alusivos sobre a história.
Ambiente do Ateliê	Positivo; Alegre; Triste; Desanimador.	<ul style="list-style-type: none"> • Ambiente alegre e dinâmico.
Materiais Utilizados		<ul style="list-style-type: none"> • Livro: Contos de Sempre: “Caracóis de Ouro”; • Papel; • Canetas de Feltro.

Ateliê: Leitura e Escrita

Total de Alunos: 2

Data: 11.01.2011

Horas: 09.00 / 09.50

Alunos Presentes: 2 (A5 e A6)

Assunto da Sessão: Leitura do Livro “O Gato das Botas”

Aspectos Identificados	Aspectos Específicos	Observação
A Dinâmica da Sessão	Diferentes momentos existentes durante o ateliê.	<ul style="list-style-type: none">• As alunas chegaram à sessão e sentaram-se à mesa, onde se iniciou um pequeno diálogo entre a Técnica e as alunas, para que esta compreendesse como é que as alunas se estavam a sentir e o que lhe contassem o que tinham feito no dia anterior.• Seguidamente a Técnica pediu às alunas que seleccionassem da estante o livro que se iria ler nesse dia. As alunas aderiram logo ao pedido da Técnica.• A aluna A6 seleccionou livros que já tinham sido trabalhados em sessão, segundo a Técnica e, por isso, esta incentivou a aluna a escolher outro livro. No final o livro seleccionado foi encontrado pela aluna A5, sendo ele “O Gato das Botas”.• Como as alunas não sabiam ler, quem leu o livro foi a Técnica. Durante a leitura as alunas foram sempre comentando as ilustrações, embora houvesse momentos em que a Técnica questionava sobre a história e não sabiam responder às questões, mostrando que não se encontravam com atenção em determinados momentos. Desta forma, a Técnica parou a leitura

		<p>e perguntou às alunas porque estavam desatentas, onde estas só pediram desculpa e não explicaram o motivo da falta de atenção, mesmo a técnica insistindo que gostava de saber o porquê de não existir concentração.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A leitura foi retomada onde a Técnica ia sempre pedindo a participação das alunas, onde estas já respondiam acertadamente às questões e estavam mais dinâmicas falando sobre a história e sobre as ilustrações. • Ao longo da leitura a Técnica ia enfatizando a voz, baseada no desenrolar da história, onde as alunas iam rindo com a brincadeira das diferentes vozes, principalmente a aluna A6. • No final da leitura a Técnica deixou as alunas verem individualmente o livro e, por fim, recontaram em conjunto a história. A aluna A1 foi a que mais participou e estava mais motivada do que a aluna A6. • Quase no final da sessão as alunas pediram para pintar imagens alusivas à história, pedindo para levar as imagens para casa. • Antes das alunas saírem da sessão a Técnica deu-lhes um beijo e desejou-lhes um bom dia de trabalho.
Competências Observadas na Técnica	Comunicação Oral; Afectos; Estratégias de Transmissão de Conhecimentos.	<ul style="list-style-type: none"> • A Técnica demonstrou ter muita compreensão com os alunos no que diz respeito às suas dificuldades e à sua falta de atenção no decorrer da sessão. • Sempre que os alunos não compreendiam o que dizia na história a Técnica explicava de forma que estes percebessem o que a história queria transmitir. • Leitura dinâmica, sempre pedindo a intervenção dos alunos.
Intervenção da Técnica com o Grupo	Apoio aos Alunos; Brincadeiras; Chamadas de Atenção	<ul style="list-style-type: none"> • Durante a sessão a Técnica foi sempre bastante afectuosa com as alunas. • Quando alguma aluna não estava a conseguir estar atenta a Técnica chamava a atenção para que este se concentrasse ou

		<p>pedia a sua participação.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A ênfase que deu à sua voz na leitura da história fez com que as alunas ficassem mais curiosas com o que se ia desenrolar na história.
Pedidos de Auxilio dos Alunos	Relação de Entre-Ajuda	<ul style="list-style-type: none"> • Durante a sessão as alunas não pediram ajuda para resolver as suas dificuldades. • Quando as alunas contaram novamente a história, existiu uma boa participação por parte das alunas, embora a aluna A5 fosse mais empenhada.
Intervenção dos Alunos	Modos de Participação dos Alunos.	<ul style="list-style-type: none"> • A participação mais activa da aluna A5, depois da chamada de atenção por parte da Técnica. • A aluna A6 participou durante a sessão, contudo, nunca foi uma participação por iniciativa própria a aluna tinha de ser sempre motivada pela Técnica.
As Metodologia Utilizadas para a Transmissão do Conhecimento	Exposição; Ensino da Aplicação dos Materiais; Ensino das Diferentes Técnicas Artísticas.	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e Interpretação de uma história.
Reacções do Público-Alvo	Positivas ou Negativas consoante as Situações Sucedidas.	<ul style="list-style-type: none"> • O facto de a Técnica ser muito afectuosa com as alunas, estas se sentiam confortáveis e, por isso, estiveram sempre com um sorriso no rosto.
Dificuldades da Técnica		<ul style="list-style-type: none"> • Por vezes, a Técnica teve dificuldades em manter as alunas concentradas no desenvolvimento das tarefas.
Dificuldades dos Alunos		<ul style="list-style-type: none"> • Ambas as alunas tiveram dificuldades em pedir auxilio para a resolução das suas dúvidas.
Actividades Desenvolvidas		<ul style="list-style-type: none"> • Leitura da história; • Reflexão sobre a história; • Pintura de desenhos alusivos sobre a história.

Ambiente do Ateliê	Positivo; Alegre; Triste; Desanimador.	<ul style="list-style-type: none">• Ambiente afectuoso, alegre e dinâmico.
Materiais Utilizados		<ul style="list-style-type: none">• Livro de Contos;• Papel A4;• Canetas de Feltro• Lápis de Colorir.

Ateliê: Leitura e Escrita

Total de Alunos: 3

Data: 21.02.2011

Horas: 11.00 / 11.50

Alunos Presentes: 3 (A10, A18, A32)

Assunto da Sessão: Leitura do Livro “A Bela e o Monstro”

Aspectos Identificados	Aspectos Específicos	Observação
A Dinâmica da Sessão	Diferentes momentos existentes durante o ateliê.	<ul style="list-style-type: none">• A sessão iniciou-se com um pequeno diálogo inicial entre a Técnica e os alunos onde estes contaram como foi o fim-de-semana. Os alunos estavam muito animados enquanto contavam, a aluna A10 disse que tinha ido ao cinema com os seus colegas da Residência, o aluno A32 disse que tinha ido passar o fim-de-semana com os seus padrinhos e que tinha sido muito divertido e a aluna A18, como mora na Residência, explicou que tinha ido passar com a mãe.• A seguir a todos terem exposto o que tinham feito, a Técnica explicou que nessa sessão os alunos A10 e A32 iam ler um livro em conjunto e que a aluna A10 ia ouvir e recontar a história, pois como não sabia ler acabava por compreender o conteúdo transmitido.• A história que foi lida foi a Bela e o Monstro, a Técnica explicou-me que liam contos tradicionais porque tinham uma linguagem simples e que os alunos percebiam, desta forma, a

		<p>primeira aluna a ler foi a A10.</p> <ul style="list-style-type: none">• A aluna A10 ficou muito contente por ler, pois segundo a Técnica tem-se esforçado muito por aprender a ler correctamente. A aluna leu a primeira página do livro de uma forma muito nervosa, embora lê-se já sem dificuldades a técnica foi sempre tentando corrigir a forma como lia no que dizia respeito à pontuação, pois não efectuava as paragens necessárias, nem entoava a voz de forma a se perceber, por exemplo, se era uma pergunta ou uma afirmação. Ao longo da leitura da aluna também deu para entender que esta tinha dificuldades a ler porque tinha dificuldades no campo da linguagem.• A segunda página foi o aluno A32 que leu, este aluno demonstrou mais dificuldades que a aluna A10, mas mostrou grande empenho para aprender. Este aluno ainda tem de juntar as letras para conseguir ler as palavras. A Técnica esteve sempre a seu lado a incentivar e a ajudar na leitura para que este não perdesse a motivação.• Ao longo da leitura a Técnica ia fazendo algumas questões à aluna A18 para que ela estivesse atenta à história, onde esta demonstrou estar muito concentrada, respondendo sempre acertadamente às questões.• A meio da sessão a aluna A18 pediu para ir à casa de banho, onde a Técnica deixou.• Enquanto a aluna A18 foi à casa de banho os alunos continuaram a ler, mas quando a aluna regressou a Técnica pediu para que os alunos parassem de ler e explicassem à sua colega o que tinham lido para que a aluna A18 percebesse a história. Os seus colegas foram muito prestativos a explicar à sua colega, embora a aluna A10 não se empenhasse tanto como o aluno A32.• A aluna A18 agradeceu aos seus colegas pela explicação e a
--	--	--

		<p>Técnica pediu à aluna A10 para continuar a ler.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A sessão esteve sempre preenchida pela leitura do livro até ao seu final. • Quando os alunos terminaram de ler o livro, a Técnica pediu à aluna A18 para recontar a história com o auxílio das ilustrações do livro. A aluna realizou muito bem a tarefa sugerida, mas com algum apoio dos seus colegas, mostrando que esteve sempre muito atenta à leitura. • No final da sessão a Técnica agradeceu por os alunos terem participado tão bem na sessão e estes mostraram que tinham gostado.
Competências Observadas na Técnica	Comunicação Oral; Afectos; Estratégias de Transmissão de Conhecimentos.	<ul style="list-style-type: none"> • A técnica esteve sempre muito atenta às necessidades dos alunos. • Mostrou sempre uma atitude positiva tanto quando os alunos erravam ou acertavam para os motivar. • Sempre muito meiga para com os alunos. • A Técnica estava sempre a chamar os alunos a participar para que estivessem sempre atentos à sessão e para se sentirem integrados na leitura.
Intervenção da Técnica com o Grupo	Apoio aos Alunos; Brincadeiras; Chamadas de Atenção	<ul style="list-style-type: none"> • Durante a sessão a Técnica brincou com os alunos e foi sempre bastante afectuosa com estes. • Ao longo de toda a sessão existiu sempre um clima descontraído e sempre muita brincadeira entre a Técnica e os alunos.
Pedidos de Auxílio dos Alunos	Relação de Entre-Ajuda	<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos apoiaram-se sempre muito, principalmente no que diz respeito à aluna A18, pois estavam a tentar sempre que esta percebe-se o que se estava a passar na história.
Intervenção dos Alunos	Modos de Participação dos Alunos.	<ul style="list-style-type: none"> • Todos os alunos participaram muito na sessão, cada um de sua forma. Os alunos A10 e A32, sempre muito empenhados na leitura e a aluna A18 na resposta acertada às questões que lhe iam sendo colocadas.

As Metodologia Utilizadas para a Transmissão do Conhecimento		<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e Interpretação de uma história.
Reações do Público-Alvo	Positivas ou Negativas consoante as Situações Sucedidas.	<ul style="list-style-type: none"> • O facto de a Técnica ser muito afectuosa e atenta com os alunos, estes sentiam-se confortáveis e, por isso, estiveram sempre com um sorriso no rosto.
Dificuldades da Técnica		<ul style="list-style-type: none"> • Como os alunos estavam muito empenhados não existiram grandes dificuldades por parte da Técnica para dinamizar a sessão.
Dificuldades dos Alunos		<ul style="list-style-type: none"> • Os alunos A10 e A32 tiveram algumas dificuldades na leitura do texto, mas com o auxílio da Técnica conseguiram superar.
Actividades Desenvolvidas		<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e interpretação de uma história.
Ambiente do Ateliê	Positivo; Alegre; Triste; Desanimador.	<ul style="list-style-type: none"> • Ambiente afectuoso, alegre e dinâmico
Materiais Utilizados		<ul style="list-style-type: none"> • Livro da história “A Bela e o Monstro”.